



Sociedade das Ciências Antigas

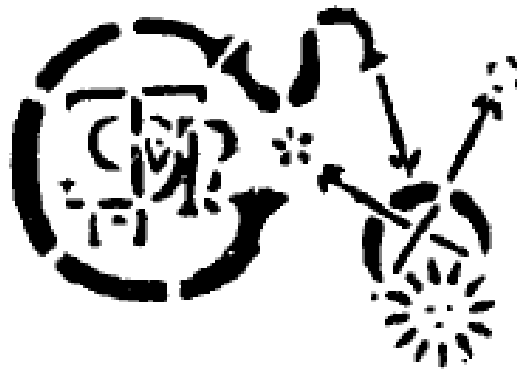
***O ILUMINISMO NA FRANÇA
1767 - 1774***

MARTINES DE PASQUALLY

***SUA VIDA – SUAS PRÁTICAS MÁGICAS
SUA OBRA – SEUS DISCÍPULOS***

POR

PAPUS



TRADUZIDO DO ORIGINAL FRANCÊS

***MARTINES DE PASQUALLY – SA VIE – SES PRATIQUES
MAGIQUES – SON OEUVRE – SES DISCIPLES***

***BIBLIOTHÈQUE CHACORNAC
PARIS - 1895***

SÃO PAULO – BRASIL

2005

Introdução	3
Os arquivos	7
Vida de Martines de Pasqually (de 1767 a 1772)	9
A Doença de Martines	10
O Casamento de Martines	10
A Esposa de Pasqually	10
Colas de Pasqually	11
O filho de Martines	11
Martines médico	12
Ocupação de Martines em Bordeaux	12
O caso Du Guers	14
Para Dom Martines	16
As dívidas do Mestre	19
A morte do Mestre	24
As Práticas Mágicas	26
A Doutrina de Martines de Pasqually	26
Iniciação de Willermoz	28
Regime – Correspondências astronômicas – Preces	28
Dados astrológicos – Preces	29
Sobre o círculo mágico	29
Os equinócios	30
O círculo de retirada e o quarto de círculo	30
Vestimentas	31
A prosternação	31
Incensos	31
Duração da Operação	32
Os círios – Sobre a abertura dos círculos	32
Seqüência da Iniciação (1770)	32
Os círculos	32
As visões	33
Em nome do Grande Arquiteto do Universo	33
Recuperação da mulher de Martines por uma operação mágica	36
La Chose	36
Da Invocação	37
Influências astrais – a Lua	37
O trabalho dos três dias	37
Esperança de um sucesso próximo	38
As Potências	39
A Doutrina	39
Fraqueza e Grandeza do Homem	41
A prática – Estado e Reintegração do Homem	41
Objetivo da Ordem – o Homem de Desejo	41
Os "Predecessores"	42
A mão humana	42
"O Verdadeiro Homem"	42
A queda – o homem distinto de seu corpo	42
Liberdade do homem	43
Origem do Mal	43
A ciência secreta	43
Últimas consolações	44
A Obra de realização de Martines	44
As sociedades secretas e seu princípio	44

Do estado das Sociedades Secretas à época da Revolução	45
Estado das Sociedades Secretas em 1785	46
O Grande Oriente e suas origens.....	47
A Enciclopédia.....	48
O Rito Templário	49
O Martinismo	50
As sociedades secretas de Lion (1772).....	50
Grande-Oriente e Iluminismo	51
Propaganda pessoal de Martines	52
Do Grande-Oriente dos Orientes de Bordeaux ao Grande-Oriente de Lion.....	53
Ao Grande Oriente de Lion	53
Formalidade para a correspondência.....	54
Títulos de Willermoz.....	55
Irregularidade no Ritual de Recepção	55
Os iniciados desde 1761	55
Os cadernos dos Graus	56
Organização em Lion	56
Os Graus	57
Chegada de Saint-Martin	57
O Templo de Libourne	57
Propaganda da Ordem	58
Blanquet.....	58
Organização da Ordem.....	59
Custo dos Graus	60
Progresso da Ordem	60
Resumo de uma resposta de Dom Martines de Dordeaux.....	61
A Obra de Martines	64
O Abade Rozier.....	64
Recepção dos novos membros	65
As instruções e os graus.....	65
O sucessor de Martines.....	65
A Loja Nacional da França	66
O Estatuto Geral.....	66
Os adeptos de Martines	66
Conclusão	67
Os Críticos e Martines e o papel dos Martinistas desde Martines até nossos dias	67
Martines e seus biógrafos	67
Estado do Martinismo desde sua fundação até os nossos dias	68

Ao amigo Vitte, engenheiro, antigo aluno da
École Polytechnique e Apóstolo da Unidade,
dedico este resumo dos esforços de Martines.

PAPUS

INTRODUÇÃO

Até o presente, não se possuía nenhum documento sério que permitisse elucidar a vida de um dos homens que mais contribuiu para o desenvolvimento e para a propagação do iluminismo na França, Martines de Pasqually, o iniciador de Louis Claude de Saint-Martin, denominado Filósofo Desconhecido e fundador dos ritos dos Elu Cohen.

Representante da tradição Martinista, nós fomos postos defronte à mesma, graças à nossa loja de Lion, para estudar os arquivos milagrosamente salvos e que permitiram lançar uma luz decisiva sobre a história do iluminismo na França do século XVIII e sobre as relações das lojas com a Estrita Observância do barão de Hundt.

Estes arquivos são provenientes de um homem apenas conhecido por autores especiais, Jean Baptiste Willermoz, posto à frente do movimento esotérico em Lion e que desempenhou um papel dos mais importantes na história do Martinismo.

Entre os documentos preciosos que estão contidos nos arquivos, nós estudamos em especial:

- 1) A correspondência de Martines de Pasqually com Willermoz (1767 – 1774).
- 2) A correspondência de Louis Claude de Saint-Martin com Willermoz, *correspondência de iniciado a iniciado*, composta por quarenta e oito cartas (1771 – 1790).
- 3) A correspondência de alguns outros iniciados, como o abade Fournier (dez cartas, 1778 – 1787), mais os catecismos, as comunicações escritas e os rituais dos Elu Cohens e dos Cavaleiros Benfeitores da Cidade Santa (CBCS).

Compreende-se como esta classificação exige cuidados especiais para ser organizada e para permitir de se estabelecer, enfim, uma história verdadeira do iluminismo na França.

Desta maneira, decidimos dividir a tarefa em três partes, formando cada uma delas uma obra distinta das outras. Nós consagraremos, dessa forma, um estudo especial:

- 1) a Martines de Pasqually;
- 2) a Louis Claude de Saint-Martin;
- 3) a Willermoz e a seus documentos oriundos em grande parte da Convenção de Wilhemsbad.

É o estudo consagrado a Martines de Pasqually que hoje destinamos ao público. Este trabalho foi iniciado por nós em Lion, em Julho último (1893), e continuado até este dia (16 de Outubro), sem interrupção.

Para indicar aos leitores o caráter de nossas pesquisas, abordaremos sucessivamente os seguintes pontos:

- 1) Estado das cartas de Martines de Pasqually (estilo ortográfico, temas tratados).
- 2) Pesquisas referentes à autenticidade destes documentos. História dos arquivos.
- 3) Método que seguimos para a publicação destes documentos, vida doutrina e obra de Martines. Esclarecimentos pessoais
- 4) Refutação dos inevitáveis erros que foram cometidos pelos historiadores devido à falta de certos documentos.

As cartas de Martines a Willermoz, obtidas de folhas de rascunho e de cópias, que são em número de vinte e oito, são assim distribuídas:

1767: 2 cartas in-1º de 4 páginas, 19 de Junho de 1767, 19 de Setembro de 1767.

1768: 1 carta in-1º de 4 páginas, 20 de Junho de 1768.
 1 carta in-4º de 4 páginas, 2 de Setembro de 1768.
 1 carta in-1º de 4 páginas, 11 de Setembro de 1768.
 1 carta in-1º de 3 páginas, 18 de Setembro de 1768.
 1 carta in-4º de 3 páginas, 27 de Setembro de 1768.
 1 carta in-4º de 4 páginas, 2 de Outubro de 1768.
 1 carta in-4º de 3 páginas, 25 de Setembro de 1768.

- 1769:** 1 carta in-^o de 4 páginas, 23 de Janeiro de 1769.
 1 carta in-⁴ de 4 páginas, 19 de Fevereiro de 1769.
 1 carta in-⁴ de 5 páginas, 3 de Maio de 1769.
 1 carta in-⁴ de 4 páginas, 8 de Abril de 1769.
 1 carta in-⁴ de 3 páginas, 29 de Agosto de 1769.
- 1770:** 1 carta in-^o de 4 páginas, 20 de Janeiro de 1770.
 1 carta in-⁴ de 4 páginas, 16 de Fevereiro de 1770.
 1 carta in-^o de 4 páginas, 13 de Março de 1770.
 1 carta in-⁴ de 4 páginas, 7 de Abril de 1770.
 1 carta in-⁴ de 8 páginas, 11 de Julho de 1770.
 1 carta in-⁴ de 3 páginas, 16 de Dezembro de 1770.
- 1771:** 1 carta in-⁴ de 3 páginas, 27 de Agosto de 1771.
 1 carta in-⁴ de 3 páginas, 1^o de Novembro de 1771.
 1 carta in-⁴ de 3 páginas, 26 de Novembro de 1771.
- 1772:** 1 carta in-⁴ de 2 páginas, 13 de Janeiro de 1772.
 1 carta in-⁴ de 2 páginas, 17 de Abril de 1772.
- 1773:** 1 carta in-⁴ de 4 páginas, 12 de Outubro de 1773.
- 1774:** 1 carta in-⁴ de 3 páginas, 24 de Abril de 1774.
 1 carta in-⁴ de 4 páginas, 3 de Agosto de 1774.

Todas estas cartas estão perfeitamente conservadas.

O estilo destas cartas é relativamente claro, sobretudo quando se recorda que elas foram escritas por um estrangeiro. As idéias expostas são, com freqüência, muito elevadas, principalmente quando o mestre aborda a doutrina.

A ortografia, contudo, é das mais bizarras, e nós tivemos de fazer verdadeiras traduções dos extratos que citamos no curso deste trabalho; esta foi uma das partes mais árduas da nossa tarefa. Sem esta precaução, teria sido impossível para o leitor seguir o pensamento de Martines. Na seqüência damos como exemplo um simples extrato da seguinte carta de 19 de Setembro de 1767 (a qual contém diversos erros de ortografia¹):

"O atraso deve ser atribuído a uma enfermidade bastante considerável que me acometeu por cerca de um mês e meio, sem condições de suportar minha cabeça, por causa de uma inflamação atroz que tive no canto da orelha direita. Ademais, sofri uma gripe considerável. Dói-me todo o peito. Ajunte a todos esses males uma fígada no lado e uma boa febre. Eu me pergunto se um desses males apenas não teria sido o bastante para me arrepender de qualquer falta que teria podido cometer contra o Grande Mestre, supondo que não tinha me dado conta disso".

Assim, veremos na seqüência que cada carta aborda temas os mais diversos, insistindo particularmente em diversos pontos: desde a iniciação de Willermoz à prática e a constituição da sociedade de Martines.

Todos os autores que mencionaram o fundador do Martinismo escrevem seu nome: *Martinez de Pasqualis*. Por outra parte, todas as cartas endereçadas a Willermoz são rubricadas:

¹ Por exemplo, no original temos *ases* e *asé* em lugar de *assez*, *tette* em vez de *tête*; *epolles*, *prets*, *or détat*, *fut*, respectivamente, em lugar de *épaulles*, *près*, *hors d'état*, *fusse*.

Don Martines de Pasqually.

Uma carta de 1º de Novembro de 1771 está assinada:

Depasqually de la Tour.

E é esse nome que Martines utiliza ao enviar sua correspondência de Paris: "Depasqually da la Tour, aos Três-Reis, rua Montorgueil, perto da Comédia italiana". (carta de Paris de 27 de Abril de 1771). Também, as cartas escritas rapidamente são assinadas:

D. P. D. L. T.

Abreviação da assinatura precedente. (carta de Bordeaux de 26 de Novembro de 1771).

Entretanto os atos oficiais são geralmente assinados "Don Martines de Pasqually, Grande Soberano" e esta assinatura é seguida pelo glifo esotérico de Martines. Esse glifo substitui com muita frequência a sua assinatura. (Carta de Porto Príncipe de 24 de abril de 1774).

Enfim, na carta de 17 de Abril de 1772, anunciando a iniciação de Saint-Martin, o glifo e um outro signo que o acompanha foram marcados duas vezes.



Assinatura de Martines
(*Fotografia de um manuscrito*)

Que podemos deduzir desta assinatura?

Não insistiremos, senão em um único ponto.

Observemos a palavra **Don**, escrita com um **n** e não com **m**. Nós podemos admitir que, quaisquer que fossem as dificuldades que havia tido Martines com a ortografia, ele ao menos sabia escrever corretamente seu próprio nome. Ora, um Português teria o escrúpulo de sempre escrever **Dom** diante de seu nome, e aqueles que conheciam os costumes locais sabem que jamais ele chegaria a ser confundido com um Espanhol por escrever **Don**.

Até prova em contrário, persistiremos portanto em não considerar Martines como Português. Isto nos conduz a verificar as marcas de autenticidade das cartas do mestre.

Os documentos que possuímos têm como certo o caráter da mais completa autenticidade. Mas sempre se depara com espíritos desgostosos para os quais as provas históricas e morais não bastam, e que desejam uma destas provas factuais, irrefutáveis pela sua brutalidade. Sem nos deter, assim, à concordância das datas, à exatidão dos detalhes evocados, notadamente no que se concerne a Saint-Martin, fizemos o possível para descobrir um ato oficial corroborando as indicações contidas nas cartas que nós possuímos. Para tanto, dois atos eram para nós da mais alta importância. Primeiro, uma certidão de casamento de Martines, que nos indicou a idade exata e a verdadeira pátria do Mestre; em seguida, a certidão de nascimento de seu filho.

Nós escrevemos em Bordeaux, e devemos publicamente prestar homenagem à cortesia com a qual o Sr. Duval, arquivista da cidade, com toda boa vontade se colocou à nossa inteira disposição. Primeiramente pedimos ao Sr. Duval que executasse algumas pesquisas acerca da certidão de casamento. Eis a carta que ele nos enviou sobre este assunto:

Bordeau, 4 de Julho de 1893.

"Senhor",

"De acordo com vosso pedido, realizei as buscas sobre a certidão de casamento de Martines de Pasqually, ocorrida em Bordeaux entre 2 e 10 de Setembro de 1767, de acordo com vossas anotações".

"Os arquivos de todas as paróquias da cidade, de todos os registros para os católicos, protestantes e israelitas foram percorridos de 1750 a 1780 e não forneceram nenhuma informação, seja sobre o nome de Martines, seja sobre Pasqually".

"Aceitai, Senhor, a certeza de minha distinta consideração".

Duval
Arquivista da cidade

Deste lado, meus esforços pareciam que iriam permanecer infrutíferos. Mas Martinez anunciou em uma de suas cartas o nascimento e o batismo de seu filho. Nós nos entregamos à tarefa de fornecer ao Sr. Duval o máximo de detalhes possíveis, e em 21 de julho nós recebemos a seguinte carta, que confirma de uma forma absoluta a autenticidade dos documentos de que estamos de posse.

Bordeau, 31 de Julho de 1893

"Senhor",

"Eu retomei as pesquisas relativas à certidão de casamento de don Martines de Pasqually; elas não deram melhores resultados do que aquelas feitas na ocasião de vossa primeira carta. Portanto, é pouco provável que esse matrimônio tivesse ocorrido em Bordeaux".

"Tive maior felicidade com respeito à certidão de batismo que me pedis, e eu envio anexo uma cópia literal, respeitando a ortografia".

"Aceitai, Senhor, a certeza de minha perfeita consideração".

Duval
Arquivista da cidade

"Em 1768, 20 de Junho foi batizado: *messire* Jean Jaques Philippe Joacin Anselme da la Tour da la Case, filho legítimo de *sire* Jacques Delivon Joacin Latour de la case don Martines de Pasqually e da senhora Marguerite Angelique de Colas, de St. Michel; Padrinho: François Vissières; Madrinha: Catherine Roussillon. O pai assinou a certidão".

"*Assinaram o registro*: don Martines Depasqually, pai; Arnaud Caprain; Canihac; Lérís, vigário".

"Na margem está escrito: Batismo de *messire* Jean Jaques Philippe Joacin Anselme de Pasqually".

(Arquivos municipais de Bordeaux, série GG, registros paroquiais, nº 240. Paróquia Santa Cruz, artigo 980).

ARQUIVOS

Agora que estamos certos do valor real das cartas de Martines, resumiremos o melhor possível a história dos arquivos desde Willermoz até os nossos dias.

Após a Convenção de Wilhemsbadt, onde o Martinismo desempenhou um papel tão importante, uma aliança foi feita entre os Martinistas e os representantes da Estrita Observância. Os arquivos destinados à criação do rito reformado haviam sido confiados ao diretor da Província de Auvergne, o T.: P.: M.: Jean Baptiste Willermoz, negociante Lionês. Isso se passou em 1782. As negociações se seguiram durante os anos seguintes e em 1789, os sintomas da Revolução Francesa interromperam bruscamente o trabalho em curso.

Passemos a palavra a Willermoz, em uma carta escrita em 1810 para o Príncipe de Hesse:

"Eu ignorava isso que se passava nos diversos rincões da França, já que não é mais possível de se corresponder com mais ninguém. Mas, dois ou três dias antes do início do cerco que ameaçava a cidade de Lion, temeroso dos perigos que rondavam os Arquivos provinciais cujo depósito me foi confiado na casa da Ordem, situada fora da cidade, eu me dirigi até lá o mais secretamente possível, com um só corajoso criado a me defender; esvaziei os armários e apressadamente amontoei tudo o que eles continham nas malas e tive a imensa fortuna de conseguir retornar à cidade no mesmo dia. Porque, desde o dia seguinte, não haveria mais tempo; a ponte de comunicação da cidade à casa da Ordem havia se rompido, e três dias mais tarde, esta casa, e tudo o que não pude carregar foi incendiado e reduzido a cinzas. Uma bomba atirada sobre a casa, na cidade onde eu acabara de me hospedar, reduziu a pó uma dessas malas repletas de registros, processos verbais e documentos de toda espécie. Após o cerco, eu me vi, por novos perigos ainda mais prementes, obrigado e forçado a fugir e me esconder, de reduzir ao menor volume possível esses arquivos, a fim de poder levar comigo o que não consegui enterrar ou depositar em mãos seguras. Acabei sendo capturado e aprisionado três vezes, e na terceira, no mesmo dia em que tinha sido condenado à morte para o dia seguinte, a queda do atroz tirano da França, Robespierre, me granjeou a liberdade".

(Carta ao Príncipe de Hesse, pág. 7 do manuscrito)

Essa preocupação constante da salvação dos arquivos na iminência dos mais prementes perigos não é admirável e não merece o vívido reconhecimento de todos os sinceros amigos da Verdade?

Alguns anos mais tarde, Willermoz morre e lega seu precioso depósito a seu sobrinho, o iniciado pelo próprio Willermoz e ordenado Grande Mestre Professo. À morte deste, sua mulher confiou os papéis a um amigo segura e profundamente devotado a esses ideais o Sr. Cavarnier.

No meio dos sucessos materiais e dos trabalhos quotidianos, este homem de bem encontrou tempo de prosseguir com seus estudos e foi levado progressivamente a se aprofundar no ocultismo, do qual se tornaria um fervoroso adepto, trabalhando sozinho e sem confiar suas pesquisas a nenhuma sociedade.

Mas, sentindo o peso da responsabilidade que pesava sobre ele, caso os arquivos se perdessem, Cavarnier teve por um segundo o desejo intenso de salvar o depósito sagrado e todos nós sabemos a potência com a qual o desejo se propaga no invisível.

Um dia, passando diante de uma pequena livraria, Cavarnier ficou fascinado, como nunca lhe aconteceu, pela loja. Ele entrou, indaga a pessoa que lá se encontra e constata, (talvez sem espanto, já que os intuitivos estão sujeitos a essa classe de fatos) que ele se acha diante do representante do Martinismo em Lion, Sr. Elie Steel, e que ele havia sido conduzido para os sucessores diretos daqueles que possuíam os arquivos.

Que dizer depois disso. Ciente disso que se passava, nosso amigo Vitte não hesitou em me mandar a Lion onde, durante uma semana, eu consultei e copiei os principais documentos. Tive o prazer de me encontrar com Cavarnier, e enxerguei nele o homem de coração, dignamente escolhido por nossos mestres para ser o guardião da sua espiritualidade.

Foi dessa maneira que eu pude reconstituir uma grande parte deste livro e da obra de Martines e que consegui esclarecer certos pontos da Vida de Saint-Martin, obscuros mesmo para seu melhor biógrafo o Sr. Matter.

Em tudo isso, meu mérito é nada, pois não sou mais que um simples instrumento escolhido por nossos mestres para colocar em dia aquilo que foi salvo após tantas peripécias. Minha única ambição é de ser um comentador fiel e um intérprete esclarecido dos documentos que por bem quiseram me confiar a sua publicação. Contudo, se meus esforços traíram minha boa vontade, ao menos farei todo o possível para que um outro possa ser mais feliz do que eu ao fornecer a meus leitores a maior parte dos originais em toda sua integridade. Espero assim responder, com o meu melhor, o grande favor do qual tive a honra de ter sido objeto. Esta será a minha única recompensa, como somente esta é a minha ambição.

Para justificar esse objetivo, qual método de publicação seria preciso adotar?

Seria preciso publicar sem comentários as cartas de Martines? Isto seria deixar ao leitor o cuidado de um trabalho metucioso, e que exigiria um longo tempo. Ademais, se o caráter de Saint-Martin se presta bem a tal método de publicação, a multiplicidade dos assuntos abordados por Martines em suas cartas tornaria tal método impossível de se realizar na prática.

Eis porque nós analisamos cada carta sob um tríplice ponto de vista:

- 1) Do ponto de vista da Vida material, os negócios e as viagens de Martines.
- 2) Do ponto de vista da Doutrina do Mestre e de suas práticas mágicas.
- 3) Do ponto de vista da realização prática e da Sociedade dos Elu Cohen.

Tal é a razão de ser de cada um dos capítulos desta obra.

Além disso, colocamos, precedendo cada um destas divisões, uma espécie de introdução resumindo nossas idéias pessoais referentes à doutrina Martinista (capítulo 2) e o caráter das sociedades secretas de acordo com o ensinamento do esoterismo.

Não falamos do trabalho que se necessitou para a elucidação das práticas mágicas do fundador do Martinismo, não mais que pesquisas que exigem o estudo da situação do Martinismo no seio das sociedades secretas dessa época; aqueles de nossos leitores que nos proporcionam a grande honra de seguir nossos trabalhos estão nos prestando justiça a este respeito. Quanto aos nossos adversários que não enxergam em nossas obras mais que compilações mais ou menos afortunadas e que nos adornam com o título de "vulgarizador do ocultismo", não procuramos convencê-los e esperamos, simplesmente, que eles estimarão muito esse trabalho para pilhá-lo quando tiverem a ocasião... sem citação de fonte, segundo sua louvável atitude.

As recompensas inesperadas que nos dispensa o invisível e a tranqüilidade de uma consciência certa de ter feito seu dever, são bens que nenhuma perfídia pode esperar e constituem a verdadeira fonte de felicidade para o homem encarnado.

Os iniciados à alta doutrina do Martinismo nos compreenderão quando nós os recordarmos que nosso primeiro dever é o de permanecer *incógnito* para aqueles que salvamos da ignorância ou do egoísmo, e *superiores* a todas as injustiças e a todas as vilanias do mundo profano.

PAPUS

Martines chega a Bordeaux pelo mês de Maio de 1767, vindo de Paris, após ter passado por Amboise, Blois, Tours, Poitiers, La Rochelle, Rochefort, Saintes e Blayes. Em cada uma destas cidades ele se pôs em contato com maçons para combater a influência da Loja dita de Clermont e para assentar as bases de um tratado com o Tribunal Soberano da ordem dos Elu Cohen.

Nós retomaremos todos esses detalhes a propósito da obra de realização de Martines. Neste instante, retomaremos o itinerário desta viagem que nos permite seguir o "Grande Soberano" na sua missão de propagação.

A carta de 19 de Junho de 1767 nos fornece todos esses detalhes, sendo dedicada somente às questões da ordem e é, sobretudo, interessante pelo fato que ela marca o nascimento da correspondência iniciática entre Martines e Willermoz.

Bruscamente a correspondência cessa nesse momento para ser retomada apenas três meses depois e, desta vez, começaremos a conhecer detalhes interessantes sobre o autor (19 de Setembro de 1767).

Diversos acontecimentos importantes ocorreram desde a chegada de Martines a Bordeaux.

De início, uma doença bastante grave que durou um mês e meio e cuja descrição merece ser cuidadosamente reportada.

DOENÇA DE MARTINES

"Uma enfermidade bastante considerável que me acometeu por cerca de um mês e meio, sem condições de suportar minha cabeça, por causa de uma inflamação atroz que tive no canto da orelha direita. Ademais, sofri uma gripe muito forte. Dói-me todo o peito. Ajuntai a todos estes males uma fisgada no lado e uma boa febre. Eu vos pergunto se um desses males apenas não teria sido o suficiente para me arrepender de qualquer falta que teria podido cometer contra o Grande Mestre, supondo que não tinha me dado conta disso".

Isto nos leva próximo do dia 19 de Junho à meados de Agosto, principalmente se atentarmos que essa doença, conseqüência provável das fadigas da viagem, deve ter irrompido alguns dias após o envio da carta de Junho. Acabando de se restabelecer, que fez Martines?

Ele contrai matrimônio.

CASAMENTO DE MARTINES

Esta questão do casamento de Martines é muito importante, pois ela ainda é ignorada por todos aqueles que se ocuparam do mestre. Principalmente, ela lança uma luz nas origens das relações que se estabeleceram mais tarde entre Martines e Saint-Martin.

"Eu não tenho mais em conta poder me encontrar com o meu Tribunal Soberano, como eles me fizeram prometer para o decorrer deste mês, seja pela minha pobre saúde, como também por meus negócios particulares e aqueles da casa da senhorita que eu desposei, há cerca de quinze dias neste país, e que é a sobrinha do antigo major do regimento de Foix".

O casamento, portanto, deve ter ocorrido no começo de Setembro de 1767, e foi através dessa mulher que Martines se colocou em relações com os oficiais desse regimento de Foix de onde saíram seus mais ilustres adeptos.

A ESPOSA DE PASQUALLY

Alguns detalhes sobre a mulher que o mestre acabara de desposar são interessantes de se notar. Sabemos que esta senhorita é a sobrinha do antigo major do regimento de Foix. A correspondência de Willermoz contém duas cartas da Senhora de Pasqually.

Aquela que nos é a mais útil para o momento é de 4 de Maio de 1771 e trata sobre a encomenda de um vestido. Ela é assinada por: **Colas de Pasqually**

Seria possível ler Colar, mas Willermoz foi bastante cuidadoso para bem estabelecer a ortografia do nome na anotação colocada no verso da carta.

Fizemos, assim, algumas pesquisas referentes ao nome de Colas.

Primeiro, buscamos no Estatuto militar da França "A História do Regimento de Foix".

No Estatuto de 1761 encontramos o Sr. Le Comte de Rougé, coronel desde 1758. Sr. De Lefrat, tenente-coronel e Sr. *Collas*, major.

Até 1762, encontramos o nome do Sr. Collas como major. "O Estatuto" de 1763 nos informa que pelo decreto de 10 de Dezembro de 1762 "o regimento de Foix está destinado ao serviço da Marinha e das Colônias e à guarda dos portos do reino". Eis porque encontramos apenas o nome do Sr. Coronel Le Comte de Maulevrier-Langeron em *Santo Domingo*.

É mais que provável que foi nessa época quando o Sr. Collas, major do regimento e tio da Sra. Pasqually, se retirou da vida militar.

O FILHO DE MARTINES

A carta de 20 de Junho de 1768 nos dá informações muito curiosas e muito instrutivas. Lemos que Martines consagrou todas as suas forças intelectuais à propagação de suas doutrinas e de sua ordem, que ele começou a se perceber da hostilidade de um de seus membros, o Mestre du Guers, o qual será logo expulso da sociedade e por fim, que ele se prepara para constituir um novo Tribunal Soberano local. Encontraremos o nome dos membros componentes desse tribunal quando falarmos das lojas.

Mas um grande acontecimento sobreveio na vida privada do mestre: ele acabara de ter um filho o qual foi recebido como Grande Mestre Elu Cohen *após ter sido batizado*. Encontramos aqui a primeira prova da falsidade das alegações daqueles que supõem que Martines seja judeu; sempre que for possível daremos outras provas mais fortes. Mas, citemos a frase original:

"Eu vos declaro, T.: P.: Mestre, que o filho que Deus me deu foi reconhecido como Grande Mestre Elu Cohen no domingo último após seu batismo à 7ª hora do último horizonte solar, conforme nossas leis, assistido por quatro de meus antigos Cohens informalmente citados acima".

É nessa carta que encontramos pela primeira vez o selo do Grande Soberano e a assinatura esotérica, o glifo secreto de Martines.

Don Martines
De pasqually G. S. in.

Assinalemos também a descrição de uma "visão" que o mestre teve com respeito à irmã de Willermoz, vítima de uma infecção uterina e uma lista de prescrições médicas a satisfazer. Martines se revela a nós como médico. Qual é então, sua escola, do ponto de vista das teorias médicas?

MARTINES MÉDICO

Suas opiniões derivam de uma curiosa aliança entre as teorias "humoristas" em curso na época e a medicina campestre. Vejamos, então.

Primeiro, a patologia:

"Eis o seu mal, que isto que vos direi não acentue o vosso sofrimento. Sua doença é uma expansão dos líquidos espermáticos que se reintegram, após sua expulsão insensível no leito de concepção, e de lá se subdividem em todos os ramos matriculários ou uterinos, o que produz grandes dores e até mesmo insuportáveis para a pessoa que as sofre, seja pela grande tensão que se faz em todas as membranas e ramos que necessitam o seu equilíbrio. Ela deve ser expelida pelo seu orifício, e por isso que o útero, caso a vossa filha faça qualquer movimento um pouco mais forte, deve sentir dores fortes e vivas, como se alguma coisa rasgasse seus rins, as coxas e os joelhos, em uma palavra, meu T.: P.: Mestre, não tenho nada mais a vos dizer sobre os detalhes dessa doença, senão que o útero faz às partes íntimas de uma mulher o mesmo que causam os pulmões ao peito. Se os pulmões se inflamam, as partes cartilagosas do tórax sofrem; o mesmo se passa com as paredes do útero sofrendo pela falta de umectação que causa uma inflamação tanto a ele, como ao seu redor".

Esta patologia na qual se percebe algum conhecimento anatômico aliado a uma curiosa intuição das relações homológicas (útero e pulmões) é, de resto, curiosa pela pesquisa das causas.

Mas, abordemos a terapêutica:

"Para este efeito, segue-se a prescrição divina: *ajuda-te que eu te ajudarei*. Deve-se levar o remédio ao mal. Consiga os quatro tipos de leite que nós chamamos de quatro socorros, que são o leite *de vaca*, leite *de cabra*, leite *de jumenta*, e leite *de ovelha*, cerca de meio copo de cada no qual deverá dissolver um quarto de onça de branco de baleia puro; coloque tudo em uma vasilha de vidro branco (e não de outro); aqueça tudo durante um pouco mais de um quarto de hora em banho-maria, em uma vasilha nova de água de fonte, na qual colocará o frasco com o branco de baleia e os distintos leites, de modo que ele não fique em contato com o pote, e que ele fique bem suspenso no ar, imerso parcialmente na água".

"Comece colocando todos os ingredientes frios, deixando o frasco aberto, e quando a água estiver bem quente, após o tempo mencionado, retira-se tudo do fogo, até que tudo esfrie. Em seguida, retira-se o frasco de leite do dito pote, e quando estiver morno, coloque-o em uma pequena seringa, que deve ser entregue à doente para aplicá-la no útero... Ela se servirá desses pequenos anódinos, ou calmantes, sempre que julgar apropriado, podendo ser dois pela manhã, dois pela tarde e mesmo um à noite, ou mais, se não lhe molestar esse tratamento. Dizei-a que lhe asseguro um perfeito sucesso".

Portanto, eis uma carta das mais importantes, já que vemos Martines sob uma ótica bem pouco conhecida até o presente. Mas continuemos.

OCUPAÇÃO DE MARTINES EM BORDEAUX

O mestre ocupa-se em Bordeaux com três ordens de trabalho.

- 1) A confecção de cadernos de iniciação.
- 2) A propaganda de sua Ordem e a fundação de novas lojas, como também do desenvolvimento de sua loja em Bordeaux.

3) Os trabalhos de magia prática e o ensino da prática a alguns discípulos escolhidos.

Aqui estão, certamente, com o que preencher os instantes deixados livres pelas ocupações destinadas a assegurar a vida material.

Também, desde que um discípulo possa fazer a viagem, ele se apressa a chegar em Bordeaux para trabalhar com o mestre.

A carta de 13 de Agosto de 1768 nos relata a chegada do mestre du Guers (que nós reencontraremos logo mais). Ademais, ela contém os primeiros ensinamentos iniciáticos dos quais nos ocuparemos em outro capítulo; enfim, ela anuncia as primeiras relações com Saint-Martin, ainda profano.

"Eu vos comunico que o Sr. de Saint-Martin me escreveu, dizendo que ele deve vir passar seu descanso de inverno aqui, talvez com o T.: P.: Mestre de Grainville. Eu espero paralelamente o T.: P.: Mestre de Balzac que deve descer de La Rochelle para vir residir alguns dias aqui comigo para sua instrução e para receber suas patentes constitutivas para erigir templos nos países onde eles quiserem passar no fim de Setembro ou no começo de Outubro".

Algumas notas sobre essas personalidades.

Saint-Martin que será mais tarde o mais ardoroso e o mais célebre dos discípulos de Martines é ainda profano, também o chama de Senhor.

De Grainville que será o colega de Saint-Martin na sua carreira iniciática é neste momento capitão no Regimento de Foix se nos reportarmos ao "Estatuto militar da França" de 1776 e 1768.

De Balzac é um membro dos Balzac de la Rochelle e apesar de todas minhas pesquisas, foi-me impossível estabelecer qualquer vínculo de parentesco entre o iniciado de Martines e o grande escritor, que de resto permanece enobrecido: Honoré de Balzac. Esta pesquisa seria ainda mais tentadora em provar que Honoré de Balzac conheceu as doutrinas Martinistas. Mas por qual via? Mistério.

Martines trabalha muito, então, tanto na prática quanto na teoria. Isso é o que extraímos de sua carta de 2 de Setembro de 1768.

Essa carta escrita como resposta a certas perguntas de Willermoz tocando a prática, informa-nos ao mesmo tempo em que Martines, ajudado por Du Guers, trabalha na criação dos rituais.

"Estou tão apressado quanto o P. Mestre Du Guers para terminar todos os nossos graus, também todas as cerimônias e catecismos para enviá-los a Paris, a fim de que o Tribunal Soberano seja repleto de todos os objetos que ele exige para satisfazer seus templos, suas lojas e ainda todos os seus membros, que não poderei lhe dizer muitas coisas".

Entretanto Willermoz não ficará insatisfeito, pois em 11 de Setembro de 1768 Martines lhe remeteu uma enorme carta de 4 páginas in-^o, unicamente consagrada às práticas mágicas e que nós reproduzimos por extenso em um dos capítulos seguintes. Pelo momento, estudaremos simplesmente a vida de Martines e seus trabalhos diários em Bordeaux.

Inclusive deixaremos de lado as cartas de 18 de Setembro de 1768, de 27 de Setembro de 1768 e de 2 de Outubro que se relacionam com as operações mágicas e com um mal-entendido que impediu Willermoz de receber os pacotes a tempo, por consequência do descuido de um empregado doméstico.

Nós apenas manteremos dessas cartas esse último detalhe que atesta que Martines vivia modestamente; mas podia, contudo, ter um serviço e mesmo de receber em sua casa como hóspedes vários amigos como veremos mais adiante.

A carta de 2 de Outubro nos anuncia também a chegada de amigos a Bordeaux.

"Eu vos comunico a chegada de Grainville em Bordeaux com o Mestre de Saint-Martin, que vem por causa de negócios pessoais. O Mestre de Grainville aloja-se e come conosco. Eu espero neste momento o Mestre de Balzac que está em La Rochelle. Acredito que ele virá para embarcar em Bordeaux".

Enfim, essa carta termina com novos conselhos médicos referentes à irmã de seu correspondente.

O CASO DU GUERS

Em 25 de Novembro de 1768 foi escrita uma carta relatando a traição do Mestre du Guers.

A conduta deste indivíduo é, de fato, singular. Após ter recebido os ensinamentos diretos de Martines, ele não perseguia senão um só objetivo: fazer dinheiro. Também ele vendia graus aos que faziam as maiores ofertas, fazia iniciações maçônicas por somas mais ou menos elevadas; enfim, traía de uma só vez seus mestres e suas sementes.

Eis o que nos diz de imediato Martines:

"E para evitar que ele não se sirva mais de meu nome e de minhas instruções, eu o fiz sair inteiramente de minha casa e o deixei à misericórdia do Grande Arquiteto do Universo. Devemos orar para que tenha piedade dele, mas ele se tornou indigno da confiança dos homens".

Depois do que disse Martines, esse Du Guers se fez passar pelo único Grão Mestre da Ordem, tendo o alto comando sobre toda direção de Paris.

Esta missiva nos informa inclusive que Saint-Martin recebeu os primeiros graus, pois ele já é Ven.: Mest.: .

"Pode-se escrever ao P.: M.: de Grainville que lhe dará sua amizade, como também ao Ven.: Mest.: . Eles esperarão vossas notícias"...

O escândalo Du Guers continuou por muito tempo, pois em 23 de Janeiro de 1769 uma longa carta nos dá detalhes muito interessantes sobre as diversas fases deste caso.

Du Guers, seu verdadeiro nome é Bonnichon, está definitivamente removido da ordem. Mas ele fez de tudo no mundo para aniquilar Martines e sua sociedade. Julguemos por nós mesmos:

" 'As operações' haviam, ao que parece, manifestado pelos sinais patentes a indignidade de Du Guers, que se retirou de uma sessão 'coberto de desonra e confusão'".

"Esse monstro fez um completo complô entre vários pervertidos, e entre outros maçons que eu havia outrora afastado de meu antigo templo, para surpreender a boa-fé dos Senhores magistrados e sua justiça pelas falsas acusações que ele fazia contra mim, quando lhe dizia que não era senão um estrangeiro e aventureiro em Bordeaux, que eu o havia desonrado em todas as boas casas da cidade onde eu o tinha protegido".

"Tendo sido advertido da ação desse ridículo, fui ao encontro do Sr. d'Arche Jurat, um cavalheiro diante do qual ele havia apresentado seus ressentimentos e embustes. Ao me ver, ele se surpreendeu bastante, tendo a honra de ser particularmente conhecido dele, e me questionou por informações a respeito desse homem. Eu o instruí a esse respeito, afirmando que o dito Du Guers era um escroque sob o pretexto de ser da maçonaria e ele me provou diante de mim mesmo; ainda mesmo ajuntei todas as baixezas, as vilanias e impiedades que esse embusteiro havia feito aqui em Bordeaux há mais de quatro meses".

.....

"Inclusive disse aos Senhores Magistrados que eles o procurassem e o repreendessem seriamente, e o advertisse para que, no futuro, não tenha a menor intenção de levantar queixas, senão que ele teria assuntos a resolver com eles. E que o liberassem coberto de desonra e humilhações".

"Ele quis certificar aos Srs. Magistrados que ele era um homem de bem e que ele poderia mesmo provar para os Srs. D'Aubenton e Canard, comissário das classes de nossa Marinha, que lhes daria um certificado de tudo isso que ele afirmava diante de sua justiça. Ele foi obrigado a fazer o que disse. Os Srs. Magistrados enviaram imediatamente um oficial da cidade à casa desses senhores para pedir um certificado de tudo o que corria na Justiça a seu respeito. Ele lhe foi formalmente recusado ao dizer que os ditos Srs. não tinham a honra de lhe conhecer, senão pela recomendação que o Sr. Don Martines lhe havia dado. Ele teve muito o que dizer aos Srs. juizes porque eles consideravam este homem mais baixo do que a terra. Quanto a mim, caridosamente, não desejo tomar partido sobre os direitos que havia perdido o miserável, eu me contentaria de lhe esquecer e o abandonaria à sua infeliz sorte".

"Mas vendo que esse homem persistia em fazer insinuações caluniosas contra mim, dizendo a todos que teria me derrotado imediatamente e que como os 'jurados' não lhe fizeram justiça, ele levaria sua queixa ao procurador geral e aos marechais da França. Em verdade, não pude me impedir de revelar aos Srs. magistrados meu escroque e meu cavaleiro errante. Eu detalhei ao Sr. D'Arche, jurado, os motivos que esse homem possuía para agir de maneira tão atroz, contra minha ordem e seus principais chefes. Sobre minha exposição, o Sr. D'Arche mandou buscá-lo e **lhe comunicou que ele o havia intimado a ser julgado diante de nosso tribunal secreto**² e que estava sendo acusado de vivas prevaricações na ordem, que não lhe convinha nada criar conflitos de jurisdição. Assim como ele tinha proposto, por diversas vezes, queixas vagas contra mim e que, em consequência disso, teria presente um senhor de confiança do hotel da cidade, e que lhes prestaria fielmente contas do julgamento e do mandado deferido contra ele".

"Dito e feito. Nós lhe encaminhamos seu processo e foi declarada prisão pelo tribunal secreto em 5 de Janeiro de 1769, assim que peço-vos que aguarde e irei fazer um resumo que lhe enviarei em breve. No dia seguinte, de manhã, fui pessoalmente levar o mandato de prisão ao Sr. D'arches, ao qual fiz a leitura, que ele considerou correta e digna das prevaricações desse homem iníquo. Dali, levei-a ao Sr. D'Aubenton que a leu cuidadosamente e a considerou identicamente boa".

.....

"Retornei e fui fazer o comunicado de sua prisão a todas as personalidades maçônicas e profanas, assim que aos que ele havia falado mal da ordem e de seu chefe, o que lhes espantou sobremaneira".

.....

"Enfim, este homem se viu definitivamente descoberto, foi-se com seu grupo procurar o clérigo de minha paróquia, para lhe dizer que eu era um apóstata e que eu ensino, sob o pretexto da maçonaria, uma seita contrária à religião Cristã. Sentindo os ventos da discórdia, eu me dirigi à casa de meu

² Observemos essa sentença de um juiz que reconhecia a validade de um tribunal secreto. Como se tratam de costumes, é bem curioso e nós não podemos nos gabar, na nossa época, de tal liberalismo.

pároco e lhe perguntei o que foi dito da parte desse embusteiro contra mim. Ele não me escondeu nada, disse-me tudo. E eu lhe fiz enxergar que eu estava dentro da minha religião, dos meus certificados de catolicidade³ e de meus deveres exatos e essenciais de um zeloso cristão e ficou convencido da verdade que lhe dizia, ao mesmo tempo da falsidade exposta desse monstro".

"Quando ele foi inteiramente informado por um ou outro, esse escroque impostor, vendo que não poderia ter sucesso em suas infâmias, tomou a decisão de vir até minha residência em um dia que estava no campo, na casa do Sr. de Brulle, guarda do Rei, nosso seguidor, para tentar impressionar os P. Mestres de Grainville e de Balzac pela dor que ele sentia por ter perdido sua amizade e estima, e que, a mim, ele ardorosamente me mataria com um tiro de pistola. Os P. Mestres lhe representaram, e qualquer coisa mais desse assunto, seja o que for, está terminado".

"Esse iníquo foi se afiliar nas lojas bastardas e apócrifas".

Após diversas tentativas de arruinar o mestre, esse du Guers recebeu a ordem dos magistrados para se mudar de cidade em 24 horas e ele decidiu-se então partir para Cayenne.

Essa alteração grave entre Martines e o discípulo renegado é preciosa para nós, porque ela nos dá informações sobre a religião de Martines, o que tentamos em vão procurar em todas as outras cartas.

Agora, encontramos uma série de cartas datadas respectivamente de 19 de Fevereiro, 5 de Maio, 8 de Agosto, 29 de Abril de 1769 e de 20 de Janeiro de 1770, que contêm principalmente informações sobre a organização da ordem e que mostram que Martines se ocupa ativamente da propaganda toda em si, sendo muito rígido com a escolha dos novos membros.

A segunda parte da missiva de 19 de Fevereiro é da mão de Grainville e assinada por ele, e trata de uma demanda de fundos para Martines.

A carta de 8 de Agosto nos fornece algumas informações sobre os negócios de Martines, e é ainda mais preciosa, já que estas são muito raras nas correspondências.

"Eu estaria bastante decidido em ir a Paris assim que eles o desejassem, mas minha situação presente, meus assuntos domésticos e o restabelecimento de uma pequena sucessão que tenho aqui, por um de meus parentes falecido nas ilhas, como já informei ao G. M. de la Chevalerie, me reterão ainda algum tempo nesta cidade".

Veremos mais adiante que essa sucessão será a causa predominante da partida de Martines para Santo Domingo.

Com essas cartas se encontra junto uma resposta de Willermoz e é preciso admitir que o discípulo não é nada compassivo com seu mestre. Ele responde ao pedido de pensão feito por de Grainville em 18 de Fevereiro.

Ele esperava estar em Paris para fazê-la, se bem que sua carta é datada de 29 de Abril de 1769.

Dada a importância desta carta, pensamos que devemos reproduzi-la por extenso, pois ela fixa um período crítico da história do Martinesismo.

PARA DOM MARTINES

"Caro T. P. e T. R. Sin".

³ Esta passagem é preciosa, pois ela mostra, ao contrário da opinião de quase todos os críticos, Martines era católico e não israelita. A palavra "minha religião" indica ademais que ele não teve nenhuma conversão.

"Eu bem recebi, em seu devido tempo, em Lion, vossa última carta de 19 de Fevereiro passado, junto àquela do P. M. de Grainville pela qual me pedis para não realizar nenhum trabalho para o equinócio de Março, e as razões pelas quais vós mesmos os fizestes suspender, como isso não é de minha responsabilidade eu não entrarei em nenhum desses detalhes e fico conformado com as vossas instruções".

"O P. M. de Grainville me comentou, por sua parte, da necessidade que haveria, para o bem da ordem, de virdes a Paris e para organizar os graus sob os olhos do P. M. De la Chevalerie e de Lusignan, de vosso embaraço pela aquisição de débitos que contraístes em Bordeaux, e da necessidade de fazer alguns arranjos para que a ordem no porvir tenha um bom destino".

"Eu me empenhei em profundamente compreender o P. M. em suas razões, mas como não obtive nenhum esclarecimento sobre isso dos P. M. residentes em Paris, me atrasei em vos responder sobre esse assunto até que estando presente em Paris pude dialogar com eles, o que fiz imediatamente após minha chegada nessa cidade. Encontrei os P. M. De la Chevalerie e de Lusignan muito pouco dispostos a fazer o que o Sr. de Grainville pede em vosso nome, e insatisfeitos com os excessos de vosso comportamento com eles e com a ordem. Para me colocarem a par dos fatos, eles me comunicaram toda a correspondência mantida entre os orientes de Bordeaux e de Paris desde minha viagem no ano passado. Eu vos digo francamente, P. M., que não se pode ler isso com sangue frio, parece que haveis procurado todos os meios possíveis para mortificar o P. M. substituto que incumbistes vós mesmos especialmente para os assuntos da ordem, quando não tínheis outros meios para conhecer os homens eu aqueles que são gerais à espécie humana, poderíeis somente colocar em paralelo a conduta e os sentimentos do P. M. substituto com aqueles do Sr. Duguers. Um gozava da reputação mais completa e dos maiores méritos e o outro merecia já o vosso ressentimento por um grande número de excessos a que ele havia se entregado, e dos quais estáveis informado, seja pelo M. substituto, seja por mim. Todavia, quando este último esteve em Bordeaux, vós o recebestes com a mais alta confiança ainda que bem prevenido de sua má conduta e todas as acusações e injustiças foram ao M. substituto, nada de mais humilhante e desgostoso para ele. Não credes absolutamente que seja por minha ligação com ele que me dão a prevenção e me inspiram a menor parcialidade, mas seguramente a leitura de vossas próprias cartas que eu vos julguei assim e não se poderia ser de outra forma; foi preciso que tornasse-vos a vítima do Sr. Duguers para abrir-vos os olhos. Admito francamente que isto é que causa grande embaraço. Asseguraste-me por tantas vezes que vossa ciência dar-vos-ia meios infalíveis para conhecer o coração dos homens, que ao ver a que ponto fostes ludibriado nessa ocasião, eu me sinto inclinado a duvidar mais fortemente do que nunca de uma ciência que é por demais sublime para que um homem sensato pudesse depositar nela sua fé plena e integral, sobre outros testemunhos que sobre o seu próprio. As convicções que me haveis dado muitas vezes sobre a verdade de "*La Chose*", renovadas depois pelo Sr. de Grainville, encorajadas em seguida pelo M. substituto, do qual conheço há muito sua integridade, deram-me confiança o bastante para adentrar na carreira. Eu a segui exatamente e de boa-fé tudo o que me foi prescrito com toda felicidade e ainda estou disposto a segui-las, desde que veja dissiparem-se as nuvens que se elevam, não querendo por demasiada precipitação perder as conquistas que me prometi, mas à confiança uma vez destruída, o desgosto se segue. Para não dizer nada de mais e vossas próprias cartas tendem a destruir inteiramente o que é preciso que o Sr. Duguers vos decida a dar às *coisas o seu real significado*, não entramos portanto no verdadeiro, nós portanto fomos usados, julgai por vós mesmos onde estas reflexões devem nos conduzir e vós as fizestes nascer, não existem dois modos nessa matéria para conduzir ao objetivo proposto. A verdade é o único, o objetivo de todos é indigno da honestidade humana. Se não me julgais capaz de atingir o real, dize-me sem disfarce, não me queixaria em nada e me esforçaria para me tornar digno. Na perplexidade em que nos atiram vossas cartas nós estamos no caso de exigir-vos provas inequívocas da verdade da coisa que nos põe em estado de julgar por nós mesmos, mostrei-nos sinceramente o verdadeiro caminho, prescrevi os meios mais exatos para, sem dúvida, termos resultados e então a ordem estará engajada a vos provar seu reconhecimento e a conseguir acomodações fixas para o porvir. O que os MM. De la Chevalerie e de Lusignan fizeram pelo passado vos demonstra sua boa-vontade para o futuro. Eu contribuiria

com eles com prazer, enquanto meus meios me permitirem, desde que saiba a que me dedicar. Irão se edificar estabelecimentos sólidos e enfim tudo estará disposto a tomar as acomodações que desejais. Mas, presentemente, que podemos fazer para sustentar um edifício que anunciais, vós mesmo, construído sobre areia? Somos, em Lion, cinco iniciados, aos quais, desde mais de um ano, prometo instruções, sem tê-las recebido nenhuma; possuo um número de discípulos muito adequado e todos prontos para o primeiro sinal, mas a quem faria um escrúpulo de realizar a menor ação, sem estar sobre mim mesmo a verdade do objetivo a que eles aspiram? O templo de Lion pode em muito pouco tempo tomar uma consistência real. Está em vossas mãos lançar os fundamentos, encontrareis ali a oportunidade e nós a satisfação que desejamos".

"Perdoai-me, P. M., pela franqueza com a qual eu vos escrevo, no ponto em que as coisas estão é necessário nos explicar de boa-fé para fixar a sorte de cada um, não busco vos perturbar, mas sim, ser esclarecido de uma vez por todas. Quero poder anunciar em Lion um objeto verdadeiro e digno de gente honesta e nada de charlatanices. Não me culpareis se penso nos meus escrúpulos, pois os sentimentos de M. de la Chevalerie e de Lusignan são os mesmos, já os explicamos acima, eles se ressentem por vossos procedimentos, mas podeis ainda tudo reparar, vossos interesses não poderiam estar colocados em melhores mãos. A ordem reclama a execução de vossas promessas, nada de mais justo".

"Eu não posso passar aqui uma longa estadia, tenho, contudo, tempo para receber vossa resposta e de lhe enviar outra, de minha parte, se vossos negócios vos permitirem de fazê-la brevemente, e ficaria encantado se antes de deixar esta cidade, conseguisse-vos uma acomodação definitiva e a confiança restabelecida".

"Casa de Glavot, fabricante de perucas, Rua Le Golet-des-Bourdonois".

A resposta de Martines é de 8 de Agosto e é uma de suas mais belas cartas como elevação dos ideais da ordem. Nós a reproduzimos em grande parte no capítulo sobre a Doutrina.

Em uma outra carta de 20 de Janeiro de 1770, Martines reaparece com seus embaraços financeiros.

"Asseguro-vos que se houvesse recebido alguns fundos das ilhas que eu espero de uma sucessão considerável que eu tive nesses países, não me arrependeria em nada de ir, por mim mesmo, vos instalar e fazer-vos trabalhar vivamente".

Em 16 de Fevereiro de 1770, uma nova carta quase inteiramente consagrada aos detalhes do ritual mágico (4 pág. In-fº) foi enviada. Dela extraímos algumas informações úteis sobre a vida privada do mestre.

"Eu não estou mais alojado na casa do Sr. Carvallo, velho judeu, por causa do assassinato que ele quis cometer sobre sua cozinheira para manter relações com ela. Ele foi entregue à justiça que mereceu. É pela terceira vez que termina na prisão. É bem um infeliz hebreu pervertido e não convertido naquilo que ele abjurou para desposar uma criatura cristã. Meu endereço é na mesma rua: Maison Poiraud, perto da porta da moeda".

"Tenho minha esposa extremamente doente. Ela foi levada imprudentemente a uma perda considerável, fora do estado de ser cuidada pela faculdade, mas sim por mim em presença de algum irmão. Ela está ainda convalescente; mas inteiramente, se Deus quiser, fora de perigo".

A carta de 13 de Março de 1770 é inteiramente consagrada à magia e será reproduzida por extenso no nosso capítulo destinado a esse assunto.

A carta de 7 de Abril de 1770 descreve em detalhes a operação mágica que possibilitou ao mestre trazer novamente à vida sua esposa moribunda. O fim dessa carta está consagrada a "La Chose".

DÍVIDAS DO MESTRE

Enfim encontramos, datada de 11 de Julho de 1770, uma resposta em 12 artigos feita por Martines às solicitações dos irmãos de Paris. Esta peça importante será publicada em nosso capítulo consagrado à obra de realização do mestre. Nós destacamos somente a passagem seguinte que trata dos assuntos materiais. (A análise é da pena de Willermoz).

"O M. D. M. não pode responder antes às proposições, devido à última doença de sua sogra, que fez com que suspendesse toda a sua correspondência".

"1. Ele agradece L. T. S. por suas ofertas que provam o verdadeiro zelo que os R+ possuem pela "Chose". Ele devia cerca de 3000£. Ele conseguiu quitar a sua maior parte, resta ainda cerca de 1000£, e que ele espera poder pagar, perturbando-se por algum tempo mais. Em seguida estará livre de seu credor e poderá partir de Bordeaux sem temer nenhuma afronta por parte deles, às quais seria exposto se saísse antes de ter liquidado integralmente a dívida".

Ainda, um ano antes, os irmãos de Paris, duvidando do valor dos ensinamentos de Martines, recusaram-lhe a pensão pedida por intermédio de De Grainville. Agora é o mestre que lhes dá uma lição recusando um apoio pecuniário que há muito esperava. De resto, basta ler esse documento na íntegra para verificar a grandiosidade dos sentimentos invocados por Martines no apoio de sua sinceridade e de sua boa-fé.

Saint-Martin compreendeu tão bem os inconvenientes de falar dessas altas questões aos ambiciosos, que ele se isolaria e se recusaria absolutamente em se associar às lojas maçônicas existentes. Mas não antecipemos isso.

Em 16 de Dezembro, Martines escreve que ele acabara de passar alguns dias no campo. Ele se ocupa "de perseguir vivamente um indispensável assunto temporal", segundo sua expressão. Contudo, ele acaba de concluir uma "obra considerável", o que indica que ele não perdeu seu tempo nesse período de Julho a Dezembro. Ainda lemos que "o mestre de Saint-Martin chegou aqui há oito dias para continuar suas instruções e para benefício daquelas dos R+".

O restante da carta é consagrado às questões administrativas.

Entre os outros documentos encontramos uma carta de Madame Colas de Pasqually, datada de 4 de Maio de 1771, pedindo a Willermoz o envio de um vestido de seda. Este detalhe é interessante, pois veremos em seguida as dificuldades pecuniárias que prejudicariam a obra de realização de Martines, devido justamente ao pagamento deste vestido de seda.

Estamos, portanto no ano de 1771. Martines realizou a viagem a Paris. Essa viagem prometida desde 1767 é enfim executada, e o mestre ficaria no seguinte endereço: Mestre Pasqually de la Tour, nos 3 reis, Rua Montorgueil, perto da comédia Italiana. Esta importante carta de 25 de Agosto de 1771 merece uma análise particular. Reproduzimos primeiro, por extenso, o seu princípio:

"Eu recebi, meu caro mestre e amigo, vossa última carta, que o mestre Saint-Martin, meu bom amigo, enviou-me de Bordeaux. Sinto-me muito aflito por não poder responder sobre todo o seu conteúdo, como também de vos assistir em vossos próximos trabalhos. Eu vos aconselho que os suspendas pelo presente momento, já que estou sendo forçado, por assuntos da maior importância temporal, de passar todo o mês de Setembro próximo em Paris, para chegar a concluir, juntamente com os ministros, um projeto vantajoso ao público, ao Estado e à nação mais oprimida. Todas minhas memórias estão no escritório. Eu aguardo o sucesso como ele me fez esperá-lo. Se isto ocorrer, conforme penso, seria preciso, talvez, ir até Lion, para me por em contato convosco, nem podendo vos escrever este empreendimento para em nada ventilar o segredo, que é a alma do negócio. É um empreendimento

que é vantajoso para os empresários e para o público. Eu conto de vos pôr a par desse assunto conforme já fiz com alguns de vossos bons amigos".

"Na minha chegada a Paris, encontrei-me com os Sr. e Sra. De L.⁴, partindo para o campo. Soube, aqui, que eles projetaram de me levar a Bordeaux. Eu lhes havia escrito para fazer o possível de vir a Paris, pelo fim de Setembro, para falarmos de seus assuntos. Eles trabalharão desta vez, não mais do que vós".

Martines fala ainda de De Grainville e das operações mágicas. Ele comenta, em seguida, com detalhes, suas conversas com o abade Rozier e o recomenda a Willermoz. Enfim, ficamos sabendo que o mestre está acompanhado em Paris pelo Mestre de la Boris.

"M. de la Boris, meu segundo "im-mesmo", o qual o tenho aqui comigo, me encarrega de vos dizer das coisas de sua parte, como também M. Caignet".

Chegamos, para terminar, à questão do famoso vestido da Senhora Pasqually.

"Com respeito ao vestido da Senhora, envie-o a ela, ao vosso gosto, às peças usuais".

E, na margem:

"Marcai-me o preço do vestido e aquilo que for preciso, que remeterei o dinheiro a Bordeaux".

No dorso da carta, encontramos esta nota da mão de Willermoz:

"Tafetá bordado 4/24-25 Na-P. 685 fundo branco listrado acetinado rosa 16 ½ a 13 £ 214.10. Enviado ao Sr. Clairjon de Cramail em Lion, em 20 de Setembro de 1771. – Enviar os 214.10 acima citados ao Sr. Razurel, tio e sobrinho, em Paris".

Assim sendo, o vestido da Senhora de Pasqually custou 214.10 libras, uma soma relativamente baixa, que Martines não poderá, contudo, chegar a pagar.

Enquanto nós nos ocupamos com os detalhes materiais, ressaltemos esta nota na carta de Martines:

"A Senhorita, que eu encontrei aqui com muito pouca saúde, começa a se sentir um pouco melhor. Ela me encarrega de vos dizer mil coisas de sua parte".

Assim se conclui esta curiosa e importante carta e documento, que relata a viagem do mestre a Paris.

É a única carta endereçada desde Paris. A correspondência é retomada em 1º de Novembro de 1771.

"Se eu me tardei tanto em responder a todas as vossas perguntas e à carta que vós me haveis escrito, tratando do envio do vestido que vós tivestes a bondade de remetê-lo à Senhora Pasqually, foi porque estive obrigado a estar pelas vias e caminhos das mais diversas vilas de nossa província, para meus próprios assuntos particulares. E, de mais, fui obrigado a acompanhar o Sr. cavaleiro d'Arc e o Sr. abade de Langeac a la Réole, para a tomada de posse do priorado de la Reóle, o qual foi recebido por este último. Esta última viagem me tomou mais tempo do que imaginava, e esta é a causa de ter suspenso todas as minhas correspondências".

"À respeito do montante do vestido que vós me dizíeis, em vossa carta, de quitar em Paris ao vosso correspondente, eu não estava mais em Paris quando vós me mandaste vosso desejo. Vossa carta me é chegada em Bordeaux".

⁴ Lusignan.

.....

"Eu não poderia me recusar a acompanhar o Sr. cavaleiro d'Arc durante a estada que ele fez em nossa província, por consideração a todas as generosidades que ele teve por mim em minha passagem por Paris. É um Senhor de grande credibilidade, em todos os sentidos, sendo o tio de nosso Rei no costume Bretão".

"Quanto ao pagamento do montante do vestido da Senhora, eu vos enviarei se possível daqui, na próxima feira de Bordeaux, já que estou um pouco necessitado de dinheiro para meus assuntos temporais".

Assim, eis esta infeliz questão do vestido que reaparece. Nós a reencontraremos ainda.

Assinalemos também, nesta carta, a frase seguinte, que vem após uma nova recomendação tocante à prática mágica:

"Eu vos comunico que enfim obtive a cruz de Saint-Louis de meu cunhado".

Apesar de todas as nossas pesquisas nas obras especializadas, nos foi impossível encontrar o nome deste cunhado do qual Martines fala, entre os cavaleiros de Saint-Louis.

Esta carta nos informa ainda da partida para Porto Príncipe de Cagnet, comissário geral da marinha e primo de Martines.

"Ainda vos informo que enviei as patentes constitutivas ao meu primo Cagnet".

Enfim, não deixaremos passar, sem ressaltar, o *post-scriptum*:

"O mestre Saint-Martin trabalha sempre por nós".

Como se observa, Saint-Martin toma uma parte cada vez mais ativa nos trabalhos teóricos e práticos de Martines. Este ponto será ainda mais elucidado na seqüência da correspondência do mestre. Muitas cartas são, com efeito, da escrita de Saint-Martin, que empresta seus bons serviços a título de secretário. Em particular, no caso da carta de 13 de Janeiro de 1772, da qual agora iremos nos ocupar. Esta carta, muito curta (duas páginas in-8°), relata apenas conselhos e informações de ordem administrativa para a escolha dos membros da Loja de Lion e alguns conselhos relativos à prática.

Ocorre o mesmo com a carta de 24 de Março de 1772, sempre da pena de Saint-Martin, escrita na seqüência do fracasso de Willermoz em suas experiências.

Por outra parte, a carta de 17 e 30 de Abril de 1772 é preciosa para a história do Martinismo, pois ela relata a iniciação de Saint-Martin (17 de Abril de 1772). Nós reproduzimos fotograficamente a metade desta carta, visto sua importância.

Esta assinatura, posta embaixo de um papel destinado a servir de garantia, parece indicar que este é verdadeiramente o nome legal de Martines.

Aí se interrompe a correspondência trocada na França. A carta seguinte, de 12 de Outubro de 1773 (ou seja, mais de um ano após a precedente), é datada de Santo Domingo e nos dá detalhes interessantes sobre os trabalhos do mestre durante este lapso de tempo.

"Apesar de assuntos temporais tenham me forçado a permanecer na colônia, nunca perdi de vista *“la chose”*. Sempre conduzi juntos o temporal e o espiritual. Por isso ousou afirmar que tudo irá bem. O eterno conhece minhas visões de um e de outro, e também protege minha pessoa, conservando-a na mais perfeita saúde, o que me deixará em condições de terminar aqui os negócios da sucessão que eu reclamo nesta colônia e de retornar o mais prontamente possível à França, para viver no seio de nossos filhos espirituais e de lhes recompensar com juros o tempo perdido".

O mestre redigiu, ele mesmo o diz, as instruções de todos os graus e de todos os grupos.

Ele aborda, na seqüência, os detalhes administrativos, comenta a iniciação da irmã de Willermoz e sempre espera por um imediato retorno à França.

"Conto, se Deus quiser, de conseguir terminar meus assuntos temporais neste país pelo fim do próximo ano, tempo no qual eu me proponho de passar na França, a menos de alguma circunstância imprevista".

Desafortunadamente, todos esses belos projetos serão logo destruídos!

Ao concluir sua carta, o mestre anuncia sua intenção de depositar todos os seus papéis nas mãos do Mestre Cagnet de Lester, comissário geral da marinha e seu primo.

"O T. P. M. Cagnet, que está sobrecarregado até o pescoço com os assuntos de seu estado, me encarrega de vos dizer mil coisas de sua parte, cada uma mais bela que a outra".

"Como minha intenção é de deixar em depósito todos os meus originais em suas mãos, por razões fortíssimas, de acordo com minha consciência, é uma razão a mais para que estabeleçais com ele vossa correspondência".

.....

"Os assuntos civis marcham aqui muito lentamente, apesar da força das grandes proteções. Portanto, não irei longe se esperar que eles terminem de uma forma ou de outra".

Willermoz segue os conselhos de Martines, como podemos ler no princípio desta carta a seguinte nota:

Recebido no Sábado, 29 de Janeiro de 1774. – Respondido no dia 30. – Escrito no mesmo dia ao Mestre Cagnet de Lester.

Em 24 de Abril de 1774, Martines endereça de Porto Príncipe uma nova carta a Willermoz.

Antes de mais nada, ele o encoraja com relação às experiências. Depois ele ainda aborda questões de ordem administrativa e lhe pede informações acerca de um conflito com a Loja da França à qual o nome de W. se encontra ligado. Em resumo, carta puramente administrativa e com a qual nos iremos ocupar mais tarde.

Chegamos agora à última carta de Don Martines, escrita um mês antes de sua morte e datada de Porto Príncipe em 3 de Agosto de 1774.

Esta carta se inicia com o anúncio do envio de rituais da Ordem por intermédio de F. Timbale. Ele seguidamente nomeia o T. P. M. Caignet de Lestre como Grande M. R+, encarregado de continuar sua sucessão espiritual na direção da Ordem. Eis enfim detalhes que nos interessam mais particularmente neste instante:

"Estou com febre no momento que vos escrevo esta carta dando notícias, ocasionada por dois grandes furúnculos, um no braço esquerdo e outro na perna direita. Não escrevi a mais ninguém, mesmo porque não teria podido".

MORTE DO MESTRE

Essas são as últimas notícias do mestre no tocante à sua saúde.

No verso da carta encontramos as seguintes preciosas indicações, da mão de Willermoz.

Dom (com um m) Martines de Pasqually
de Porto Príncipe em 3 de Agosto de 1774
Enviada em 5 de Novembro de 1774 com aquela do Sr. Caignet
Respondida em 31 de Janeiro de 1775
E com uma outra tinta
Ele faleceu
Em 20 de Setembro de 1774
Cartas de Dom Martines
De Pasqually Delatour
De Bordeaux
Enviadas de 1767 a 1772 e 1774

Essas informações se encontram confirmadas pela preciosa folha posta no começo da correspondência de Martines e assim redigida:

Cartas de Dom Martines de Pasqually
De la Tour De Bordeaux
Enviadas de 1767 a 1772 e 1774
Ele faleceu na terça-feira, 20 de Setembro de 1774
Em Porto Príncipe, na América Central.
Ele nomeou o P. M. Caignet de Lester
seu sucessor.
Ele havia partido de Bordeaux
em 5 de Maio de 1772

.....

Lettres de Dom Martinus
 de Pasqually Belatour
 de Bordeaux Reines
 de 1767 à 1772 & 1774
 et le ^{mardi} 20 juil 1774
 au foot au Prince de Anjou
 et a Madame de Pa (qui est)
 de l'Estre Jean Sureau
 il est parti de Bordeaux
 Embarké le 5 May 1772

 Mad. Colas V^e de Pasqually
 de Bordeaux du 14 mai 1779
 elle nous fait sçavoir qu'elle Pa
 le Reines avec Mr d'Olabarot
 Marie en juillet suivant
 Son fils Jean Anselme le 17 juil 1768
 en au Collège de Lescar près de Pau
 de Reines au Abbé Fournier
 Répondre le 12 juin

Enfim, encontramos ao fim da correspondência uma carta da viúva, a Senhora de Pasqually, que não poderíamos analisá-la melhor, senão reproduzindo a nota de Willermoz, redigida no dorso da mesma.

Senhora Colas, viúva de Pasqually de Bordeaux de 14 de Maio de 1779.

Ela nos comunicou que vai se casar com o Sr. d'Olabarot. A cerimônia realizar-se-á em Julho próximo.

Seu filho Jean Anselme, nascido em 17 de Junho de 1768 está no colégio em Lescar, perto de Pau Au Prince. Ela recomenda o abade Fournier.

Respondida em 12 de Junho.

.....

Para sermos justos, é preciso dizer que a Sra. de Pasqually passou informações menos completas que Willermoz em sua nota.

Chegamos, enfim, ao termo de nossa análise. Seguimos o melhor que pudemos a vida de Martines, dia a dia, de acordo com suas cartas.

PRÁTICAS MÁGICAS

DOCTRINA DE MARTINES DE PASQUALLY

Pudemos seguir, quase diariamente, cerca de sete anos da vida de Martines de Pasqually. Iremos, agora, ocupar-nos de sua doutrina e de suas práticas mágicas, a primeira sendo intimamente ligada às últimas.

Os documentos que possuímos são particularmente preciosos sob esse ponto de vista, já que eles nos permitem esclarecer por completo esta faceta tão desconhecida da história do Martinismo.

Seguiremos sempre o mesmo plano em nosso percurso. Isto é, iremos analisar e citar sucessivamente todas as cartas de Martines, detalhando, sobretudo, as passagens que se relacionam com nosso estudo.

Entretanto, alguns esclarecimentos complementares são precisos, antes de abordar em detalhes cada uma das cartas do mestre. Iremos assim, resumir em algumas páginas os ensinamentos da Cabala e da tradição esotérica que dela procede, com respeito ao ser humano e suas relações com o mundo invisível.

Os escritos, impressos e manuscritos, que temos em mãos provenientes do discípulo principal de Pasqually, Louis Claude de Saint-Martin, capacitam-nos a colocar em princípio a extrema importância do estudo do homem, do ponto de vista dos conhecimentos transcendentais.

Apoiando-se na doutrina analógica das relações do microcosmo e do macrocosmo, Saint-Martin recomenda a seus discípulos "explicar a Natureza pelo homem, e não o homem pela Natureza". Aí está uma aplicação do $\gamma\omega\tau\iota\ \sigma\epsilon\alpha\upsilon\tau\omicron\nu$ da filosofia grega.

Mas o estudo do homem não deve se limitar ao plano físico: a anatomia e a fisiologia apenas constituem o estudo da *crosta humana*, sua parte mais superficial, e não seriam suficientes. O verdadeiro homem é o homem-Espírito, e a psicologia aproxima-se, mais que todas as outras ciências, aos fins indicados ao discípulo pelos mestres Martinistas.



**Selo posto no frontespício da maioria
das cartas de Martines de Pasqually**

Mas não deveríamos cair no erro grosseiro de crer que a psicologia clássica é de grande utilidade para um verdadeiro iniciado.

No máximo, a psicologia é uma anatomia vulgar dos órgãos psíquicos e as faculdades estudadas pelos psicólogos não são hierarquizadas convenientemente. Existe, ademais, toda uma categoria de faculdades transcendentais, vagamente englobadas sob o nome de intuição e de pressentimento, e que exigem um estudo teórico e, sobretudo *prático*, pelo qual se interessa muito pouco a escola.

Assim, em todas as épocas existiram fraternidades mais ou menos secretas, concedendo aos homens, escolhidos pela iniciação progressiva, a teoria e a prática das faculdades transcendentais que existem em germe no ser humano. Os membros dessas fraternidades (iniciados da grande universidade de Hermes, terapeutas, essênios, gnósticos, templários, alquimistas, Rosa-cruzes, etc, etc.), sempre

conservaram a tradição secreta, concernentes às faculdades misteriosas do ser humano, e foram sempre considerados, pelos verdadeiros filósofos, como homens evoluídos e superiores aos demais.

Mas em todas as épocas também existiu uma categoria de homens guiados por uma única ambição, e muito pouco dispostos a vencer as provas ou os exames progressivos, e que exigiam tanto de coragem física e força moral, quanto de conhecimentos intelectuais.

Esses homens, que encontramos sob diferentes denominações, em todas as épocas (vulgares conquistadores, perseguidores dos Iniciados ou dos Profetas, Fariseus, bispos ignorantes e sectários dos primeiros séculos cristãos, inquisidores e teólogos, além de pseudo livres pensadores e pseudo positivistas mais próximos de nós) consideraram sempre os membros das fraternidades secretas como inimigos ou como loucos, insistentemente os perseguindo por todos os meios: pelo fogo, pelo ferro ou pelo sarcasmo.

Martines de Pasqually pertence à primeira categoria, aos homens evoluídos, aos eleitos, àqueles que os autores dos dicionários biográficos definem, com desdenho, de "*Iuminados*".

Iluminar o ser humano, provocando nele o desenvolvimento humano das faculdades divinas, adormecidas nele pela matéria, tal era o ideal que era perseguido por Martines. Tal era a única razão de ser de sua doutrina, que ainda é obscura e incompreensível para o profano, seja qual for seu conhecimento da filosofia comum.

Quais são, então, as conseqüências do iluminismo para aqueles que insistem nas práticas impostas pela ritualística? Quais são os meios de alcançar esses conhecimentos?

Essas são as duas questões que precisamos agora respondê-las.

Na medida em que as faculdades divinas se desenvolvem, o ser moral se transforma em detrimento dos apetites físicos. As satisfações instintivas se reduzem ao seu lamentável valor, os motivos materiais que estimulam o vulgar nos homens: o dinheiro, as honrarias, as satisfações da vaidade, tudo isso desaparecerá insensivelmente e o ponto de vista sob o qual se considera a vida, muda completamente de situação. Em lugar de enxergar de baixo para cima, da força bruta para o ideal, o iniciado ou o artista (que é um iniciado de uma forma instintiva) vê de cima para baixo, da idéia que penetra a matéria de forma imperceptível. Mas se a sensação física perde seu império, uma sensibilidade toda especial nasce internamente, novos modos de percepção permitem adquirir novas impressões, de deduzir novas certezas e novas relações com o mundo invisível se estabelecem, relações sempre incompreendidas pelos profanos e sempre incompreensíveis para eles.

Entrar em comunicação com o invisível, tal é o primeiro resultado obtido pelo iluminado.

Mas aqui está o grande mistério, o segredo que não devemos atirar à curiosidade das massas. Também o iniciado deixará a turba o caluniar e insultar, chamá-lo a cada dia de charlatão, alucinado ou mesmo alienado. Ele sabe perfeitamente que ater-se sobre a realidade dos mistérios e um desdenhoso silêncio são os únicos comportamentos que ele oporá às calúnias e às insolentes zombarias.

Os problemas que são insolúveis para o filósofo, armado do grande sabre da indução, são resolvidos concretamente pelo iluminado que não discute a imortalidade da alma, posto que ele pode exalar, à sua vontade, a centelha divina do corpo material que lhe empresta a natureza para uma existência. A realidade das forças criadoras não é mais um problema para quem pode, à vontade, percebê-las em ação e por vezes, tomar parte de sua essência. Também o iluminado não teme a morte, pois já a experimentou quase na totalidade de suas fases, mais do que o mineiro não se intimida as galeria da mina onde ele desce a cada dia. Mas essa situação do homem evoluído não daria o menor orgulho àquele que a realizou, pois a evolução da humanidade é um ato coletivo, e todos os esforços "*daquele que sabe*" devem ser consagrados a divinizar, tanto quanto possível, a fleuma humana que corre a

seus pés. Assim, o iluminismo implica absolutamente na existência de uma ação social-coletiva, conexas com a ação iniciática individual.

Quanto aos meios de alcançar o desenvolvimento das faculdades transcendentais, resumem-se em um triplo treinamento: alimentar para o corpo físico, respiratório para o corpo astral e musical e psíquico para o Espírito.⁵

Martines, um elevado adepto da tradição esotérica, irá desenvolver todos esses pontos ao iniciar, progressivamente, Willermoz. Mas não é senão com um respeito mesclado com temor que este falará dessa influencia espiritual, dessa ação do mundo invisível que o pobre discípulo Lionês demorará tantos anos a perceber, deste grande mistério sempre designado pelo nome enigmático de "La Chose", "A Coisa".

Nas primeiras sessões, os novos discípulos admitidos a tomar parte dos trabalhos do Mestre, verão "La Chose" realizar ações misteriosas. Sairão de lá entusiasmados e terrificados, como Saint-Martin, ou ébrios de orgulho e de ambição, como os discípulos de Paris. As aparições se produzem, seres estranhos de uma natureza distinta da natureza humana terrestre, tomam a palavra e proferem profundos ensinamentos, e cada discípulo é chamado a reproduzir, sozinho e por si mesmo, os mesmos fenômenos.

As experiências começam, mas alguns querem caminhar muito rápido, desejam evitar as desgastantes preparações e treinamentos, e tudo fracassa. Então acusam o mestre, culpam Martines pelos insucessos e desilusões, e Martines responde muito sinceramente: "Mas, caro irmão, se fosse eu quem comandasse o mundo invisível, minha maior ambição seria a de vos satisfazer. Mas, que poderei vos dizer? "La Chose" exige provas seguras e muito sérias de um devotamento sem limites. No dia em que fordes digno, os fenômenos se manifestarão".

Com efeito, foi isto que aconteceu, e devemos louvar sem reservas a obstinação de Willermoz, que dedicou mais de dez anos para conseguir fatos comprobatórios, enquanto que ao cabo de dois ou três anos de estudos, a maioria dos outros discípulos estavam satisfeitos.

As praticas ensinadas por Martines derivam unicamente da magia cerimonial, assim nos o veremos na seqüência. Assinalemos, todavia, a importância considerável atribuída pelo mestre às "Luminárias", (círios) dispostos no círculo. Esse é, de fato, uma característica muito original da tradição Martinista.

As informações que nos precederam eram, em nossa opinião, indispensáveis para compreender os extratos que se seguem. Incluiremos, conforme a ocasião, todos os desenvolvimentos complementares que nos parecem necessários.

INICIAÇÃO DE WILLERMOZ

A iniciação prática de Willermoz começa em 13 de Agosto de 1768, por uma carta de quatro páginas in-8º, da qual destacamos a seguinte passagem, tratando do regime alimentar e dos primeiros dados astrológicos.

REGIME – CORRESPONDÊNCIAS ASTRONÔMICAS – PRECES

"Com respeito ao que deveis fazer e à vida que deveis manter, tanto para as atividades espirituais e temporais: para a temporal, não vos direi nada além do que a cautela que tereis com os alimentos temporais. Ou seja, que não comereis mais em vossa vida de sangue de nenhuma espécie de animais,

⁵ Ver meu "Tratado de Magia Prática".

não comereis mais da carne de pombo doméstico, nem de rins e nem da gordura de nenhum tipo de animal".

"Ireis jejuar diligentemente pelo tempo que sereis ordenado a cada equinócio, começareis vosso jejum na véspera em que trabalhareis em vosso quarto de círculo, não podereis nem deveis trabalhar em vossa qualidade de aprendiz R+ mais que três dias seguidos, no início dos equinócios. Seguireis a lua de Março e a de Setembro, e não os dias que foram fixados para o equinócio, pois de nada servem os dias ordinários nem o mês que os fixam, mas sim o astro lunar. Para tanto, observareis a lua de Março e de Setembro. Jamais ireis vos esquecer de dizer o *Miserere Mei*, no centro de vosso quarto, à noite, antes de deitar, com a face voltada para o quadrante oriental. Em seguida, ireis rezar o *De Profundis*, com os dois joelhos no chão, e a face prostrada ao solo. O *Miserere Mei* se ora de pé. Se tiverdes outras preces quotidianas, segundo o vosso costume, podereis fazê-las, mas essas que vos indico são de ordem indispensável, igual ao regime de vida".⁶

Como se nota, são as orações *católicas* que Martines emprega em suas operações.

Ademais, observamos que, como um verdadeiro mago, o mestre acrescenta uma grande importância aos dados astronômicos e astrológicos. É somente na época dos equinócios que as primeiras operações têm lugar, e ainda é preciso bem observar a situação da lua, assim como mostra a carta de 2 de Setembro de 1768, fornecendo informações complementares.

DADOS ASTROLÓGICOS – PRECES

2 de Setembro de 1768

"É a lua de Setembro que nos guia. Devemos desde seu primeiro quarto crescente até o plenilúnio trabalhar, ou seja, começando quatro ou cinco dias antes de ela ficar cheia".

"Com relação às vossas obrigações espirituais, direis pessoalmente o Ofício do Espírito Santo, o *Miserere Mei*, e o *de Profundis* uma vez por semana, na quinta-feira, no signo e dia de Júpiter, assim como Davi fazia para sua reconciliação, como vos instruirei em seguida. Assim ireis conhecer o valor e a força dessa prece. Direis o Ofício do Espírito Santo em uma hora do dia, não vos limito, mas para o *Miserere Mei* e o *de Profundis*, ireis orar à noite, antes de dormir, o *De Profundis* com a face contra o chão, o *Miserere Mei* em pé, voltado para o oriente".

"Sereis suficientemente orientado sobre todos os pontos que me questionais, relacionados com o nosso trabalho de oito a cinco dias antes, para vos organizar. A forma de dispor os círios vos será igualmente enviada. Devereis adquirir um pequeno ritual para ter as preces de benções e exorcismos que irei vos indicar quando vos escrever para este fim".

SOBRE O CÍRCULO MÁGICO

Após estes dados iniciais, iremos abordar a seguir a prática do **círculo mágico**, alguns esclarecimentos são indispensáveis para afastar, tanto quanto possível, a obscuridade inerente a semelhante questão.

Em toda experiência de magia cerimonial, o operador se isola do meio exterior por meio de um círculo traçado sobre a terra e encerra nomes místicos que, de acordo com a tradição, possuem uma grande influência sobre o mundo invisível.

⁶ O Salmo 69 (68) chamado "Lamentações" é o Salmo que fala do jejum, este Salmo indica a fé que deve ter o desterrado ou peregrino na terra estrangeira. Para o judeu este salmo de Davi mostra o exílio que tem passado em terras estrangeiras. Existe o salmo chamado "De Profundis" que é o Salmo 130 (129) e também o salmo "Miserere" que é o 51 (50) que é usado para pedir perdão a Deus e purificar a alma.

Geralmente, fazem-se três círculos concêntricos, no centro dos quais se traça uma cruz cujos braços alcançam o círculo maior, o que divide cada um dos três círculos em quatro segmentos correspondentes, cada um deles, aos pontos cardeais. Em cada segmento, são traçados os nomes místicos que correspondem, por analogia, aos poderes de cada um dos pontos cardeais.⁷

Martines modificou este ritual muito ligeiramente para constituir cada um dos graus da ordem.

Após ter comparado as diferentes passagens de suas cartas e na ausência de todo desenho explicativo, pensamos que o ritual do mestre Elu Cohen era o seguinte:

Em lugar de traçar um círculo completo, o operador traçava apenas o segmento, ou *quarto de círculo*, correspondente ao Oriente.

Esse segmento era traçado no quadrante **Oriental** do quarto de operação e era delimitado pela metade do braço vertical e a metade do braço horizontal da grande cruz central.

Além desse quarto de círculo (podendo encerrar ele mesmo um outro círculo menor), se traçava no quadrante **Ocidental** do quarto de operações, um círculo chamado por Martines de círculo de retirada. Um pequeno círculo poderia assim, mas facultativamente, ser contido dentro de um quarto do círculo maior.

Em resumo, um quarto de círculo no Oriente, um círculo no Ocidente, separados um do outro por um espaço de dois pés, tal me parece ser o ritual das primeiras operações pessoais.

Em caso de erro de minha parte, o leitor poderá corrigir-me ao meditar sobre as seguintes cartas:

EQUINÓCIOS

Carta de 11 de Setembro de 1768

"Eu vos escrevo pela primeira e última vez de nosso misterioso ano equinocial, que é composto de um equinócio a outro, para vos prevenir de estar em vosso quadrante Oriental, nos dias 27, 28 e 29 do presente mês para lá receber vossa ordenação simpática, de virtude e potestade, relativas à vossa dignidade e qualidade de R+".

CÍRCULO DE RETIRADA E QUARTO DE CÍRCULO

Fostes advertido, em nome do Eterno, de vos encontrar prostrado no círculo voltado ao Ocidente, onde a palavra IAB está escrita, precisamente à meia-noite do dia 27 para o 28. É evidente que não fareis esta prosternação antes de ter traçado inteiramente todos os atributos que estão em vosso quarto de círculo, começando pela figura e terminando por tudo aquilo que lhe é geralmente dependente, tal como se vos deu em Paris. Colocareis três círios no canto de vosso quarto de círculo: um no círculo interior do círculo que está em vosso quarto de círculo, sobre o braço do ocidente escrito RAP. Igualmente, ireis pôr dois círios em cada extremidade de vosso quarto de círculo e um só no centro dos quatro, na metade da segunda linha que reparte os nomes e os hieróglifos que são escritos interiormente. Essa luz solitária é o símbolo de minha presença simpática em vossas operações. O círculo onde deveis realizar vossas prosternações estará a dois pés de distância do quadrante do Ocidente, que está diante do quadrante Oriental onde vosso quarto de círculo será traçado. Após esta preparação, fazei vossa prosternação e vesti vossas paramentas.

⁷ Ver meu *Tratado elementar de Magia Prática* (3ª parte).

PARAMENTAS

Estareis vestido com camisa, calça e meias pretas, despojado de todo metal: nem mesmo um alfinete sobre vós. Tampouco tereis sapatos nos pés quando da prosternação, embora vestireis as alpargatas durante as vossas invocações, lembrando que deveis ser pontual. Se for possível, para estar mais perfeitamente dentro das recomendações, ireis vos confeccionar calçados e um barrete ou gorro com solado de linho, afim de não ter nada em vosso lugar e sobre vós de imundo e impuro. Eis porque se chama de "chapéu do Papa". Em seguida, poreis sobre vossa primeira vestimenta um longo vestido branco, em torno do qual terá um bordado, da cor do fogo, de cerca de um pé de largura e ao redor, manchas como a aurora. Terá, paralelamente, um bordado, cor de fogo, de meio pé, e juntamente uma gola para essa veste, e um forro da mesma cor, fora da gola de cerca de cinco dedos de largura. Tereis, por outra parte, sobre vós, todas as cores da ordem, salvo o cordão azul-celeste como colarinho, no pescoço, sem nenhum atributo. Em seguida o cordão negro passado da direita para a esquerda, e a faixa vermelha da direita à esquerda, ao redor da cintura e acima do ventre. Em seguida, passareis a faixa verde-água da esquerda à direita sobre o peito. A colocação dessas duas faixas sobre vosso corpo fazem alusão às separações materiais–animais e espirituais.

PROSTERNAÇÃO

Estando assim vestido, tirareis a luz que está iluminando vosso círculo de prosternação. Vós a poreis à vossa direita, fora do referido círculo, em seguida, ireis vos prostrar dentro dele, completamente estirado, com o ventre sobre o chão, e apoiareis vossa frente sobre os dois punhos fechados. Essa prosternação durará, pelo menos, seis minutos, contados após vossa ordenação de virtude. Após isso, irei vos erguer e, de pé, acendereis todos os círios que estavam no círculo de prosternação, sem duvidar que será iluminado por novo fogo, e quando tudo estiver aceso, ireis fazer vossa prosternação em vosso quarto de círculo, afastando os dois círios que estão lá dentro para as extremidades. Quando pronunciardes quaisquer dos nomes traçados, rogareis a Deus, em virtude da potestade que ele dera a seus servidores, pronunciando todos os nomes escritos no quadrante mais a graça que Lhe pedis, com um coração sincera e verdadeiramente contrito e submisso e para vos assegurar de Sua misericórdia. Depois repetireis o hieróglifo ou qualquer um dos hieróglifos que haveis traçado diante de vós, com giz branco, no meio do oratório (entre vosso quarto de círculo e o círculo de retirada, no *Ocidente*), onde ireis trabalhar no futuro, no tempo em que alterareis vossa obra, de modo que vos será mais vantajosa e mais profícua, mais do que a de um aprendiz. Após as duas prosternações, revelareis as palavras dos dois círculos, igual àquelas que estão ao redor do quarto de círculo, com o joelho direito e as duas mãos em esquadro, apoiadas sobre a terra, pronunciareis três palavras: *in quali que die ... invocavero te velociter exaudi me.*

Após terdes feito tudo isso, pegareis os incensos, que serão colocados em um pequeno prato novo de barro, no qual terá carvões em brasa e ireis perfumar vosso quarto de círculo do Oriente e o de retirada, no Ocidente.

INCENSOS

Ingredientes:	4 sols de açafreão.
	4 sols de incenso puro.
	4 sols de flor de enxofre.
	4 sols de grãos de amapoula branca e negra.
	4 sols de cravo da Índia.
	4 sols de canela branca de bastão.
	4 sols de mastique em gotas (goma).
	4 sols de <i>sandarac</i> (goma).
	4 sols de noz moscada.
	4 sols de semente de girassol.

Misturar todo e em seguida colocar um pouco no prato de barro. Incensai o quarto de círculo. Voltai e colocai mais três punhados de incenso no prato onde arde o carvão acceso e incensai por quatro vezes o quadrante Ocidental. Depois de realizada esta cerimônia, ireis fazer as invocações que vos enviarei no próximo correio, não tendo agora absolutamente nenhum tempo de transcrevê-las. ... tendo pressa de fazer reparos que o ultimo furacão ocasionou na casa de meu sogro.

.....

Ireis observar durante os três dias de operação de fazer pela manhã o Ofício do Espírito Santo, a noite, no quarto onde operais, os sete salmos e as litanias dos santos. Entrareis em vosso templo duas horas antes da meia-noite, a fim de poder reorganizar tudo de novo.

DURAÇÃO DA OPERAÇÃO

Nos primeiros dias de vossa operação, não deixareis vosso círculo de retirada, senão à uma hora e meia da manhã, perto de duas horas após a meia-noite. Ireis procurar vos alimentar, nesse dia, ao meio-dia precisamente, e terminar em uma hora fixa. Não tomareis nenhum alimento até que terminardes vossa operação. Podeis beber água se tiverdes necessidade, mas nada de café ou outra bebida qualquer. Eis um simples resumo do que deveis fazer.

CÍRIOS E ABERTURA DOS CÍRCULOS

"Eu vos enviei um pequeno talismã triangular que levareis de um ponto a outro, durante o trabalho de três dias. Quanto à situação de vosso templo, seria melhor que vos dirigisses no futuro ao Oriente para pôr o quarto de círculo, do que para o norte".

"Os círios de representação são postos entre a circunferência do quarto de círculo. A vela que deve ficar iluminada sozinha é a mesma que está no centro do vosso quarto de círculo, e que a levareis ao quadrante de retirada ou círculo de correspondência. Quanto às outras, vós as colocastes bem".

"É costumeiro, e mesmo ordenado e prescrito por juramento que cada chefe principal soberano dos círculos de operação espiritual divinos tenha seus círculos abertos pelos quadrantes e pelo meio, e todo o ano abertos de forma semelhante, para não sermos surpreendidos e cairmos em falta, seja por sua utilidade particular, pela ordem, pelas instruções particulares e gerais, por quaisquer doenças e para a propagação da ordem e a conservação de seus fiéis membros".

SEQÜÊNCIA DA INICIAÇÃO (1770)

Eis o ritual das primeiras operações.

É preciso nos dirigir para dois anos adiante (Fevereiro de 1770) para reencontrar a seqüência dos ensinamentos práticos, junto com novas modificações concernentes a um grau iniciático mais elevado.

Não há mais aqui os círculos de retirada no Ocidente, mas sim um grande círculo no centro do templo e o quarto de círculo habitual no Oriente.

Eis aqui duas cartas muito importantes sobre esse assunto. Entre outras informações, encontra-se a característica das aparições.

CÍRCULOS

"Ireis fazer um círculo com giz branco no centro de vosso templo, e traçareis ainda vosso C. D. C. no quadrante Oriental, que será o costumeiro. Isto feito, vós vos prostrareis com toda a face dentro de vosso círculo, traçado no centro do templo, o qual terá cerca de seis pés de diâmetro. A parte superior de vossa cabeça, estando prosternada, apontará para o Oriente, onde será traçado o quarto de círculo. Ireis vos prostrar no dia 22 do mês seguinte, dia do Equinócio, para receber vossa ordenação, precisamente às dez horas da noite, e permanecereis com a face nesta posição por cerca de meia hora. De minha parte, estarei em meu quadrante às nove horas da noite em ponto para trabalhar por mim e por vós. Ficarei nesta posição até a uma hora da madrugada. Quando tiver passado a hora indicada em vossa prosterneção, ireis extinguir as luminárias ordinárias, que estão em vosso quarto de círculo, apagareis tudo que haveis traçado e podereis retirar-se para vosso lar".

"No dia 25 do mês de Março próximo, ireis retraçar exatamente as mesmas coisas que havíeis feito para vossa ordenação, inclusive o círculo de C. D. C. Tereis tudo pronto e traçado, e às onze horas da noite em ponto, tudo estando em ordem, começareis pelas últimas invocações que já vos enviei. Em seguida, seguireis vosso trabalho regular. Primeiramente, observareis de não colocar o círio no centro do círculo, mas sim ireis traçar a letra que assinalo em minha carta. A dita letra estará posicionada entre vossas pernas durante todo o tempo de vosso trabalho. Ireis trabalhar pelos três dias o último pacote que vos remeti, ainda que esta obra seja apenas para a quarta-feira e o sábado. As circunstâncias em que estais me forçam a redobrar vosso trabalho sobre esta obra durante os três dias de operações, não importam os dias. Para grandes males, grandes remédios".

"Quanto à última obra que vos enviei, podereis servir-vos dela após esta operação. Os dias mais adequados estão precisamente indicados no pacote. Podereis fazer todas as semanas, todos os meses, ou duas ou três vezes por ano, conforme vossa vontade, e enquanto vos sentireis bem disposto para realizar o trabalho".

"No futuro, não traçareis nenhuma figura, nem círculo, nem outra coisa, dado que esta operação pode se fazer em todos os lugares, sem outra forma de se proceder".

VISÕES

As visões são brancas, azuis, vermelhas-claras. Enfim, elas são mistas ou totalmente brancas, da cor da chama dos círios. Vereis centelhas e sentireis estremecer todo o corpo. Tudo isso anuncia o princípio da tração que "La Chose" faz com aquele que trabalha. Tenta, T. C. Mestre, de procurar alguma dessas coisas, posto que simples discípulos que tenho, sob a ordenação do Grande Arquiteto, vêm noite e dia, sem luz e nem círio, nem outro fogo qualquer. Isso não me surpreende, pois eles estão inteiramente entregues a "La Chose" e ordenados regularmente. Quanto a isso, eles vos irão passar suas afirmativas da visão, feitos e assinados por suas próprias mãos, para que estejais convencido de seus sucessos na Ordem. Tenhais a amabilidade de fazê-los passar ao P. Mestre substituto para que ele veja claramente o sucesso desses renomados Mestres, que são quatro. O primeiro, o irmão de Hauterive, gentil-homem, antigo capitão do Rei; outro é o irmão Defore segundo, capitão de artilharia, outro é o irmão Defournier, antigo burguês vivendo de seus rendimentos de Bordeaux, sobrinho do Grão-Prior dos Agostinianos de Paris. Se o irmão Barão de Calvimont estivesse aqui, ele teria igualmente recebido seu certificado, mas o terá quando retornar de suas terras. Caso ele necessitasse de outros, poderia obtê-los dos Veneráveis irmãos Cabory, Schild, Marcadi, os quais estão nas mesmas condições que os primeiros mencionados acima. Aqui estão, P. Mestre, pessoas muito instruídas e esclarecidas que jamais desejariam enganar "la chose" nem zombar dos homens de boa-fé com ilusões e de se auto enganarem.

EM NOME DO GRANDE ARQUITETO DO UNIVERSO

Alegria, Paz e Benção para quem me compreenda.

Do Grande Oriente dos Orientes.

Bordeaux, L. M. 333-375-5 79

2448, 5729, do m. 45 do Cristo E. V. 1770 do segundo
e último quarto da segunda lua, em 13 de Março.

T. R. M.

Respondo a todas vossas questões: A colocação dos círios está perfeitamente bem feita no número de dez, e no número de oito, podeis seguir exatamente a iluminação que me assinalais em vosso quarto de círculo, e não altereis em nada essa iluminação. A vela posta no Ocidente, fora do quarto de círculo, deve ser retirada, e ainda mesmo um pouco obscurecida, a fim de deixar a liberdade às coisas que devem permanecer livres de toda luz elementar, visto que as "choses" carregam consigo sua luminosidade – sejam brancas, vermelhas ou outras, segundo vos indiquei em uma de minhas últimas cartas.

A iluminação do Oriente deve ser feita quando realizardes as meditações, e que ali não haja absolutamente nada além da referida luz. Para apagar vossas luminárias, começareis pelas que estão abaixo do quarto de círculo, começando pelas duas em direção ao Sul, marcadas com as letras MR, após terdes apagado a palavra. Em seguida, ireis extinguir aquelas que estão voltadas ao Norte, impressas com as letras WG. Dali ireis apagar os dois círios que estão no interior dos dois raios, no alto do quadrante partindo do Oriente, sempre pronunciando primeiro a palavra inscrita, depois a apagando com a mão e por fim extinguindo a chama. Sempre se inicia em direção ao Sul para apagar, isto é, pelas letras OZ, depois ireis extinguir da mesma forma aquelas que estão no Oriente, e assim por diante com as demais. Isto feito, ireis vos colocar no grande círculo, que está no meio do vosso quarto de círculo, onde está inscrita a expressão RAP. Elevareis todas as palavras traçadas ao redor do referido círculo, começando por aquelas que apontam ao Ocidente, às letras IA. A seguir, ireis elevar aquelas que se dirigem ao Sul, e depois às do Oriente. Estas quatro palavras elevadas vos simbolizam as quatro regiões celestes e aqueles que as dirigem espiritualmente. Isso feito, tomareis o círio que está no centro do círculo para vos iluminar durante a leitura das Invocações e assinalareis as letras RAP entre vossas pernas, e em seguida fareis todas as invocações necessárias. Logo, apagareis a palavra RAP, extinguireis a vela e ireis vos posicionar no círculo de retirada, de pé, tendo a face voltada ao Oriente para poder observar e, entre as pernas, a palavra IAB. Noteis que o círio colocado no círculo de retirada é o que deveis ocultar. Chegado o momento em que deveis vos retirar, recolocareis o círio que haveis retirado de seu círculo e o deixareis como estava antes. Elevareis as palavras que estão ao redor do mesmo círculo, e daquele do Centro, com os mesmos modos e cerimônias que cumpristes com aquelas que estão ao centro do vosso quarto de círculo. O círio que me representou será extinto após feitas às invocações, dizendo "Bendito seja aquele que me assiste e que me entende O. Bagniakim Amem". Cuidareis de elevar todas as palavras, tendo o joelho direito no chão, e o esquerdo em posição normal, acima. Ainda, tereis o cuidado de acender um círio para aquele que queima no círculo de retirada, antes que ele se consuma, a fim de ter uma luz para fazer o que julgar apropriado. Este último círio, colocado no círculo de retirada, sendo aquele que deve servir para a observação de passes, e tendo ali consagrado uma palavra, ele deve ser apagado como os outros, para se efetuar o reenvio do Espírito ligado a ele. As estrelas que estão sobre o alto do muro do Ocidente não devem jamais serem postas em um círculo, mas devem ser traçadas apenas com as letras que as rodeiam. Com relação ao círculo que deve vos servir para vossa ordenação, será colocado entre o círculo de retirada e os dois raios do vosso quarto de círculo. Podereis recolher, para esse dia, vosso círculo de retirada e retraçar o quarto de círculo para colocar aí o círculo de cinco pés e oito polegadas de diâmetro, não tendo vossa estatura mais do que seis pés. É de suma importância que vosso corpo esteja encerrado exatamente em um círculo, por isso que se traça com pelo menos seis pés de diâmetro para as ordenações.

Também encontrareis assinalado na mesma folha o lugar fixo no qual colocareis o círculo de ordenação.

Quando tiverdes acendido todos os círios de vosso trabalho, recitareis os sete Salmos de Davi, em seguida incensareis o círculo de retirada por três vezes. Dali incensareis os dois pequenos círculos,

abaixo do quarto de círculo marcado com as letras MR, com três incensamentos cada um. Repetireis o mesmo com os outros dois que estão abaixo do referido quarto de círculo, ao Norte, marcados com as letras WG. Em seguida, ireis incensar o círculo, posto no centro do quarto de círculo, marcado com a palavra RAP, por três vezes, como os outros. Em seguida, fareis o mesmo com os dois pequenos círculos, ao alto do quadrante superior, começando por aquele marcado com a letra Z. Depois, com aquele marcado com as letras IA, igualmente incensando por três vezes. Em seguida, mais quatro incensamentos no pequeno círculo que está no ângulo apontado pelo referido quarto de círculo marcado por IW: Isto resultará no total de vinte e oito incensamentos que, por sua vez, formarão o número misterioso de dez. O círculo de prostração e as letras da palavra que empregareis para a ordenação estão marcadas abaixo do quarto de círculo, assim que as vereis e as executareis.

Previno-vos que irei trabalhar para o restabelecimento da minha esposa, e tendo já trabalhado há mais de doze dias, não obtive senão uma pálida melhora de sua saúde. Eu a recomendo ao vosso trabalho para conseguirmos juntos do Eterno seu perfeito restabelecimento. Sua enfermidade é das mais singulares e sem febre. Quanto à questão dos certificados que enviei, não tenha qualquer suspeita de ilusão direta ou indireta, nem variação, nem mudança do número de dias, nem de época que pudesse persuadir e convencer os referidos sujeitos a se deixarem surpreender por coisas ilusórias nem por assuntos sofisticos; eles realizam feitos que vos parecerá até mesmo mais surpreendente que os diários, já que fiz uso dos seus próprios diários, que me resultaram bem na pesquisa que fiz e que interpretei muito bem sobre os eventos presentes e futuros, os quais me têm perfeitamente prosperado pela graça do grande Arquitecto do Universo.

Começareis as vossas prostrações antes do incensamento; a primeira se faz no círculo de retirada, a segunda na letra MR, a terceira na letra WG, a quarta na letra RAP, a quinta na Z, a sexta na letra IA e a sétima na letra IW. Depois das prostrações, incensareis como vos falei. Eis tudo que havia para dizer R. M. no tocante ao que me perguntais tendo mesmo muito pouco tempo para vossa instrução.

Estejais pronto para os dias 22 do corrente, 25, 26 ou 27 também do corrente. O que se fez no Sul está muito bem. Ireis iniciar pelo Ex e Exc. na segunda-feira. Antes da invocação, seguir-se-á a linha em que serão postos os ditos Exc. nas invocações. Confiai-me que devereis estar em Paris, no mês de Abril próximo, onde o presidente M. de Grainville deve vir a fim de encontrar acomodações definitivas para o bem geral da ordem; é o que desejo ardentemente. E que o Eterno santifique seu empreendimento em tudo neste sentido. Eu não contribuirei menos por meu próximo trabalho para que digne vos favorecer tanto espiritualmente como temporalmente e vos sustente por um tempo imemorial. Amém + + +"

D. M. De Pasqually
G. Sria

Fiz partir vossa carta para o P. M. Grainville. O nome do Mestre Conf. é Sr. de Grivau, capitão de infantaria.

Dom MARTINEZ em Bordeaux,
13 de Março de 1770.
Acerca da explicação do 1/4 de Círculo.
Para os 22-25, 26, 27 de Março.
Enviando de volta meu esboço.

Assim, temos detalhes muito curiosos sobre este ritual Martinista que era tão pouco conhecido no mundo profano.

Willermoz, como de costume, não teve nenhum resultado prático interessante. Não da mesma forma acontece com o mestre, que em 7 de Abril de 1770 dá os detalhes seguintes a respeito de uma operação que realizou para curar a sua esposa.

RECUPERAÇÃO DA ESPOSA DE MARTINES POR UMA OPERAÇÃO MÁGICA

7 de Abril de 1770.

"Eu compartilharei convosco, P. M., a graça que recebi de Deus, pela força de meus trabalhos e as orações legítimas e sinceras de meus verdadeiros discípulos e seguidores da ordem. Eu não tardei a sentir os efeitos eficientes da graça que o Eterno quis me conceder a favor da restauração da saúde de minha esposa, que a morte cercou com suas cores mais pálidas, envolvendo a forma corpórea dela com os males mais perigosos que são suscetíveis de reduzir o indivíduo da natureza humana à sua reintegração de força, contra as prescrições da duração de seu curso".

"Farei-vos a sincera confissão dos diferentes males que subjugaram minha esposa; tremereis enquanto os ouvir pronunciar. 1º A dissolução do sangue. 2º Uma perda vermelha (menstruação) de 54 dias. 3º Obstrução do útero. 4º Relaxamento de todas as partes intestinais. 5º Uma cólica nefrítica, obstrução nas glândulas que estão no lado direito da virilha. E enfim, definitivamente, uma dor ciática reumática. Em consulta feita com todos os nossos célebres médicos e cirurgiões de nossa cidade, realizada em presença de toda a família, de minha esposa e em presença de 7 ou 8 de meus seguidores, concluiu-se que eles condenaram minha esposa à morte sem nenhum recurso, o que afligiu toda a sua família. Depois de ter recebido esta sentença cruel, fiz a narração dos distintos males que afligiam a minha esposa, o que os surpreendeu um pouco, e me responderam que eles a abandonavam às minhas experiências, em nenhuma vez tendo visto um caso semelhante; o paciente nunca ter tido febre deixou-os muito desorientados, e eu me encarreguei com a ajuda de Deus de fazer o melhor para restabelecê-la por completo. Os referidos doutores ordenaram que minha esposa se submetesse aos meus cuidados, mas que eles não acreditavam que eu teria algum sucesso".

"Próximo do 3º dia do meu trabalho, dei-me conta do sinal de sua recuperação, do qual percebi verdadeiramente o perigo em que ela se encontrava. Uma prova eficaz da graça que recebi foi que no quarto dia do trabalho, eu fiz ela se erguer, e a agitei levemente, o que fez arrebentar um abscesso que ela tinha no baixo ventre, que produziu uma quantidade de matéria pavorosa. Este abscesso hoje está ainda em supuração pelas vias da natureza ordinária; esta supuração se faz hoje como uma perda branca".

"Esta pronta recuperação ocasionou muito alvoroço em nossa cidade e em nossa província".

Na continuação desta comunicação, Martines dá ainda a seus discípulos os seguintes conselhos práticos e anuncia novos trabalhos de magia.

LA CHOSE

20 de Janeiro de 1770.

"Acredito que não deveis duvidar de nada disto que vos adianto, pelo contrário, eu vos exorto a seguir meu conselho e vos deixar conduzir por aquele com quem estais verdadeiramente unido. Assim que deveis julgar pelas coisas já citadas, que vos envio, para vos preparar para conhecer "La Chose". A graça que vos peço é a de não falar disto a nenhuma alma vivente, visto que não as passei a ninguém, nem mesmo a nenhum de meus R+, nem lhes dei ainda o conhecimento do tempo de poder se retirar um pouco do grande mundo para se doar inteiramente a "La Chose". Se verdadeiramente "La Chose" não fosse tal como vos asseguro, e se ela não tivesse se manifestado da forma como o fez, diante de mim e diante de tantas pessoas que a quiseram conhecer, não somente eu mesmo já a teria abandonado, mas também teria afastado, conscientemente, todos aqueles que quisessem se acercar dela de boa-fé".

7 de Abril de 1770

"Quanto à questão dos resultados que não recebestes ainda de La Chose, isso não deveria vos surpreender. "La Chose" é, por vezes, dura para com aqueles que a desejam muito ardentemente antes do tempo. Sede constante e sereis recompensado quando menos o imaginareis".

"Eu não escondo, poderoso M., que é preciso que um verdadeiro R+ esteja afastado de toda matéria impura e sobretudo daquela proveniente da fornicção, que traz dissensão à alma".

"Aconselho-vos de seguir exatamente tudo o que o G. M. de Grainville vos disser no tocante à Ordem. Eu lhe pedirei que vos faça trabalhar nos quatro círculos, com os quatro círculos de correspondência. Fareis vós mesmo as invocações, ou ele mesmo, tanto faz".

DA INVOCAÇÃO

"Desde que a convalescença de minha esposa me permita, irei trabalhar com as diferentes invocações necessárias para os 7 dias de operação da semana, cada um tratando dos bons gênios dos planetas e de seus regentes maiores, dominando sobre eles. Comecei este trabalho, que é muito satisfatório e curioso. Deixei os interesses da Ordem nas mãos do P. M. de Grainville. Após este trabalho, farei as invocações para todas as operações de cada mês, de cada equinócio, com exceção dos dois solstícios".

No ano seguinte (1771), ao se aproximarem os equinócios, o discípulo lionês pede ainda novas informações técnicas, as quais Martines lhe envia. Saint-Martin é então secretário do mestre, já que a caligrafia é da escrita do futuro iniciado e a ortografia é perfeita.

INFLUÊNCIAS ASTRAS - A LUA

16 de Novembro de 1771

"Ser-vos-ia possível, caro Mestre, de me fixar com um mês de antecipação, segundo vossa vontade, o período no qual podereis trabalhar nos equinócios? Posso, igualmente, deixar-vos a escolha de três dias consecutivos que vos serão os mais cômodos em uma semana, que já vos mencionei. Assim o embaraço jamais viria de minha parte, mas não pude vos responder se seria o mesmo da vossa. Como não vos conduzo, senão pelas leis da Natureza, sinto-me obrigado a me regular pelos cursos lunares em meus trabalhos neste plano, já que este é o astro que dirige principalmente a parte inferior, e ainda não pude fazer os cálculos para saber em que data cairá a lua de março próximo. Quando estiver seguro desta data, terei o cuidado de vos comunicar, mas repito, pode ser que este tempo não coincida com o vosso. Sei que será difícil de vos ocupar com o trabalho espiritual de 20 de Março até 5 de Abril. Estareis livre antes do prazo. Enviei-me se souberdes logo, também, já que é possível que a lua equinocial dure até o mês de Abril".

TRABALHO DOS TRÊS DIAS

"Suponhamos que a questão do tempo esteja resolvida, falemos do gênero do trabalho que ireis realizar. Creio vos ter comunicado de não pensar ainda naquilo que o M. de Grainville vos passou, e que reserve isso para um tempo quando tiverdes feito maior progresso. Minha intenção tem sido, e é que vos limiteis ao trabalho de três dias que vos enviei todo traduzido do latim para o francês. Ali juntareis a invocação do G. A. que possuis, seguindo exatamente a instrução que já vos remeti a esse respeito. A grande invocação da meia-noite não faz parte deste último trabalho, também esse assunto não é premente. Quanto aos convidados particulares e convocações, acredito já vos ter feito chegar alguma coisa a respeito e o objetivo será fácil de executar, ainda mais que o operador sempre pode colocar algo seu, sempre que isso tenda para o bem".

Não mais que das outras vezes, infelizmente, a operação de Willermoz não tem êxito e no ano seguinte o fracasso se reproduz ainda.

O mestre lhe dá, não obstante, grandes esperanças em uma de suas últimas cartas escritas em Porto-Príncipe, em 9 de Maio de 1772.

ESPERANÇA DE UM SUCESSO PRÓXIMO

9 de Maio de 1772.

"Tomo grande parte da mortificação de terdes tido tão poucos resultados. Fui prevenido por meu trabalho que se tivésseis tido, nos vossos, alguma satisfação, não teria sido considerável. Mas, contudo, pude reconhecer alguma coisa como esta":



"Não posso mesmo duvidar que isto não tenha se passado completamente, ou em parte em vossa casa, mesmo que não tenhas visto nada. Se tivésseis podido fixar a menor atenção, ou somente o perceber na rapidez do passe, isto teria sido para vós um grande guia que vos teria servido para descobrir o restante, pois isso seria unicamente para vós mesmo, e para vossa própria inteligência, que levaria a vos instruir e a vos formar, seja no trabalho, seja na interpretação. Não é preciso, todavia, que vos alarmeis com isto que é tão rigoroso e tão intratável para vós. Pelo contrário, deves redobrar vossa coragem e vossa confiança na certeza que o vosso tempo e a vossa felicidade não poderão deixar de chegar, se vós os desejardes, pois, enfim, o homem é seu próprio mestre".

Esta carta nos dá detalhes muito importantes. A saber, que a prática compreendia duas partes:

1º) *O Trabalho* ou operação mágica destinada a fazer nascer as visões.

2º) *A interpretação* dessas visões, a chave dos símbolos empregados pelo mundo invisível para se comunicar com o iniciado.

Antes, então, de passar à exposição da doutrina de Martines, ainda nos deteremos por alguns instantes sobre estas práticas.

Primeiramente, uma questão que se coloca na seqüência dos sucessivos fracassos de Willermoz é a de saber se as "visões" existiam e se Martines forneceu suas provas aos outros discípulos e ao negociante lionês?

Sobre este ponto, a crítica parece ter bem esclarecido a questão. M. Franck, em seu memorável livro sobre o Martinismo, invoca de fato dois testemunhos, o de Saint-Martin e o do abade Fournier. Eis as duas passagens concernentes a essa questão.

"Não irei vos ocultar absolutamente que na escola na qual passei, há mais de vinte e cinco anos, as *comunicações* de todo gênero eram numerosas e freqüentes, que tive minha participação como todos os outros e que, nessa parte, todos os sinais indicativos do Reparador eram presentes". (*Saint-Martin, cit. por Franck, p. 17*)

O abade Fournier nos informa, sobre a fé de sua própria existência, que Martines possuía o dom de *confirmar* (essa é a palavra consagrada na escola) seus ensinamentos por luzes do alto, por visões exteriores, em princípio vagas e fugazes como uma centelha, e em seguida cada vez mais qualificadas e prolongadas. (*Franck, p. 18*)

Mas um outro extrato das cartas de Saint-Martin, citado por Franck, nos fornece ainda novos e curiosos detalhes sobre esse tema.

POTÊNCIAS

"Se a enumeração das potências e a necessidade de classificar é para vós um domínio novo, o amigo B. vos será de grande ajuda nestes assuntos, e não duvido nada de que, se continuastes a lê-lo, já tendeis dados alguns passos a respeito disso desde a vossa última carta. A Escola pela qual passei deu-nos também uma boa nomenclatura neste assunto. A de B. é mais substancial do que a nossa e conduz mais diretamente ao alvo essencial; a nossa é mais brilhante e mais detalhada, mas não a considero tão proveitosa, tanto mais que ela é somente, por assim dizer, a língua do país que é preciso conquistar, e falar línguas não deve ser o objetivo dos guerreiros, mas na verdade submeter as nações rebeldes. Por fim, a de B. é mais divina, a nossa é mais espiritual; a de B. pode e deve tudo fazer por nós, se soubermos com ela nos identificar, a nossa exige um operação prática e operativa que lhe rende frutos mais incertos e talvez menos duráveis; ou seja: que a nossa está voltada para operações nas quais nosso Mestre era competente, ao passo que as de B. estão inteiramente voltadas para a plenitude da ação divina, que em nós deve ocupar o lugar de tudo". (*Saint-Martin, correspondência inédita cit. por Franck, p. 24*)

Bastaria enfim, nos reportarmos às "certificações" dadas por Martines a Willermoz em sua correspondência para se convencer que muitos discípulos obtiveram resultados práticos muito importantes.

Mas os arquivos que possuímos nos permitem dar à questão que colocamos uma resposta bem inesperada. Willermoz alcança seus objetivos e obtêm fenômenos da mais alta importância, que alcançam seu apogeu em 1785, ou seja, *treze anos* após a morte de seu iniciador Martines de Pasqually.

Podemos acompanhar na correspondência de Willermoz e de Saint-Martin (1771 a 1790) a eclosão e a marcha desses resultados práticos que incitaram Saint-Martin a vir muitas vezes a Lion e ademais, possuímos uma parte dos cadernos, como também o catálogo dos ensinamentos dados pela aparição que Willermoz designa sob o nome de "*o Agente desconhecido encarregado do trabalho da iniciação*".

Vê-se que muita constância foi preciso a Willermoz para conseguir resultados sérios e é para ficar espantado com a obstinação desmedida, neste caso, com aquele que, mais que os outros, pode-se denominar de "Homem de Desejo".

Acabamos agora a exposição do "ritual" empregado pelos Martinistas.

Os leitores que estão a par da teoria e da prática da magia compreenderão o caráter estritamente tradicional deste ritual.

A inclusão de "luminárias" é, todavia, característica do Martinismo.

Os profanos não vêem ali mais do que charlatanismo, alucinação e loucura. Isso importa pouco à verdade destes fatos, que não serão bem conhecidos em menos de cinquenta anos. Até lá, os profanos têm o direito de profanar os mistérios e o silêncio desdenhoso deve ser a única resposta dos iniciados.

Mas, deixemos esses assuntos apaixonantes e abordemos agora o estudo da doutrina propriamente dita do fundador do Martinismo.

DOCTRINA

Dos três princípios sucessivamente estudados pelo esoterismo: Deus, o Homem e o Universo, é no Homem que Martines coloca principalmente toda a sua atenção.

Já insistimos, ademais, sobre este assunto no início deste capítulo.

Mas, de todas as idéias concernentes ao Homem e sua Evolução, nenhuma interessa mais à Martines do que aquela da queda e da reabilitação, que ele chama de *reintegração*. M. Franck nos fornece em sua obra algumas páginas de um tratado consagrado pelo mestre à questão.

1º) A queda foi universal para todos os seres materiais e a reintegração o será também.

2º) O Homem é o agente divino desta reintegração universal.

3º) "O ser perverso" propriamente será reintegrado pelo amor.

Tais são os três fundamentos da doutrina de Martines sobre este ponto.

"Segundo a doutrina de Martines de Pasqually, o homem não é o ser que carrega em si os traços e que sofre as conseqüências de um pecado original. Todos os seres caíram como ele, tanto aqueles que povoam os céus ou os que rodeiam o trono do Eterno, como aqueles que estão exilados sobre esta terra. Todos se ressentem, com pesar, o mal que lhe afastaram de sua divina fonte e esperam impacientemente pelo dia da reintegração". (*Franck*, p. 13 e 14)

"Martines Pasqually possuía a chave ativa de tudo o que o nosso caro B. expõe em suas teorias, mas que não nos acreditava em condições de sermos portadores dessas altas verdades. Havia também pontos que nosso amigo B. ou não conheceu ou não quis mostrar, tais como a *resipiscência*⁸ do ser perverso, à qual o primeiro homem estaria encarregado de trabalhar". (*Saint-Martin, cit. por Franck*, p. 15)

Encontramos aqui a teoria tão admiravelmente desenvolvida mais tarde por Fabre D'Olivet (*A Língua Hebraica Restituída, Cain*).

O estado do Salvador, do Cristo, é um estado acessível a toda alma humana agindo em compasso absoluto com os princípios providenciais.

Agora, eis o que o abade Fournier nos assegura ter ouvido da boca de Pasqually:

"Cada um de nós, caminhando sobre seus traços, pode se elevar ao grau que alcançou Jesus Cristo. É por ter feito a vontade de Deus que Jesus Cristo, revestido da natureza humana, tornou-se o próprio Filho de Deus. Seguindo ou imitando seu exemplo, ou colocando nossa vontade de acordo com a vontade divina, entraremos como Ele na união eterna com Deus. Nós nos esvaziaremos do espírito de Satã para nos preencher do espírito divino; tornar-nos-emos um, como Deus é um, e seremos consumidos na unidade eterna de Deus Pai, Deus Filho e Deus Espírito Santo, conseqüentemente consumidos no gozo das delícias eternas e divinas". (*Franck*, p. 14)

É pela resignação esclarecida aos "maus que levam consigo o destino" que o homem alcança essa evolução, poderosamente auxiliado pelas operações mágicas que permitem a assistência *objetiva* de um guia vindo do mundo invisível.

Tal é, resumido em poucas palavras, a doutrina exposta com detalhes por Martines nos extratos seguintes de suas cartas e que Adolph Franck determinou muito bem.

"Possuímos agora, nos elementos mais essenciais, a doutrina de Martines Pasqually. Ela se compõe de duas partes bem diferentes: uma, interior, especulativa espiritual, à qual se incorporam antigas

⁸ Arrependimento de um pecado, com propósito de correção. Emenda moral.

tradições, se não estivesse ela mesma inteiramente contida nessas tradições; a outra, exterior, prática, até certo ponto material ou menos simbólica, que dependia como nos ensina Saint-Martin, de todo um sistema sobre a hierarquia das virtudes e das potências ou sobre os graus do mundo espiritual interpostos entre Deus e o Homem". (*Franck, op. cit.* p. 23)

Citaremos agora as principais passagens referindo-se à doutrina nas cartas de Martines.

Em 19 de Setembro de 1767, por ocasião de sua doença, Martines fez a seguinte reflexão:

FRAQUEZA E GRANDEZA DO HOMEM

Somos todos homens, e, nessa qualidade, nenhum de nós, é justo diante d'Ele (Deus). Recordemos que não nos colocou de nenhuma forma sobre esta superfície por causa d'Ele, mas sim, por nós mesmos. Depende de nós estarmos junto a Ele, conforme está em nosso poder permanecer solitários em nós mesmos.

Deus me puniu com um golpe do destino. Mas seu justo castigo deve tranquilizar o mesmo homem sobre sua dúvida. Jamais ele se assemelhou à besta no sentido que a besta permanece impune, e o homem é do eterno quando ele cometeu a falta, e a punição que o homem recebe, no momento em que ele pecou, assegura-lhe a bondade desse ser perfeito; não desejando perdê-lo inteiramente, ele se aflige e faz com que veja que Ele nunca o privou de sua misericórdia e de sua graça.

O homem é ambicioso, curioso e insaciável. Sua imaginação sucede a seu pensamento, sua fraqueza e seu desgosto destroem em um instante a ação de seus projetos, o que o torna inquieto, vil e malvado contra aqueles que o querem educar e ensinar. Não admite outro sucesso que não aquele que obtém de suas operações, colocando em si uma confiança incomparável, tomando a si por um deus em suas realizações e querendo mesmo ignorar que ele não é senão um homem como os demais. Quanto a mim, sou um homem e não creio absolutamente haver em mim mais que um outro homem. Sempre disse que todo homem tem diante dele todos os meios convenientes para fazer tudo àquilo que eu pude realizar de minha pequena parte. O homem não tem mais do que querer, e terá potência e poder.

PRÁTICA - ESTADO E REINTEGRAÇÃO DO HOMEM

13 de Abril de 1768.

Não sejais impaciente, esperai pelo vosso tempo, este tipo de coisas não estão unicamente à disposição do homem, mas sim do T. H. e T. P. Eterno. Seria uma afirmação temerária e impertinente, se dissesse que estas coisas estão em meu poder. Não sou senão um falho instrumento a quem Deus quer bem, indigno como sou, e deseja se servir de mim, para recordar aos homens, meus semelhantes, de seu primeiro estado de maçom, que quer dizer espiritualmente homem ou alma, a fim de lhes fazer enxergar que eles são verdadeiramente homens de Deus, sendo criados à imagem e semelhança desse Ser Todo-Poderoso.

OBJETIVO DA ORDEM - O HOMEM DE DESEJO

Com respeito ao que me dizeis que quereis estar convencido verdadeiramente do objetivo da ordem, isso depende de vós mesmo. Fazei bem a vossa parte, que Deus e aquele que está encarregado de vos conduzir a este respeito farão a sua parte. A ordem abriga uma verdadeira ciência, edificada sobre a verdade pura e inocente. É impossível que ali a sofisticada reine e que o charlatanismo presida. Pelo contrário, os falsos, em um determinado tempo, debandam e a verdade permanece. Para vos poder convencer desta verdade, seria necessário que me tivésseis seguido à mais tempo, e, desta forma, todas vossas dúvidas teriam sido dissipadas.

Possuis sobre vós todos os emblemas dessa pura verdade. Observai somente os cinco dedos desiguais que compõem cada uma das vossas mãos e pés e procurai adivinhar um pouco esses diferentes emblemas. Juro-vos que não tereis grande coisa a mais para me questionar, por estar seguro que a ordem abriga para o menor deste baixo mundo coisas extremamente necessárias e essenciais para seu progresso. Assim a ordem procura o **Homem de Desejo**, e quando ele se deixa guiar, ele se contenta.

OS PREDECESSORES

Eis, T. P. M., tudo o que poderia vos responder, sobre todas as questões que me apontastes em vossa missiva. Respondo-vos sem dissimulação e sem adulação. Nunca procurei induzir ninguém no erro, nem enganar as pessoas que chegam a mim, de boa-fé, para receber algo do conhecimento que meus predecessores⁹ me transmitiram. Eu provaria sempre diante de Deus e dos homens o contrário, e mesmo para aqueles que são os meus mais cruéis inimigos.

(Eis a chave do problema dos "cinco dedos desiguais" dado por Martines a seus discípulos)

A MÃO HUMANA

5 de Maio de 1769.

Pela potestade do mandamento, o homem poderia oprimi-los ainda mais (aos maus demônios) na privação, recusando toda comunicação com eles, o que nos é figurado pela desigualdade dos cinco dedos da mão, na qual o dedo médio indica a alma, o polegar o espírito bom, o indicador o intelecto bom. Os outros dois simbolizam igualmente o espírito e o intelecto demoníaco.

Compreendemos facilmente por este símbolo que o homem não foi emanado, senão para ter continuamente um aspecto do mau demônio, para o conter e combater.¹⁰

A potestade do homem era bem superior àquela do demônio, posto que esse homem incluía em sua ciência aquela do seu companheiro e de seu intelecto, e que, portanto, poderia opor três potências espirituais boas contra duas fracas potências demoníacas, o que teria subjogado por completo os que professavam o mal, e por conseguinte, destruído o próprio mal.

(Tratado da Reintegração dos Seres Criados)

O VERDADEIRO HOMEM

Dizei-me que não haveis sido recebido, na verdade por meu intermédio. Não poderia conhecer outra certeza maior do que aquela pela qual vos recebi. Meu estado e minha qualidade de verdadeiro homem sempre me acompanhou na posição onde estou. Eu vos repito, P. M., que não tomo, para toda defesa, senão da verdade. É verdade que por vezes imprudentemente eu a divulguei um pouco em demasia, e sobretudo a pessoas que não a mereciam.

A QUEDA – O HOMEM DISTINTO DE SEUS CORPOS

5 de Maio de 1769.

⁹ Esta é a única vez em suas cartas que Martines fala desses misteriosos "predecessores", dos quais ele obtém sua doutrina.

¹⁰ Ver, a este respeito, o mesmo ensinamento dado na China para o triângulo místico. (*Tratado metódico das Ciências Ocultas*, p. 921)

"Recebi a missiva que pudestes me escrever na data de ... do mês passado. Vejo com grande pesar no coração as penas e os padecimentos que a vossa natureza da matéria original fizeram ao vosso corpo. Mas são coisas, de nós mesmos, que são inatas e que por este meio é impossível ao homem e a seu corpo buscar os meios de operar contra os vários estados desse primeiro princípio. Nascemos corporalmente com sete pecados originais, dos quais toda forma corporal não saberia e não poderia, de qualquer modo que seja, se subtrair. Mas com um pouco de profunda reflexão, o homem pode, contudo, enfraquecer e diminuir as integridades e as irritações conseqüentes e perigosas contra a solidez e a estabilidade de nossa natureza individual. Também os sábios legisladores haviam bem previsto o grande inconveniente que o homem era suscetível de dar à seu indivíduo, pela virtude e a autoridade de seu livre-arbítrio, que pode considerar por si mesmo e pode refletir por sua ignorância relativa em seu exemplo e vulgares costumes. Também o célebre legislador espiritual acumulou de sete pecados principais ou capitais o homem, e não a seu corpo, ainda que as sete coisas sejam ligadas ao corpo e não ao homem".

LIBERDADE DO HOMEM

Somente o homem é responsável diante de Deus pelo pouco cuidado e consideração com que ele tem colocado em atividade as coisas denominadas acima, e que não vos poderia explicar com maiores detalhes os quais seriam necessários para este ponto. É, P. M., a grande ciência do legislador, ainda que pela amizade íntima que ele havia tido pelo homem, seu semelhante, e por sua conservação espiritual e corporal, ele criou sete mandamentos principais, aos quais submeteu e constrangeu o Homem de Desejo a segui-los escrupulosamente. Estes mandamentos estão apoiados sobre a conservação da natureza, e que tudo o que for feito pelo homem contra a natureza será chamado de **pecado capital**. Refleti sobre isto, vereis que não há nenhum enigma oculto no que já disse: esquecendo de nós mesmos, esquecemos diretamente de Deus, que é o verdadeiro pai da criatura.

Como corolário desta passagem, citaremos este extrato do *Tratado da Reintegração dos Seres Criados*.

ORIGEM DO MAL

8 de Abril de 1769.

Pode-se ver por tudo isto que acabo de vos dizer sobre a origem do mal, não resulta de nenhuma outra causa da que do pensamento maligno, seguido da vontade maligna do espírito contra as leis divinas, e não do espírito emanado do Criador, vindo diretamente do mal, dado que a possibilidade do mal jamais existiu no Criador. Ele nasceu unicamente da disposição e da vontade de suas criaturas.¹¹

(*Tratado da Reintegração dos Seres Criados*)

A CIÊNCIA SECRETA

16 de Novembro de 1771.

Dos outros assuntos de que me falais, confesso que hesitarei menos em vos enviar, se ver frutificar o que já possuis em mãos. Não tendes, segundo me dizeis, a coragem de entregar-vos à obra enquanto não tiverdes convicção. Eu vos declaro que estaríeis cometendo o maior equívoco ao esperá-las de minha parte. Elas estão à disposição de aquele que conduz a todos nós. A ciência que professo é certa e verdadeira, pois ela não vem do homem, e aquele que a exerce, sem experimentar seus favores, não deve se fixar senão em si mesmo. Cristo mesmo o disse: "Aquilo que pedirdes em meu nome, sem hesitar e sem fraquejar em vossa fé, o obtereis". Eis a verdadeira chave da ciência. Creio, portanto, ter o dever de vos advertir que as reflexões que vós me fazeis não devem vos impedir em vosso

¹¹ Wronski expõe com mais detalhes ainda a mesma idéia em seu *Messianismo*.

caminho. A razão é simples, ainda que não tenhais nenhuma convicção, aquilo que admitis poderíeis conseguir, posto que não há nada mais livre que a marcha do espírito, e se não esperardes essas convicções para construir a obra, poderia talvez vos enviar todos os materiais que tenho em meu poder, sem que lhes deis mais valor do que os primeiros. Em absoluto pretendo recusar o que vos prometi, mas eu bem desejaria que fizesses uso daquilo que tendes convosco".

ÚLTIMAS CONSOLAÇÕES

21 de Agosto de 1772.

Imerso no sentimento e no zelo que haveis demonstrado até o presente em favor da "Chose", é para mim uma garantia que ela não vos será cruel por muito tempo. Não deveis duvidar que também estou ciente da sensibilidade que sentis por esta questão, mas o que me reconforta é que, mediante o esmero particular que me proponho tomar por vossa conduta, eu me orgulho que pelo auxílio de L..., conseguirei colocar um fim à vossa punição.

Não duvido que o vosso exemplo e a vossa correção na ordem que professais junto conosco, seja um exemplo marcante para todos os membros de la "Chose". Também penso que, seja quem for, o último dentre vossos irmãos e vossos iguais, não seríeis o primeiro com uma verdadeira resignação e uma perseverante tenacidade.

CAPÍTULO III

A OBRA DE REALIZAÇÃO DE MARTINES

Conhecemos Martines de Pasqually em seu caráter puramente humano e assistimos a suas tribulações durante vários anos. Em outra parte, apresentamos as experiências insólitas das quais Martines é um dos mais gloriosos representantes. Agora é-nos preciso prosseguir em nossa rota e ir ainda mais longe em nossas investigações.

Busquemos como este homem, pobre em recursos, sustentado pela sua esperança na Verdade e sua fé no Invisível, vai combater uma sociedade gangrenada pelo ceticismo dos grandes e pelo farisaísmo dos sacerdotes, como o iniciado vai criar esse movimento de idéias precursoras que, atravessando o turbilhão revolucionário, irão desabrochar na metade do século XIX, para se frutificarem no limiar deste século vinte, ainda obscuro para todos nós!

Iremos, primeiramente, determinar da melhor maneira possível o caráter das sociedades secretas consideradas sob o ponto de vista social.

Partindo deste ponto, compreenderemos o objetivo perseguido por Martines na constituição desses grupos de Elu Cohens, que irão lutar de todas as formas contra o materialismo das lojas ateias e privadas de toda tradição.

É então que seguiremos o mestre nesta paciente obra de realização que não se interrompeu em seu túmulo e que surpreende ainda hoje o buscador imparcial por sua majestosa grandeza e suas conseqüências sociais.

Fiéis à nossa linha de conduta iremos, em primeiro lugar, resumir os pontos mais técnicos em algumas páginas e nos limitaremos em seguida a retomar a análise da sua correspondência diária.

AS SOCIEDADES SECRETAS E SEU PRINCÍPIO

No corpo humano todas as manifestações exteriores são efeito de um trabalho interior, invisível. Deter-se apenas na constatação dos fatos exteriores seria negligenciar de pronto as causas, seria

arriscar-se a nunca prever nada para o futuro. Igualmente com a crosta das árvores, que são o resultado da circulação interior da seiva, como também muitos fatos políticos não são mais do que manifestações exteriores de uma circulação oculta da vida social.

Uma das causas mais ativas desse trabalho interior, em ação na sociedade, é a sociedade secreta, verdadeiro corpo astral da sociedade manifestada.

Os historiadores não se atêm, na maioria das vezes, senão nas manifestações exteriores, ao que podemos denominar de crosta da sociedade. Por outro lado os que buscam conspirações, os escritores religiosos da época atual principalmente, vêem em toda parte apenas a influência das sociedades secretas. Entre esses dois extremos o investigador independente deve saber realizar uma escolha judiciosa.

A sociedade secreta fornece, muitas vezes, o impulso primordial nas massas sociais, mas estas freqüentemente se adiantam ao comando dos chefes ocultos do movimento e então se produzem as terríveis reações brutais e impossíveis de se preverem.

O dever dos iniciados, daqueles que sabem prever as necessidades sociais, deve ser de acumular todos os seus esforços para criar homens capazes de provocar os movimentos úteis, a evolução das formas imperfeitas para realizar os princípios eternos na sociedade em via de evolução.

O repasse em algumas linhas da história da França nos tempos modernos mostrará bem este papel das sociedades secretas agindo como um verdadeiro "corpo astral" social.

A sociedade atual, na qual o parlamentarismo atingiu o seu apogeu, é a manifestação social da organização das lojas maçônicas (desde 1773), todas constituídas sob os princípios do parlamentarismo, do sufrágio universal e dos tribunais eletivos.

A sociedade anterior à Revolução era a manifestação social da organização das ordens religiosas, nas quais a hierarquia estava em primeiro lugar e onde a submissão ao poder diretor era o primeiro dos deveres.

A Igreja e a Realeza, ao suprirem a Ordem do Templo, sabiam perfeitamente o que estavam fazendo sobre o plano físico, mas eles ignoravam da tamanha potência que iriam dotar o plano astral, fonte de toda realização no futuro.

Hoje, o Papado, sentindo seu exército perdido, lança todos os seus soldados no assalto da fortaleza maçônica. Mas a luta desses dois poderes pouco importa. O espírito gnóstico, caracterizado pela aliança da intuição e da ciência é, desde agora, triunfador do espírito clerical e pouco nos importa a duração da agonia dos últimos vestígios da loba romana.

Mas não deixemos Martines, não nos esqueçamos que estamos na época da preparação da revolução e vejamos o estado das sociedades secretas nessa época e uma rápida história de suas origens.

DO ESTADO DAS SOCIEDADES SECRETAS NA ÉPOCA DA REVOLUÇÃO

Faremos esforços na seguinte exposição, para evitar tanto quanto for possível os extremos, e, sem entrar no fato mesmo da Revolução, estudaremos:

1º) O estado das sociedades secretas no início da Revolução.

2º) A história resumida, as crenças e as tendências de cada uma dessas sociedades secretas.

3º) As transformações sofridas por essas sociedades secretas imediatamente antes da Revolução.

ESTADO DAS SOCIEDADES SECRETAS EM 1785

Em 1785 existiam três grandes associações secretas reunidas aparentemente sob o véu da Franco-maçonaria, mas tendo cada uma um espírito e tendências bem particulares.

1º) *O Grande Oriente da França*, constituído desde 1772 pela fusão dos vários centros maçônicos, os quais veremos mais adiante na história.

O espírito do Grande Oriente é nitidamente democrático (mas não demagógico). O objetivo buscado é, sobretudo a criação, na sociedade, do regime representativo praticado nas lojas. A guerra ao clericalismo ainda não é pretendida, ao menos nas lojas, pois, das 629 lojas ativas que compreende o Grande Oriente em 1789, encontraremos 33 membros do clero, dos quais 27 são veneráveis (5 em Paris e 22 nas províncias) e 6 deputados do Grande Oriente entre os altos dignitários.¹²

O Grande Oriente é assim, quanto ao número, o poder mais importante.

2º) *O Grande capítulo geral da França*, formado pela fusão do "Conselho dos Imperadores do Oriente e do Ocidente" e dos "Cavaleiros do Oriente".

O Espírito do Grande Capítulo é revolucionário, mas a revolução deve ser executada, sobretudo em benefício da alta burguesia e com o povo como instrumento.

O Grande Capítulo, constituído sob o regime dos altos graus é proveniente do rito templário, ou seja, que os membros mais eminentes são animados do desejo de vingar Jacobus Burgundus Molay e seus companheiros do assassinato do qual eles foram vítimas por parte dos dois poderes tirânicos: A Realeza e o Papado.

Os membros do Capítulo são pouco numerosos, mas, em geral, bem mais instruídos e bem mais disciplinados que os membros do Grande Oriente.

São confundidas, pela maioria dos historiadores, as Sociedades oriundas do rito templário (de Ramsay).

3º) *As Lojas Martinistas*, criadas por Martines de Pasqually, e cujo centro está, nesse momento, em Lion, dirigidas por Willermoz.

O espírito do Martinismo é aristocrático. Tudo está subordinado à inteligência e as pesquisas efetuadas baseiam-se quase unicamente sobre a alta filosofia e as ciências ocultas.

Os Martinistas são muito criteriosos quanto à escolha de seus membros, e os trabalhos preparatórios são longos e áridos. Eles se ocupam, assim, muito pouco com a política, mas pelo contrário, têm uma grande influência na direção *intellectual* dos trabalhos maçônicos.

É sob a inspiração dos Martinistas que, no ano de que nos ocupamos (1785), acabam de serem realizados as duas convenções ou congressos científicos que terão uma grande importância no decorrer do tempo: a convenção dos Gauleses em 1778 e a convenção de Wilhemsbad em 1782. Essas reuniões eram verdadeiras cátedras acadêmicas, onde as mais elevadas questões eram discutidas.

Inútil dizer que diversos indivíduos faziam parte de duas dessas associações ou ainda mesmo, como Willermoz, de três.

¹² Amiable et Colfavru. *A Franco-Maçonaria no século XVIII*.

Tais são os três grandes grupos que iremos agora estudar sua Gênese. Nós negligenciamos nesta sintética exposição as seitas derivadas dessas grandes fontes. Trataremos disso no decorrer de nosso trabalho.

O GRANDE ORIENTE E SUAS ORIGENS

O Grande Oriente da França é procedente de uma insurreição de certos membros contra as constituições e a hierarquia tradicional da Franco-maçonaria. Algumas linhas de explicação são aqui necessárias.

A Franco-maçonaria foi, primeiramente, estabelecida na Inglaterra por homens pertencentes já a uma das poderosas fraternidades secretas do Ocidente: a confraria dos Rosa+Cruzes. Esses homens, e sobretudo Elias Ashmole, tiveram a idéia de criar um centro de propaganda onde se poderia formar, sob seu respaldo, membros instruídos para a Rosa+Cruz. Também as primeiras lojas maçônicas foram mistas e compostas em parte por operários reais, parte por operários da inteligência (maçons livres). As primeiras atividades (Ashmole) datam de 1646, mas foi somente em 1717 que a grande loja de Londres foi constituída. É esta loja que outorga cartas regulares às lojas francesas de Dunkerque (1721), Paris (1725), Bordeaux (1732), etc...

As lojas de Paris se multiplicam rapidamente, nomearam um Grande Mestre para a França, o Duque de Antin (1738–1743). Sob sua influência foi empreendida a publicação da Enciclopédia, como veremos mais adiante. Eis a origem real da revolução, realizada em princípio sobre o plano intelectual, antes de passar à realização da forma.

Em 1743, o Conde de Clermont sucedeu ao Duque de Antin como Grande Mestre e tomou a direção da *Grande Loja Inglesa da França*. Esse Conde de Clermont, muito indolente para se ocupar seriamente desta sociedade, nomeou como substituto um mestre de dança, *Lacorne*, indivíduo muito intrigante e de modos deploráveis. Esse mesmo Lacorne fez adentrar nas lojas um tropel de indivíduos de sua espécie, o que levou a uma cisão entre a loja constituída por Lacorne (Grande Loja Lacorne) e os antigos membros que formaram a *Grande Loja da França* (1756).

Após uma tentativa de reaproximação entre as duas facções rivais (1858), o escândalo se tornou tão grande que a polícia se envolveu e fechou as lojas de Paris.

Lacorne e seus seguidores usaram esse período com proveito e obtiveram o apoio do Duque de Luxemburgo (15 de Junho de 1731)¹³. Fortalecidos com esse apoio, eles conseguiram a reentrada na Grande Loja de onde haviam sido banidos, fizeram nomear uma comissão de controle, cujos membros eram muito conhecidos. Ao mesmo tempo, os irmãos do rito Templário (Conselho dos Imperadores) se associaram em segredo aos chefes dos comissários e, em 24 de Dezembro de 1772, um verdadeiro golpe de Estado maçônico é realizado, pela supressão da imobilidade dos presidentes da Lojas e pelo estabelecimento do regime representativo. Revoltas vitoriosas fundaram assim o *Grande Oriente da França*. Também um maçom contemporâneo escreve: "Não há excesso em afirmar que a revolução maçônica de 1773 foi o princípio e o precursor da Revolução de 1789".¹⁴

É preciso bem salientar a ação secreta dos irmãos do rito Templário. São eles os verdadeiros fomentadores das revoluções, os demais não são mais do que seus dóceis agentes.

Assim, o leitor pode agora compreender nossa afirmação: O Grande Oriente é procedente de uma insurreição.

¹³ Ver Ragon, *Ortodoxia Maçônica*, p. 56.

¹⁴ Amiable et Colfavru. *op. cit.*

Retornemos a dois pontos:

1º) A Enciclopédia (revolução intelectual).

2º) A História do Grande Oriente de 1773 a 1789.

A ENCICLOPÉDIA

Dissemos que os fatos aos quais se fixam os historiadores, sobretudo, são na maior parte das vezes, conseqüências de ações ocultas. Desse modo, pensamos que a Revolução não teria sido possível se esforços consideráveis não tivessem sido anteriormente feitos para orientar uma nova via intelectual da França. Ao agir sobre os espíritos cultivados, criadores de opinião, que se prepara a evolução social, e podemos encontrar aqui uma prova cabal deste fato.

Em 25 de Junho de 1740, o Duque de Antin, Grande Mestre da Franco-Maçonaria para a França, pronunciou um importante discurso no qual era anunciado o importante projeto em curso. Tal como o testemunha o seguinte extrato:

DISCURSO DO DUQUE DE ANTIN

"Todos os Grandes Mestres na Alemanha, na Inglaterra, na Itália e de todas as partes, exortem todos os sábios e todos os artistas da fraternidade a se unirem para fornecer os materiais de um dicionário universal das artes liberais e das ciências úteis, a teologia e excetuada somente a política. Já se iniciou a obra em Londres, e, pela reunião de nossos confrades, poder-se-á levá-la à perfeição em poucos anos".

Os Srs. Amiable e Colfavru, no seu estudo sobre a Franco-maçonaria no século XVIII, destacaram perfeitamente a importância desse projeto, já que, após terem falado da *English Cyclopaedia* de Chambers (Londres 1728), eles agregaram:

"Uma outra realização bastante prodigiosa foi a obra publicada na França, consistindo de 28 volumes, in-folio, dos quais 17 de textos e 11 de pranchas, aos quais vieram se unir em seguida cinco volumes suplementares, obra cujo autor principal foi Diderot, sustentado por toda uma plêiade de escritores de elite. Mas não lhe bastaria ter colaboradores para levar sua obra a um bom termo: ele necessitaria de poderosos protetores. Como os teria encontrado sem a Franco-Maçonaria?"

De resto, as datas aqui são demonstrativas. O Duque de Antin pronunciou seu discurso em 1740. Sabe-se que, desde 1741, Diderot preparava sua grande empresa. O privilégio monetário, indispensável à publicação, foi obtido em 1745. O primeiro volume da Enciclopédia veio à luz em 1751".

Assim a revolução se manifesta já em duas etapas:

1º) *Revolução intelectual*, pela publicação da Enciclopédia, devida à Franco-Maçonaria Francesa, sob o alto impulso do Duque de Antin (1740).

2º) *Revolução oculta nas lojas*, devida em grande parte aos membros do rito Templário e executada por um grupo de franco-maçons expulsos, depois anistiados (grupo Lacorne). Fundação do Grande-Oriente sob o alto patrocínio do Duque de Luxemburgo (1773) e presidência do Duque de Chartres.

A Revolução patente na Sociedade, ou melhor, a aplicação na Sociedade das constituições das Lojas, não tardará.

Retomemos a história do Grande-Oriente do ponto onde a deixamos.

Uma vez constituída, a nova potência maçônica faz apelo a todas as Lojas para ratificar a nomeação como Grande-Mestre o Duque de Chartres. Ao mesmo tempo (1774), o Grande Oriente se instalava no antigo noviciado dos Jesuítas, *rue du Pot-de-fer*, e procedia à expulsão das "ovelhas" corrompidas. 104 lojas aderiram de imediato à nova ordem de coisas, depois 195 (1776) e enfim, em 1789, havia 629 lojas em atividade.

Mas um fato, considerável de acordo com nossa opinião, se produziu em 1786. Os Capítulos do rito Templário estavam oficialmente aliados ao Grande-Oriente e tinham até operado sua fusão com ele. Vimos como os irmãos desse rito colaboraram na revolta, de onde surgiu o Grande-Oriente. Resumamos, pois, rapidamente a história do Rito Templário.

RITO TEMPLÁRIO

A Franco-maçonaria, como já vimos, tinha sido estabelecida na Inglaterra por membros da Fraternidade dos Rosa+Cruzes desejosos de constituir um centro de propaganda e de seleção para sua Ordem. A Franco-Maçonaria inglesa compreendia apenas três graus: Aprendiz, Companheiro e Mestre. A este exemplo, a Franco-Maçonaria francesa e o Grande-Oriente, que era a sua emanção principal, eram formados por membros procedentes somente destes três graus. Mas logo certos homens aspiravam a receber uma iniciação superior, mais de acordo aos mistérios da fraternidade Rosa+Cruz, e ritos se criaram, concedendo os graus superiores ao de Mestre, intitulados de *Altos Graus*.

O Espírito dos ritos dos graus superiores assim criados eram, certamente, diferente daquele da Maçonaria propriamente dita. É assim que Ramsay instituiu em 1728 o *Sistema Escocês*, cuja base era política e cujos ensinamentos levavam a tornar cada irmão um vingador da Ordem do Templo. Daí, o nome de *Rito Templário* que foi dado a essa criação de Ramsay. As reuniões dos irmãos procedentes dos altos graus receberam o nome, não mais de Lojas, mas de Capítulos. Os principais capítulos estabelecidos na França foram:

1º) *O Capítulo de Clermont* (Paris 1752), de onde surgiu o Barão de Hundt, criador da alta maçonaria Alemã ou Iluminismo.

2º) Após o Capítulo de Clermont veio o *Conselho dos Imperadores do Oriente e do Ocidente* (Paris 1758), do qual certos membros se separaram de seus irmãos, formando:

3º) *Os Cavaleiros do Oriente* (Paris 1763), cada um desses poderes emitiam cartas de lojas e mesmo os principais irmãos (Tshoudy, Boileau, etc.) criaram na Província, ritos especiais.

Em 1782, o Conselho dos Imperadores e os Cavaleiros do Oriente reuniram-se para formar o *Grande Capítulo Geral da França*, cujos membros principais tinham auxiliado na constituição do Grande-Oriente por meio de suas ações.

Ademais, vemos em 1786 esses irmãos levarem a fusão do *Grande Capítulo Geral da França*. Que resultou dessa fusão?

Os membros do Grande Capítulo, todos bem disciplinados, buscavam um objetivo preciso e possuindo a *inteligência*, descobriram possuir o *número* fornecido pelo Grande-Oriente. Compreende-se agora a gênese maçônica da Revolução Francesa.

A maior parte dos historiadores confundem esses membros do Rito Templário, verdadeiros inspiradores da Revolução,¹⁵ com os Martinistas, dos quais trataremos a seguir.

MARTINISMO

Em 1754, Martines de Pasqually, iniciado nos mistérios da Rosa+Cruz, havia estabelecido em Paris um centro de *Iluminismo*. A seleção dos irmãos era muito meticulosa, e os trabalhos dirigiam-se sobre o estudo da magia cerimonial, sobre o ritual das evocações de espíritos e sobre o domínio absoluto do homem sobre suas paixões e seus instintos.

Entre os discípulos mais célebres de Martines, citaremos o Príncipe de Luzignan, Louis Claude de Saint-Martin (o filósofo desconhecido) e Jean-Baptiste Willermoz, negociante atacadista Lionês, o verdadeiro realizador da ordem.

O Martinismo se espalhou rapidamente pela França, e, desde 1767, muitas lojas do Oeste solicitavam sua afiliação a este rito, como testemunha a correspondência de Martines que já publicamos.

Os grupos Martinistas e os centros de estudos derivados do Martinismo sempre deixaram a política de lado para se ocuparem apenas de estudos científicos. É a esses grupos que se devem as reuniões ou convenções que proporcionaram os maiores avanços à ciência maçônica. Assim, os *Philaletes* (1773), os Iluminados de Avignon, a Academia dos Verdadeiros Maçons de Montpellier (1773), derivam diretamente do Martinismo.

Eis a continuação o andamento dos ritos maçônicos em Lion.

Em 1752, fundou-se a loja *Perfeita Amizade*, segundo as constituições maçônicas regulares. Em 1756, essa loja obteve a confirmação de sua carta pela Grande Loja da França. Willermoz é venerável dessa loja de 1752 a 1763, ou seja, por dez anos. Mas, em 1760, os irmãos possuidores do grau de mestre haviam fundado a *grande loja dos Mestres de Lion*, da qual Willermoz foi igualmente o Grande Mestre presidente até 1763.

Em 1765 foi estabelecido um capítulo formado pelos irmãos que estavam de posse dos altos graus: o *capítulo dos Cavaleiros da Águia Negra*. Aqui foi o irmão médico de Willermoz, Jacques, que foi posto no comando desse capítulo.

Em 1767 o rito Martinista foi introduzido em Lion e seus membros eram escolhidos unicamente entre os irmãos que conquistaram os mais altos graus, o que indica o valor deste rito.

AS SOCIEDADES SECRETAS DE LION (1772)

Em 1772, estes eram os maiores poderes maçônicos representados em Lion.

1º) *A Grande Loja dos Mestres*, representando o rito Francês e presidida pelo irmão Sellonf.

2º) *O capítulo dos Cavaleiros da Águia Negra*, representando o rito templário e presidido por Jacques Willermoz, médico.

3º) *Os Elu Cohens*, representando o rito Martinista é presidido pelo próprio Jean Baptiste Willermoz.

4º) Sellonf, Jaques Willermoz e Jean Baptiste Willermoz formaram um *conselho secreto* tendo influência sobre todos os centros Lioneses.

¹⁵ Certos autores admitem mesmo que a entrada de Luis XVI *ao Templo* foi resultado da decisão dos irmãos do rito Templário.

É sob a instigação de Jean Baptiste Willermoz que foram realizadas duas grandes convenções: *A convenção dos Gauleses* (1768) e a *Convenção de Wilhemsbad* (1782).

Resulta das cartas de Martines de Pasqually que os Martinistas, longe de apoiarem os projetos políticos dos irmãos do rito Templário, combateram-nos sempre e com todas as suas forças. Os contemporâneos, eles mesmos, refutaram as calúnias lançadas a esse respeito. Tal como testemunha o seguinte extrato:

"A seita dos franco-maçons Martinistas tinha seu centro na *Loja da Beneficência* em Lion. Essa loja mereceu o nome que ela escolheu para si, devido ao abundante auxílio que ela ofereceu aos pobres. M. Robinson nos diz que seus membros e seus correspondentes eram ímpios e rebeldes. Conheci muitos Martinistas, sejam de Lion, ou das diversas cidades das províncias meridionais. Bem longe de parecerem ligados às opiniões dos filósofos modernos, eles professavam o menosprezo pelos seus princípios. Sua imaginação, exaltada pela obscuridade dos escritos de seu patriarca, dispunha-os a todo gênero de credulidade. Ainda que muitos se distinguissem pelos talentos e conhecimentos, possuíam o espírito constantemente ocupado por fantasmas e prodígios. Eles não se restringiam, em absoluto, a seguir os preceitos da religião dominante, mas se entregavam às práticas de devoção em uso nas classes menos instruídas. Em geral, suas maneiras eram muito regulares. Era notório uma grande alteração na conduta daqueles que, antes de adotar as opiniões dos Martinistas, viviam na dissipação e na busca dos prazeres. M. Barruel sustenta que os Franco-Maçons desta seita são *idealistas*, ou seja, que eles não admitem a existência dos corpos. Esse absurdo sistema jamais foi aceito senão por piedosos entusiastas. Mas ele lhes atribui essa crença para poder acusá-los de acreditar que jamais alguém se torna criminoso pelos sentidos, e de aceitar a prostituição. Eu não hesito em declarar solenemente que esta asserção é uma calúnia, cuja falsidade me é demonstrada pelas provas mais certas " ¹⁶.

GRANDE-ORIENTE E ILUMINISMO

Assim, os Martinistas elevavam suas aspirações a um domínio bem mais alto do que o das lutas políticas.

Desde 1786 os Martinistas, aliados aos iluminados do Barão de Hundt, ficaram só em face da fusão do Grande Oriente como o rito Templário. Também a Revolução foi particularmente cruel para os discípulos de Martines. Mas não nos afastemos do nosso assunto.

Quisemos indicar qual era a situação particular das diversas Sociedades Secretas e das forças franco-maçônicas ao redor do ano de 1789. Se resumirmos o que nos precede, encontraremos:

1º) Por um lado, o Grande-Oriente (rito Francês), ao qual se fundiu o Grande Capítulo (rito Templário), possuindo quase todas as lojas do reinado. As tendências desses centros são puramente revolucionárias.

2º) Por outro lado, os Martinistas, com tendências puramente científicas, passando por alienados muitas vezes, mas desprezando a política. Algumas lojas de Paris, de Bordeaux e de Lion praticavam o rito Martinista, muito disseminado, como *revanche*, na Alemanha e na Itália.

Mas não poderíamos deixar de insistir sobre o fato de que a maior parte dos autores confundiram os irmãos do rito Templário com os Martinistas. Esses são os primeiros que agiram com a máxima violência e os segundos suportaram inteiramente as reações cruéis da população.

¹⁶ J. Mounier, *Da influência atribuída aos franco-maçons na Revolução Francesa*, p. 155 e 156.

Ainda uma vez mais, nós não tivemos a pretensão de refazer a história dessa época, mas somente de esclarecer um ponto que muitos historiadores até o presente têm esquecido e deixado à sombra.

O objetivo de Martines é, portanto, bem menos político que teúrgico. Ele almeja, antes de tudo, *criar Homens Regenerados*, e depois, que esses homens saibam empregar convenientemente sua vontade.

O rito dos Elu Cohens compreendia, como lemos na carta de 16 de Junho de 1760, oito graus:

Aprendiz Maçom
Companheiro Maçom
Mestre particular Maçom
Mestre Grande-Eleito Maçom
Aprendiz Cohen
Companheiro Cohen
Mestre Cohen
Grande Arquiteto

A estes graus, Ragon (Ortodoxia Maçônica) agrega um nono grau chamado *Cavaleiro Comandante*.



A jóia dos Rosa+Cruzes das Lojas de Martines
(Arquivos da Ordem)

Alguns esclarecimentos nos parecem necessários sobre essa decisão.

Ver-se-á que em muitas de suas cartas, Martines aborda o grau de Reau+Croix, que só se obtém, geralmente, após ter-se havido várias aparições de espíritos, devidamente constatadas por ocasião das grandes operações mágicas às quais se dedicavam muitas vezes por anos os membros da ordem. O título de R+ parece ser especial e bastante independente dos outros graus dos Elu Cohens. Não teria sido a este título que Ragon quis fazer alusão em seu nono grau?

Ao lado dos sacerdotes das diversas religiões, Martines sonhava em constituir "*grupos de eleitos*", sempre em contato com o mundo invisível e podendo, por conseguinte, receber o nome de verdadeiros Sacerdotes ou *Cohens*.

Ver-se-á qual hierarquia possuía o estabelecimento desses grupos e como eles são regidos por um Tribunal Soberano sob a alta direção de Martines (Grande Soberano). Eis os pontos que a seqüência irá nos permitir elucidar.

PROPAGANDA PESSOAL DE MARTINES

A carta de 19 de Junho de 1767 é consagrada à narração da missão de Martines no interior das lojas que ele encontrou no decorrer de seu trajeto, quando da viagem de Paris a Bordeaux.

O Tribunal Soberano de Paris já estava constituído nesse momento e é a ele que o mestre endereça os pedidos de filiação.

De resto, aqui está a análise desta importante carta, e da qual reproduzimos os selos e as assinaturas.

Do Grande-Oriente dos Orientes de Bordeaux ao Grande-Oriente de Lion



O grande Selo colocado no frontispício da carta de Martines de 19 de Junho de 1767

19 de Junho de 1767

Em nome do G.: A.: do U.:, am. + amem + amem + alegria, paz e prosperidade.

"Do Grande Oriente dos Orientes dos Cavaleiros Maçons Elu Cohens do Universo, o ano maçônico 3.3.3.3.5.7.9.4 4.6.601 do renascimento das virtudes 2448 do mundo 45 da era hebraica 5727 do Cristo 1767 do último ao primeiro quarto da quinta e da sexta lua do referido ano, em 19 de Junho".

Ao Grande Oriente de Lion

"A nosso Respeitabilíssimo e Altíssimo Mestre, nosso Inspetor Geral Cavaleiro, Condutor e Comandante em chefe das colônias do Oriente e do Ocidente de nossas sublimes ordens".

Saudações:

Respeitabilíssimo mestre sede
abençoado para sempre
+
+ O +
+ Amem

As convenções públicas e secretas que participei com meu tribunal soberano me obrigaram a vos escrever e a vos comunicar, na qualidade de membro de todas as circunstâncias que se apresentaram diante de mim nas diversas cidades pelas quais passei, no caminho de Paris a La Rochelle, e dali a Bordeaux. Não vos darei nenhum detalhe circunstancial, mas um rápido panorama, temeroso de lhes enfadar com a quantidade de relatos e medidas que recebi da parte de vários maçons de boa-fé, das muitas lojas clandestinas de todas as províncias nos arredores de Paris, de Amboise, Blois, Tours, Poitiers, La Rochelle, Rochefort, Saintes, Blaye e Bordeaux.

Eles me solicitaram inclusive se eu desejaria abrigá-los sob a proteção do tribunal soberano dos Elu Cohens de Paris e se gostaria de lhes auxiliar na obtenção de constituições, sejam deles ou de mim.

Eu, em conseqüência, recompensei os trabalhos do irmão Basset, conferindo-lhe o grau de M.: E.: C.: ao quinto receptáculo e a três outros irmãos da mesma loja o grau de pequeno Elu a um só

receptáculo, para lhes facilitar a apresentação ao tribunal soberano, a fim de que possam solicitar constituições, tendo deixado ao meu tribunal soberano o poder de conceder toda sorte de constituições, e não pretendo em absoluto nada fazer a esse propósito, assim que lhes prometi e irei guardar essa promessa com justa razão, tendo quase sempre sido presa fácil de meu bom coração e de minha demasiada expansividade; como podereis ver, dizer *sim* a um número de honestas pessoas quando estiverdes em Paris, e como podeis julgar por vós mesmo.

O M.: E.: C.: Basset, venerável da loja União Perfeita de La Rochelle, e em conseqüência disto, partiu na última segunda feira para se encontrar em Paris com quatro de seus irmãos e apresentar seu requerimento ao tribunal soberano.

Eu respondo a esses belos discursos que vencer sem riscos triunfa-se sem glória, e segundo a máxima de meus predecessores, minha vitória não consiste senão no perdão dos culpados, e isto é o que fiz e farei em semelhante caso.

Aqui está, respeitabilíssimo Mestre, a história de minha viagem e de minha conduta em Bordeaux.

Reservai vosso poder e autoridade, caro Mestre, na admissão ao conhecimento dos nossos mistérios a aqueles que demonstrarem verdadeiro zelo, como exigem nossos estatutos gerais. É o único modo de resguardar ao abrigo as sublimes ciências que estão encerradas na nossa ordem, ocultas sob o véu da maçonaria".

Vosso mui afetuoso e fiel Irmão e Mestre,
Don Martines de Pasqually G. Soberano

+
+ O +
+

FORMALIDADE PARA A CORRESPONDÊNCIA

O título, para endereçar uma carta ou um malote ao Tribunal Soberano propriamente dito, deve conter na primeira página o seguinte:

Em Nome do Grande Arquitecto do Universo. Amem, em seguida:

Alegria, Paz e Saúde.

Do Grande Oriente dos Orientes de Lion, o ano maçônico **3.3.3-3.5.7-601**. Do renascimento das virtudes **2448**. Da era hebraica **5727**. Do Cristo, estilo vulgar, **1767**, do último e primeiro quarto da Lua (quando estamos no término da Lua, para seu último quarto). E quando o primeiro quarto se inicia, coloca-se: Do primeiro e segundo quarto do número de luas que se passaram dos meses antecedentes. Estando-se no último quarto dessa lua, dissemos: do último e primeiro quarto do nono mês de setembro. Quando estiver bem caracterizada essa lua, coloca-se o mês. Em seguida, agregam-se os títulos do Tribunal Soberano, como se segue: *Ao Grande Oriente dos Orientes do T.. S., dos Cavaleiros Maçons Elu Cohens do Universo, elevado à glória do Eterno na região setentrional, sob as altíssimas e potentíssimas constituições de nosso altíssimo e respeitabilíssimo, Grande Soberano, sediando atualmente o Grande Oriente dos Orientes. Paris.*

Na seqüência, colocam-se duas linhas de distância:

Altíssimo, Respeitabilíssimo e Potentíssimo Grande Tribunal Soberano.

Agora, podeis escrever o que tendes a dizer a quatro dedos de distância. No fim, vós o saudareis por todos os nomes misteriosos conhecidos somente por vós, *rogando ao Eterno que sustente o Tribunal*

Soberano em Sua Santa guarda, e o mesmo com todos os chefes em particular que lhe compõe, por um tempo imemorial. Amen, Amen, Amen. Firmareis vosso nome ordinário e todas as vossas qualidades maçônicas ou o grau mais elevado que conquistastes.

Se escreverdes a um R+, em particular deveis adicionar:

Em nome D.:. G.:. A.:.do U.:. Amem.

Alegria, Paz e Saúde.

Em seguida, segue-se:

Do Grande Oriente de Lion.

Caso não haja sido ainda escrito, o ano maçônico 3.3.3 **3.5.7** 5.7.9 **601**. do renascimento das virtudes 2448. Seguireis como foi dito em outra parte. Após tudo isto podeis escrever:

Altíssimo, Respeitabilíssimo e Potentíssimo Mestre.

Em seguida podeis dizer o que desejardes. Aqui está, respeitável Mestre o que me solicitais.

Foi-me comunicada a recepção do caro irmão D'Epernon, a quem desejo toda sorte de realizações e bênçãos em todos os seus empreendimentos. 20 de Junho de 1768.

TÍTULOS DE WILLERMOZ

A nosso T. H. T. R. e T. Poderoso Mestre de Willermoz, inspetor geral, nascido da Ordem Universal dos Cavaleiros Elu Cohens do Universo, juiz soberano dos sete poderosos tribunais de justiça das baixas e altas classes de nossas ordens, comandante e condutor em chefe das colônias do Oriente e Ocidente de nossa Grande Loja Mãe da França, sufragâneo e loja particular que serão erigidas por ele á Glória do Eterno, sob as Potentíssimas constituições de nossos sete T. R. e T. Poderoso, Chefe de toda a Ordem, sobre o Grande Oriente de Lion e sobre todo seu departamento Oriental.

IRREGULARIDADE NO RITUAL DE RECEPÇÃO

20 de Junho de 1768

Algumas satisfações que tive de prestar a vós e ao P. Mestre Substituto Universal, pela estreita confiança que a Ordem deposita sobre vós, a mesma que dirige aos T. Resp. Mestres D'Epernos e Selon do vosso Oriente. Não sinto em meu coração menos do que uma profunda desolação devido às horríveis irregularidades que se efetuaram durante o curso das diversas recepções pelo T. P. Mestre Du Guers R+. Eu ignoro o motivo que o fez agir dessa forma.

OS INICIADOS DESDE 1761

Eis os nomes dos irmãos mais antigos que tenho em meu templo particular desde 1761, que se reúnem todos comigo, para continuarem seu estudo na ciência de nossa ordem. A maioria são meus vizinhos do campo. Eu os constituirei membros do tribunal soberano para julgar e opinar sobre os assuntos que poderão surgir para, ou contra, o bem da ordem. Daqui em diante, suas opiniões serão enviadas a Paris, escritas abaixo dos requerimentos que o T. B. Irm. fará nos passar aqui.

Senhores D'Aubenton, comissário geral ord. da Marinha.
 Conde de Maillal d'Abzac, cavaleiro de Saint-Louis. *
 De Case, homem nobre. *

De Bobie, comissário da Marinha, homem nobre. *
 De Jull Tafari, antigo major dos granadeiros reais, cavaleiro de Saint-Louis.
 O Marquês de Lescourt, capitão do regimento do Rei. *

Comunico-vos, T. P. Mestre, que o filho que Deus me concedeu foi recebido como Grande Mestre Cohen no último domingo, após seu batismo à sétima hora do último horizonte solar, conforme nossas leis, assistido por quatro de meus antigos Cohens simples, nomeados acima.

CADERNOS DOS GRAUS

20 de Junho de 1768.

Sejais cuidadoso em verificar os cadernos que ele (Du Guers) vos remeteu para fazer vossas recepções sobre o vosso Oriente e se eles estão de acordo com os originais que havia dado ao P. Mestre Substituto. Reenviai-os ao Substituto para que ele vos remeta de acordo com os originais. Não quero em nenhum grau de recepção nem alterações nem apócrifos. É preciso evitar com isto que a confiança e a boa-fé do Homem de Desejo sejam burladas, assim como ocorreu com um grupo de escroques da Loja de Clermont. Deveis julgar por esses fatos os terríveis acontecimentos a que esses homens nos expuseram, por sua conduta lastimável e suas vidas e costumes malignos, tanto na moral quanto nos escritos.

Comunico-vos, T. P. Mestre, que não adotarei nenhum escrito que será proporcionado, seja de parte dos T. Soberanos da França seja de um dos meus R+ a qualquer loja mãe, ou superior, da França, Templo sufragâneo e loja simples sob o pretexto de instrução, tanto para a cerimônia de recepção dos diversos graus, quanto das distintas classes da ordem. Que não seja fornecido regularmente por meu Substituto Universal, assinado por ele e por seu inspetor geral, seu secretário geral ou pelo secretário do segredo, e que não seja rubricado com meu glifo. Tudo o que não for assinado com meu glifo será considerado, pelo meu tribunal secreto, clandestino e recusado por mim como falso e privado de acordo com minhas instruções análogas à Ordem dos legítimos Maçons Elu Cohens.

Em conseqüência, irei vos enviar meu glifo, que será posto embaixo de cada folha escrita que será enviada por mim ou por meu T. Soberano a meu Substituto Universal, para se dar uso conforme o que lhe for ordenado.

15 de Abril de 1768.

Estou lhe informando que M. de Saint-Martin me escreveu, avisando que ele deverá passar seu quarto de inverno aqui, talvez com o R. P. Mestre De Grainville. Paralelamente, aguardo pelo T. P. Mestre de Balzac, que deve descer de La Rochelle para vir passar aqui alguns dias comigo para sua instrução, e para poder receber suas patentes constitutivas a fim de erigir templos no país onde eles irão passar o fim de Setembro ou o começo de Outubro.

ORGANIZAÇÃO EM LION

No tocante às instruções que me solicitais para o estabelecimento de vosso Grande Templo da França em Lion, podereis escrever ao T. P. Mestre Substituto, a quem encaminho tudo para que ele transmita a todos os chefes dos Templos de nossa filiação.

Aviso-vos que os T. P. Mestre D'Aubentons, comissário, e seu irmão, capitão de alto bordo, cavaleiro de Saint-Louis, se preparam para serem admitidos no grau de R+, neste próximo equinócio. Eles são meus discípulos há dez anos, merecem a recompensa por seus trabalhos.

Tive a visita aqui de M. Rozé e de dois outros de nossos irmãos de Versailles.

OS GRAUS

27 de Setembro de 1768.

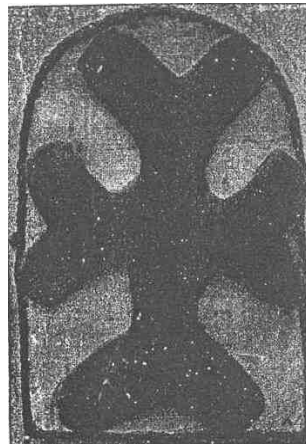
O Mestre Substituto Universal pode vos entregar os graus que já lhe fizemos passar, mas esses não serão enviados senão àqueles que já tenham acusado a recepção dos primeiros, dos quais fico assaz inquieto pela pouca precisão. Já faz um mês que eles lhes foram remetidos.

CHEGADA DE SAINT-MARTIN

Eu vos anuncio a chegada de Grainville em Bordeaux com M. de Saint-Martin, que vem por causa de assuntos pessoais. M. de Grainville acomoda-se e se hospeda em minha residência.guardo sem cessar o P. Mestre de Balzac, que está em La Rochelle. Acredito que ele tenha acabado de embarcar para Bordeaux.

Dir-vos-ei que estou determinado a não mais escrever ao P. Mestre. de la Chevalerie, visto que imagino que seus negócios e sua santidade não lhe permitem que tenha tempo de responder a minhas últimas missivas, e mesmo de me acusar a recepção dos primeiros graus que lhe transmiti, como também do estado geral das cerimônias da Ordem. Confesso que não sei o que pensar de tudo isso, mas sei que devo me limitar, no tocante à confiança que lhe dediquei. Rogo-vos, que tentes me instruir acerca da forma de agir com relação à ordem e com todos os seus membros.

25 de Novembro de 1768.



**Cruz vermelha destinada a decorar as Lojas
(Proveniente dos arquivos de Lion)**

Podeis escrever ao P. Mestre de Grainville, que em muito estima vossa amizade, assim como o Venerável Mestre de Saint-Martin. Eles aguardam novas de vós a respeito do P. Mestre de Champoléon.. Isso nada nos surpreende, sabemos o que ele sabe fazer quanto a isso. Ele aguarda vossas notícias, mas ele não as terá senão após passados os três meses que lhe prometeu o P. Mestre de Grainville. Eles se findarão no dia cinco de mês próximo e lhe escreveremos, e nessa ocasião vos informaremos do que ele nos disse, no tocante à sua ausência em Lion e porque ele não veio a Lion como havia prometido.

23 de Janeiro de 1769.

Du Guers é excluído da Ordem. (Ver toda a história no capítulo 1).

O TEMPLO DE LIBOURNE

19 de Fevereiro de 1769

Eu vos comunico, T. P. Mestre, que recebemos do Tribunal Soberano a constituição para o templo de Libourne. Eu os preveni, quando nós as tivermos enviado, de vos informar de seu estabelecimento, para que vós as façais reconhecer pelos vossos discípulos particulares.

P.S.: Eu trabalho com o P. M. Substituto para organizar as coisas a fim de que a Ordem tome enfim uma consistência. Pois não basta apenas em serem formados os estabelecimentos, é preciso lhes dar instruções, etc...! Diligentes como somos, cada um em particular para o bem da Ordem, eu duvido que algum de nós pudesse instruir alguém. É, pois, inteiramente preciso que D. M.¹⁷ vá a Paris e que ali, sob os olhos do T. S., ele trabalhe de imediato em um laço simbólico tal como ele o fez para a satisfação de todos e quando esse trabalho então terminado, ele se dedique à instrução dos novos e antigos R+. Essa transposição de D. M. e de sua mulher não se pode realizar sem avanços da parte do T. S. – Don Martines deve aqui cerca de 1200 Libras, que ele deverá pagar antes de sair, do contrário seus credores farão um alvoroço, cuja ação será em detrimento da Ordem.

Grainville

PROPAGAÇÃO DA ORDEM

29 de Abril de 1769

Eu vos escrevi apressadamente hoje, terça-feira, após o recebimento do correio de Paris. Contava em receber nesse dia as ordens de operações que havia enviado ao P. M. Substituto por ocasião de sua passagem em Bordeaux, para que ele as copie em sua residência, em Paris, e me devolva imediatamente para seguir meus equinócios presentes. Não as tendo até o momento recebido, sou-me obrigado a suspender meu trabalho atual.

.....

Estou pronto para fundar toda espécie de loja, mas todos dentro das cerimônias, regras de instrução e explicações secretas, tanto para os oficiais gerais e particulares, quanto para a instrução geral e pessoal dos irmãos, e mesmo para as instruções particulares das recepções de Aprendiz, Companheiro e Mestre. No momento, encontro-me na confecção das instruções de Aprendiz, Companheiro e Mestre Cohen, assim como também dos outros graus. Eu vos previno que trabalho na fundação da loja de Bordeaux com alguns conselheiros e presidente de nossa Corte de Parlamento.

As lojas daqui se movimentam para voluntariamente se unirem a nós, mas isso não acontecerá senão com grande circunspeção e dificuldade.

Dir-vos-ei que o Sr. Blanquet fugiu secretamente de Bordeaux com o grande talento que lhe conheço de nada reembolsar a ninguém. Fizeram-lhe vender suas posses. Ele escapou com sua ordinária mulher, diz-se que para Paris. A verdade é única, demora para aflorar, mas sempre se demonstra, tal como é. Essa conduta tirou todas nossas lojas apócrifas do erro.

SR. BLANQUET

8 de Agosto de 1769

Eu vos previno que o Sr. Blanquet e outros perturbados chefes contra mim e a ordem se ausentaram e estão afastados deste Oriente. Blanquet deve ser encontrado em breve em Paris com sua concubina, a mulher Gauntemps. E a verdade é vingada.

¹⁷ Don Martines de Pasqually.

D M^{re} de Pasqually
 de Nordcaud 10 gbre 1769
 Receptions de plusieurs antagones de
 de l'ordre savoir
 Mr Dubloy de Bauteville
 Mr de Baron de Falismon
 Mr de Saignant de Seure Saint
 Mr de Chev. de Vitrail de Luyff
 le autres &c
 Grand Ma^{re} de M^{re} de Balzac

Folha separada, não correspondendo a nenhuma das cartas
(Caligrafia de Willermoz)

ORGANIZAÇÃO DA ORDEM

20 de Janeiro de 1770

Eu acredito que já vos comuniquei os acordos que fiz com o P. M. Substituto Universal, a quem o Tribunal Soberano entregará as constituições assinadas com meu glifo e, por minha parte, irei me encarregar do despacho de todas as cerimônias de recepções dos vários graus da ordem, como também dos diversos catecismos e das explicações secretas das perguntas e respostas, que estão contidas nos referidos catecismos. Enfim, trabalharei de A a Z, e todos ficarão satisfeitos.

Os acordos que fiz com o T. P. Substituto foi devido ao meu temor de que seus grandes assuntos domésticos o ocupam em demasia, e assim não lhe resta muito tempo para se dedicar a tudo o que convém para a ordem e para a satisfação de seus membros.

Enfim, T. P. Mestre, deveis ir no mês de Abril a Paris, e não prejudiqueis, nem a vós, nem a vossos irmãos, aceitando uma constituição como fizeram os irmãos do Templo de Lobourne, que não se atrelaram ao princípio de seis pessoas, da qual uma ainda não havia sido recebida por nós.

Ademais, informo-vos que possuo um secretário de confiança, que faz cópias do registro de todos os graus, sejam iniciações, cerimônias ou instruções particulares. Enfim, ele está definitivamente encarregado do secretariado geral e particular. É um irmão que tenho comigo há um ano e pouco, bastante inteligente. Ele abandonou tudo para se consagrar a "La Chose". Ele se chama Fournier, um dos bons burgueses de Bordeaux. Seu próprio tio é prior dos Grandes Agostinianos de Paris, este irmão, não sendo extremamente rico, pelo contrário, quando se retiram de suas mãos todas as escrituras que se precisam, para ir ao Templo, alguns honorários se lhe fazem presentes, para que não se perca seu tempo, de forma alguma. Ele é muito instruído.

Caso verdadeiramente estejais com a intenção de querer erigir vosso grande Templo, recordai-vos de me avisar. Eu o farei trabalhar de imediato para vós. Serão precisos uns dois meses de escritos a serem feitos, para poder vos enviar a coisa organizada e inteligível.

16 de Fevereiro de 1770

Haveis sido recebido por um homem que não tinha nenhum direito, nem poder para tanto: O Mestre Substituto Universal não tem, por si mesmo, o direito e o poder de transmitir os poderes para constituir

nenhum R+, nem de passar nenhum grau supremo, mas de transmitir seu poder para os graus de Aprendiz até Mestre Cohen, e nada mais.

CUSTO DOS GRAUS

16 de Abril de 1770

Informo-vos que deverá ser recebido, no dia primeiro, o M. Marquês de Ségur, primo do *cordon bleu* e o M. marquês de Calvimont, tio do irmão barão de Calvimont.

Convém, a mim e ao P. M. Substituto, que o tribunal soberano apenas forneça as constituições e eu me encarrego de transmitir todas as cerimônias das diversas recepções. Meu tribunal soberano não possui nem tempo, nem saúde conveniente para se dedicar inteiramente a isso.

Todos os irmãos que tenho aqui pagaram, juntamente com todos os irmãos de vosso oriente, pelos seus graus. Eles nada protestaram da soma que devia ser dada para sua constituição e para seu mobiliário. Não se deve imaginar que eles lamentem utilizar seu dinheiro em coisas úteis e vantajosas ao Homem de Desejo. O preço das constituições monta a dois luíses de ouro para cada grau. Se fosseis a Grande Mãe Loja, como vos concedi o título verbalmente em Paris, tereis o poder de conferir até o grau de Grande Arquiteto, o que atinge um total de 16 luíses de ouro, considerando o grau de Aprendiz, Companheiro, Mestre, Grande Mestre Eleito, Aprendiz Companheiro, Mestre Cohen e Grande Arquiteto Cohen.

Estou inclinado a redigir todas as cerimônias de recepções dos diversos graus, e igualmente com os catecismos e suas explicações gerais e secretas. Tenho um secretário de confiança que escreve por mim desde mais de um ano.

Por direito o irmão Secretário tem a receber 86 libras (para as escrituras de um Grande Templo), não se preocupando em multiplicar consideravelmente os estabelecimentos, por causa da dificuldade que me parece em se encontrar discípulos apropriados a serem admitidos em nossa ordem. Digo-vos que recebi ontem uma carta do P. Mestre de Grainville, na qual me pergunta sobre a possibilidade de avançar em grau o irmão Barbarin que permanece no Oriente, com o P. Mestre de Grainville, e que me certifica do progresso deste irmão, assegurando-me que ele muito quer e compreende. Em consequência, eu lhe enviarei o que é preciso para lhe fazer chegar ao grau de Grande A. R.

Tenhais o cuidado, P. Mestre, de me informar acerca das intenções do T. Soberano, saber se ele quer ir adiante ou se quer retroceder a seu estado de Rosa-Cruz. Eu acredito mais próprio isso que para conduzir "La Chose", vista suas grandes ocupações e sua pouca saúde.

13 de Março de 1770

P.S.: O nome do Mestre Cour. é M. de Grivau, capitão de infantaria.

PROGRESSO DA ORDEM

A Ordem assume aqui uma coloração brilhante: As Lojas de Bordeaux, não tendo nada a obter de mim, para sua constituição, determinaram-se a procurar constituições em Dublin, o que é inútil aqui na França.

Dizia-vos que na última quinta-feira foi proposta a entrada ao Templo para alguns irmãos que o Sr. Du Guers havia afastado de meu Templo. Eles declararam verbalmente ao irmão de Laborie e a outros irmãos do meu templo, os horrores que o Sr. Du Guers lhes havia dito a meu respeito e os erros em que eles haviam mergulhado e mesmo os maus tratos com que ele lhes havia tratado e que viam agora com clareza que ele os surpreendeu e enganou cruelmente e que se trata de um infeliz.

Afirmar ao meu conselho que nada havia em meu poder para lhes conceder sua graça e que era inútil pensar nisso. Que eles sigam em sua suspensão por um tempo imemorial.

RESUMO DE UMA RESPOSTA DE DOM MARTINES DE BORDEAUX

De 11 de Julho de 1770, em 12 artigos, relativos às proposições feitas pelos R+ em Paris, em Abril de 1770.

O M. D. M. não pode responder antecipadamente às proposições, por causa da última enfermidade da sua sogra, o que lhe fez suspender todas as suas correspondências.

1º) Ele agradece ao T. P. por suas ofertas, e que demonstraram o verdadeiro zelo que os R+ possuem por "La Chose". Ele devia cerca de 3000 libras, e quitou a maior parte, restam ainda 1000 libras, que ele espera quitar em mais algum tempo. Em seguida ele estará livre de seus compromissos e poderá se ausentar de Bordeaux sem temer nenhuma afronta de seus credores, aos quais seria exposto caso saísse antes de a dívida ser inteiramente liquidada.

2º) Ele não deseja causar encargos aos R+ e não quer mais do que voltar a encontrá-los, mas ele espera fazê-lo às suas próprias custas, almejando de sua parte mais fervor para o futuro que pelo passado.

3º) Se os R+ quiserem trilhar exatamente o caminho que ele lhes prescreveu em suas instruções estando em Paris, ele se sacrificará integralmente em tudo o que for conveniente para seu benefício e sucesso. Inclusive, convencer-lhes-á que ele os ensinou de boa-fé e não limitará, por causa disso, sua estada em Paris, e mesmo em outra parte, onde será obrigado a se transportar para instruir mais particularmente seus discípulos. Mas é necessário que eles se determinem de boa-fé a não servir senão um só e legítimo mestre, seu estado de R+ não poderia sofrer nenhuma repartição.

4º) Não é prudente fazer muitas lojas, considerando a grande dificuldade de encontrar boas almas dispostas a satisfazer todos os deveres que exige la "Chose". Não poderão consentir em riscos que a possam profanar, tudo o que eles poderão fazer para as lojas projetadas pelo T. S. seria de realizar cerimônias de recepção, catecismos e instruções alegóricas e simbólicas, até que se possa dispor de um ou dois homens dedicados ao verdadeiro objetivo de la "Chose", mas disto resultaria que as lojas assim formadas precisariam ser instruídas na verdade, o que está fora do disposto pelo Tribunal Soberano e ainda mais pelo Mestre. Portanto, é preciso restringir-se a fazer ir adiante o T. S. e o templo de Versailles.

5º) Ele não pode instruir completamente, de sua própria autoridade, nenhum R+ se eles não realizarem, por si, observância exata das instruções que lhes deu. Ele deseja ardentemente constituir um segundo por si mesmo, mas é preciso que os R+ ou o R+ particular que viria a alcançar esta instrução lhe forneça provas convincentes que ele segue e seguirá, ponto a ponto, a instrução e o regime de vida temporal e espiritual tal como ele o designará quando tiver recebido a assertiva do T. S., e que ele se empenhe em lhe seguir com a máxima exatidão. Ainda é necessário que este R+ tenha feito, com toda diligência, o trabalho de 7 anos consecutivamente nos círculos do Mestre, e em sua presença, tal como ele o explicou em um pequeno tratado que dirigiu ao P. M. Subs. Sem estas condições, não será possível este feito.

6º) Com respeito aos papéis e instruções secretas concernentes à ordem que o T. S. lhe recomenda portar consigo ao vir a Paris, ele responde que jamais transportou a torta e a direita, semelhantes pertences, a menos que ele deixe o reino em que habita, elas apenas ser-lhe-ão confiadas como um depósito que ele deve transmitir a seu sucessor, e que se contente somente em extrair de seus originais as coisas que crê necessárias para o destino que merecem. Tal questão fez-lhe se aperceber da pouca confiança que o T. S. tem por ele. Sobre aquilo que ele poderia saber e dizer referente a "La Chose",

ele acrescenta que sua ciência não é, em especial, um segredo particular, mas bem o fruto de um longo e penoso trabalho de espírito e de uma renúncia total a toda coisa impura.

7º) Quanto à questão que se lhe fez, de instruir perfeitamente os R+, ele contesta que podem se dispor a procurarem a convicção perfeita, mas todavia, que devem incluir muito de si mesmos; "La Chose" dirige-se mais a eles que ao M. É preciso que eles queiram seguir de boa-fé o M. e observar com precisão tudo o que ele prescreverá a este respeito para a conduta espiritual e temporal, tanto com as diversas preces dos dias do ano, dos equinócios, dos solstícios e das abstinências que devem observar durante sua vida e no curso de um trabalho, sem esquecer de sua diligência no cumprimento com precisão dos compromissos que eles contraíram de boa vontade com o G.: A.: do U.:, quanto na resignação que eles devem ter para receber indiferentemente o bem e as penas que ele pleiteou junto ao Eterno para lhes enviar, para a expiação de suas faltas, e uma renúncia total às coisas deste baixo mundo. Ele acrescenta que não conseguiria se ocultar diante de seus discípulos sem tentar se esconder diante do Eterno; tudo o que pudesse experimentar a esse respeito lhe resultaria inútil, tanto quanto aos R+ que buscam a se ocultar diante do M. e a lhes servir em aparência. Não menos conhecimento ele tem das prevaricações que se comentem, ainda que não se queixe, ele se contenta em destacar essa conduta que se afasta da "Chose". Tudo o que o M. poderia fazer e dizer para benefício de seus R+ não se origina diretamente de si, mas é fruto da constância de seus trabalhos, e é a isso que ele exorta os R+ a prosseguir.

8º) Ele responde em geral às coisas questionadas pelo T. S., constatando que é inútil pensar nisso antes do tempo, não encontrando mesmo entre os R+ alguém que pudesse fazer uso do que ele dá de boa-fé, e não seria mais do que profanar "La Chose". O P. M. de Grainville confirmou por si mesmo a impossibilidade que há de satisfazer a essa solicitação. Ele aconselha aos R+, antes de testemunhar tanta ambição sob o pretexto de se instruir, que estudem bem o pouco das cerimônias que ele lhes passou, reflitam sobre a conduta espiritual que eles tiveram no passado e sobre aquela que, com toda necessidade é preciso ter para o futuro. Eles verão, assim, com toda clareza que "La Chose" procede diretamente do Alto e não do Mestre e estarão mais convencidos que o M. é verdadeiro e que ele sempre teve a maior lisura e sinceridade com seus R+. Aprenderão a reconhecer que ele não é mais do que um agente de "La Chose", saberão que aquele que foi eleito o primeiro dentre eles, não é eleito por si e por sua vontade, mas somente por seus penosos esforços e sua eleição confirma sua recompensa. Ele os aconselha ainda, a refletir sobre os diferentes indivíduos, épocas e acontecimentos sensíveis e físicos ocorridos na natureza *universal, geral e particular*; e de meditar mais sobre o que não têm feito até o presente nas operações do C., que realmente operou em dois estados: um como homem Deus, na qualidade de verdadeiro Adão operando sobre a terra entre os homens materiais e o outro como homem divino, operando pela ressurreição operativa junto a todos os homens espirituais. Eles verão por este meio, que é preciso verdadeiramente aprender a vencer todas as paixões e de submeter suas vontades a aquele a quem é concedido o dom de fazer agir "La Chose" e servir de exemplo a seus discípulos. Aprenderão ademais, como é importante nunca desprezar, por seu orgulho, seu semelhante; todo homem sendo infinitamente caro ao Criador e o mais elevado em dignidade, neste baixo mundo, é com assiduidade o menor dos menores diante do G. A. Eis as reflexões que o M. exorta seus R+ seriamente a fazer para que possam prosseguir no objetivo que eles pretendem.

9º) Quanto ao pedido que os R+ fazem ao M. em seu favor, ele responde que jamais ela deixou de existir, e que mesmo considera tê-la usado em demasia, tomando a carga sobre si de avançá-los antes do tempo prescrito. O pouco sucesso que eles obtiveram resulta do pouco uso e conhecimento que eles possuem de "La Chose", e não lhe causa surpresa que eles não tenham conservado a firmeza, que ele esperava, quando os deixou sós em Paris, já que eles acreditavam que "La Chose" viria imediatamente, e que eles não tinham senão que a solicitar, ameaçar-lhe ou oferecer uma ponte de ouro para fruir de seu segredo. Nada disso estava em seu poder, é inútil acercar-se dele por essa rota. Ele não lamenta o que fez em Paris pelos seus primeiros discípulos, tomando a responsabilidade sobre si de recebê-los R+. Ele foi forçado e agiu de boa-fé, na intenção de constituir um escudo de filhos espirituais, e como prova do que ele nos adianta, se ele não tivesse sido guiado pelo chefe principal de "La Chose", ele teria sucumbido no centro de suas lojas, coberto de desonra e confusão, seu

embuste teria sido reconhecido pelo pouco sucesso em seu trabalho, em lugar do maior sucesso possível que ele teve em favor dos indivíduos mal preparados para participar de uma operação física. O Mestre acrescenta que vistas todas as penas e cruéis fadigas que ele sentiu e ainda sente por causa dos trabalhos que realizou em favor de alguns irmãos antes do tempo, que ele, em absoluto, não deseja se sobrecarregar e que nada de novo empreenderá a este respeito que não lhe seja dado e ensinado por alguém mais forte do que ele, e por esse efeito, ele recua sobre o que sabe ser produzido por um trabalho particular. Sobre isto, ele se explicou abertamente com o P. M. de Grainville quando se encontraram em Bordeaux, e que lhe foi expressamente declarado que mesmo o comprometeu, pela força das solicitações, a prometer algo que não deveria, posto que não teria nenhuma forma de concordar e cumprir; o que prova claramente sua sinceridade e boa-fé.

10º) O Mestre desejaria encontrar um meio físico de abrir seu coração a seus R+, a fim de que eles pudessem ler seu sincero devotamento para com eles e seu reconhecimento pelas ofertas que eles lhe fazem para lhe proporcionar um bem-estar temporal, tanto diretamente para si, quanto para sua esposa e seus filhos, relativo a seu trabalho. O M. responde, à atenção e à boa consideração que os R+ lhe desejam por bem, que não está em seu poder aceitar ofertas temporais assim vantajosas: 1º) Não acredita que as mereça; 2º) Ele não pode nem deve esperar nenhum bem temporal e espiritual neste baixo mundo que não venha diretamente do Eterno, a quem ele é inteiramente devotado, que ele se sente suficientemente pago e satisfeito com seus irmãos, e que se sente muitíssimo feliz por reconduzir homens ao seu primeiro princípio de virtude espiritual, do qual tiveram infelicidade de se afastar.

11º) O Mestre desaprova o extremo zelo do P. M. de Grainville com o qual ele propôs e fez em seu favor os R+. Ele deveria tê-lo consultado antes de empreender algo. Devia bem conhecer o que o M. lhe havia dito e escrito sobre esse caso quando ele estava no Oriente de Lyon, tendo recomendado muita consideração pela "Chose", tanto para seus chefes, quanto para seus membros. Ele não viu nessa ocasião no M. de Grainville a grande prudência que ele manifestou em ocasiões passadas. É desapontador para o M. que o M. de Grainville tenha se iludido com todo poder, sobre o espírito de sua esposa. Ele a conhecia mal, assim como seus pais, que a apóiam e a aconselham. Diante deles e de outras pessoas, ela violou a correspondência, na ausência do M., e leu em alta voz a carta que o M. de Grainville lhe escreveu para que se comprometesse em determinar seu marido a aceitar as ofertas do T. S. Ele sabe que ela se opõe fortemente ao que seu marido professa. Geralmente, "La Chose", vendo as grandes preocupações que ela teve pelos malvados que ali foram admitidos, essa carta continha a verdade mais ultrajante, que satisfazia principalmente da parte do M. de Grainville, o qual ainda vinha de receber os novos efeitos da retidão e da boa fé do M. Ela queimou de raiva essa carta e por pouco que não fez arder secretamente as coisas mais essenciais da ordem, que estão em uso. Essa carta ocasionou uma grande separação entre ela e o marido. Um terceiro foi o mediador, foi preciso que o M. promettesse de não responder as cartas do M. de Grainville, o que foi forçado a suspender por algum tempo. Ele escreverá, entretanto, em poucos dias, a seu caríssimo R+ G. V. sempre prestando a justiça que ele deve em seu zelo pela ordem e a amizade e devoção que ele manteve pelo M. Ele está inteiramente convencido de que se o M. de Grainville tivesse restrito a escrever somente ao M., como fez o T. S., tudo teria ocorrido bem e ele estaria agora para chegar a Paris. Ele teria mesmo viajado a pé, em lugar do cavalo, para satisfação do T. S., mas ele foi forçado pelo seu estado de marido e de pai de família de se privar ainda por um certo tempo de ver pessoalmente seus fieis irmãos, o que acontecerá o mais cedo possível. Toda a consolação em aguardar por esse tempo e de vê-los em seu espírito.

O M. se queixa também de que os R+ não o acompanharam em sua solicitação de um sinal característico, abaixo de seus nomes, com seus graus e dignidades de "La Chose". O M. poderia muito bem ignorar tais representações e exigências, e estaria no direito de não as responder. O selo no alto não basta para obtê-lo. Aqueles que se conduziram de forma análoga faltaram às leis da Ordem.

12º) O M. exorta os R+ a refletir sobre a resposta que ele deu às suas perguntas e objeções. Eles verão claramente sua franqueza e sua boa-fé. O T. S. equivocou-se em pensar que o M. se exprime assim

por desejar abandonar a ordem e seus membros. Mais do que nunca, ele trabalha com as instruções por escrito e se ocupa, atualmente, da obra que satisfará não apenas os homens justos, mas será muito própria para retirar os grandes perversos de seus erros e os conduzir ao auge da felicidade. Essa obra tem por título “*A Reintegração e a Reconciliação de todo ser espiritual criado com suas primeiras Virtudes, força e Potestade no esplendor Pessoal do qual todo ser todo ser gozará distintamente em presença do Criador*”,¹⁸ e não realiza essa obra, com toda segurança, para si mesmo. As coisas que ele conhece bastam para si. Ele pensa em seus fiéis irmãos, os quais não abandonará em seu destino, posto que eles querem se perseverar na "Chose" e segui-la cegamente.

O M. exorta os R+ de orar pelo repouso da alma de sua sogra, como ela o pediu antes de sua morte.

Nota: A presente resposta não possui nenhuma assinatura.

OBRA DE MARTINES

16 de Dezembro de 1770

Ireis receber em pouco tempo uma de minhas cartas que vos instruirá sobre o que tenho feito para o bem geral da "Chose" e de seus membros. É uma obra imensa; julgareis já pelo seu título.

Podereis, se tiverdes pressa de conceder o grau de Grande A. ao P. M. de La Chevalerie, procura no original que tens em mãos. Suprirei em seguida o que estiver incompleto e comunicareis aos novos ordenados sobre esse grau que poderá faltar.

Será operado previamente por todos os membros da Ordem que estejam regularizados, conforme a deliberação que acabo de transmitir ao meu círculo. Esta deliberação vos será encaminhada em breve, assim que for enviada aos P. M. de Foix e a alguns outros membros da Ordem distantes da capital.

O ABADE ROZIER

27 de Abril de 1771

O M. abade Rozier deve vos escrever para ser admitido entre nós. Respondei-lhe, pois se trata de um homem pleno de desejo. Ele não me deixa enquanto pode dispor da minha companhia, fica comigo até meia-noite. Ele começa a se convencer de que é aqui que encontrará o que tem buscado há tanto tempo. O fiz postular por sua admissão, todavia abreviarei suas penas segundo o que me escreverdes e segundo o que o considere capaz. M de la Borie, meu segundo, que está aqui comigo me encarrega de vos bem dizer coisas de sua parte, como também M. Cagnet, que é de um zelo espantoso.

1º de Novembro de 1771

Ainda vos comunico que enviei as cartas constitutivas a meu primo Cagnet. Ele partiu para Porto-Príncipe na qualidade de comissário geral da Marinha.

O M. de Saint-Martin sempre trabalha por vós.

O M. Abade Rozier me escreveu para se queixar sobre os alertas que me fizestes sobre sua pessoa. Eu lhe respondi que o grau em que ele está de Grande Eleito, apesar de toda justiça que não podia lhe recusar, eu tive minhas razões para avançar, primeiramente, a Srta. de Chevrier, que havia realmente trabalhado nessa parte por longos anos, e que pelo tratado, ele ainda foi admitido muito recentemente e nossos mistérios, para que lhes fossem confiados. Que ele não deixe de perseverar na confiança e que a luz não possa se afastar de si.

¹⁸ “Tratado da Reintegração dos Seres Criados”.

A Srta. de Chevrier está no grau de M. Cohen.

RECEPÇÃO DOS NOVOS MEMBROS

13 de Janeiro de 1772.

Não me seria possível, T. C. M., de vos proporcionar nem a regra, nem o modo de vos comportar no trato com os indivíduos que desejais trazer à ordem. Todas as instruções que enviaria a esse respeito se encontrariam desarranjadas pela menor circunstância. É por isso que Cristo defendia com tanto zelo a seus discípulos de jamais se preparar acerca do que deveriam dizer e isso porque eles deviam ter a confiança que Cristo estaria com eles e que assim não teriam mais necessidade de nada.

AS INSTRUÇÕES E OS GRAUS

12 de Outubro de 1773.

Na "Chose" os elogios que o T. P. M. Desère substituto universal D. L. me fez de vossa precisão em satisfazer escrupulosamente todos os vossos deveres na "Chose" e para aqueles que vos seguem. Obriga-me a não vos deixar nada mais e desejar para vós pôr-se a caminhar em direção ao objetivo que desejais da "Chose" e que haveis abraçado. Em conseqüência, eu vos previno que fiz aqui todas as instruções dos diversos graus de L.: desde a Classe de Pórtico até a de R + ; em seguida, terminei o repertório geral dos nomes, números, em junção com os caracteres e hieróglifos, os distintos quadros de operação e as várias invocações que devem acompanhar os quadros. O repertório geral interpreta o fruto resultante da operação. Com todas estas peças, os R + podem interpretar o fruto de seus trabalhos sem meu auxílio. Por conseguinte, disponho-me a transmitir ao T. P. Mestre Du Roy d'Hauterive, recentemente ordenado por correspondência R +, algumas instruções para que ele vos as transmita com o consentimento do T. P. M. substituto Desère. Já escrevi a este respeito aos T. P. M. Du Roy e Desère para me procurar o mais prontamente, a fim de que as comuniqueis aos discípulos de vosso G. T., discípulos estes que considereis os mais dignos para recebê-las, sobretudo o irmão Orcel, que me asseguro trabalha fortemente pela "Chose" o que me assegura antecipadamente o sucesso que ele terá em L.

Rogo-vos de abraçá-lo por mim, e inclusive a vossa cara irmã, que me confessou o desejo que ela tem de trilhar o caminho para a "Chose". Como acredito que deveis de lhe ter dado instruções relativas à "La Chose" o que lhe foi muito proveitoso, eu vos exorto a cultivar sua dedicação, aguardando que possa enviar o que for preciso para sua recepção e para a ordem a receber. Tudo aqui está pronto para essa ocasião, acolher uma dama, sendo ela tão digna. Ela é bastante instruída, mas não agiria em seu favor senão muito lentamente. Não devemos almejar pela quantidade de membros, mas pela qualidade.

A Ordem prossegue muito bem por aqui. Há grandes pessoas no T. S. que o T. P. M. Caignet estabeleceu em Porto-Príncipe. Desejo que ocorra o mesmo com o vosso G. Or.

Exorto-vos a suspender, até nova ordem, o reconhecimento do T. P. M. de Cressac, último R +, por razões conhecidas ao T. S. do G. Or. dessa colônia, as quais vos serão informadas na seqüência e tudo o que possa vir de sua parte seja para vós considerado como nulo.

O SUCESSOR DE MARTINES

O T. P. M. Caignet, que está abarrotado pelo peso dos negócios de seu estado, encarrega-me de vos informar mil coisas de sua parte, umas mais belas que as outras. Não podendo aproveitar da ocasião presente para vos escrever, ter-vos-ia escrito sem ter recebido nenhuma resposta. Respondei-o. Como minha intenção é de deixar em depósito todos meus originais em suas mãos, por razões poderosas de

meu conhecimento, é uma razão a mais para que estabeleceis com ele vossa correspondência, sendo obrigado de provider dele todas as instruções necessárias à ordem e a seus membros.

A LOJA NACIONAL DA FRANÇA

24 de Abril de 1771.

Não vos irei esconder que o P. M. de Caignet, assim como eu, juntamente com todos os membros que compõe o G. T. S. de meu G. O., ficamos surpresos e mesmo espantados quando vimos vosso nome em um embrulho que procedia da Loja Nacional da França e que fez mendigar uma soma de dinheiro a título de doação gratuita a senhores de distinção e todo respeito, às diversas lojas do Reinado, sob o pretexto de fazer-se construir um Templo para a instalação do M. Duque de Chartre. Como conciliar essa conduta de pedido de dinheiro gratuito para pessoas de alta consideração, cujas condições pessoais anunciam uma riqueza e uma opulência infinita. Quando vemos algo deslanchar, não se suspeita que há algo por detrás e que é uma bolsa de dinheiro que se quer lucrar. É realmente escandaloso para as pessoas que pensam ver seres de nome e da mais alta consideração, que se prestam a semelhante ação. Parece, neste impresso, que o M. de la Chevalerie está no comando desse novo estabelecimento e ele fez do abade Rozier um agente indiferente, mas ele está nisso por alguma coisa. A nossa Ordem não retém pessoas assim à força, pelo contrário, ela os deixa como os recebeu. Eles sempre tiveram sua liberdade. Caso contrário, eles não teriam nenhum mérito em fazer o bem em prejuízo do mal. Explicai-me como vosso nome se encontra posto nesse impresso que o P. M. Caignet recebeu de Paris, e um segundo volume semelhante que se lhe endereçou nestes dias, que teve o mesmo destino do primeiro, e foi desconsiderado.

A maior parte das lojas que estavam nessa colônia foram integralmente fechadas. Não resta mais nada em Porto-Príncipe a não ser alguns seres cujos estatutos gerais e segredos os excluem perpetuamente de "La Chose", sendo, sobretudo marcados com a letra B de nascença e entre outros bastardos de sangue misturados.

A carta que remeti ao P. M. de Saint-Martin está assinada pelo hieróglifo do G. S. e o do soberano substituto de ultramar e assinada por seu secretário geral do referido T. S.

O ESTATUTO GERAL

Eu me benefico da partida do F. Timbale, que vai a Bordeaux, para vos comunicar o envio que o T. S. de Porto Príncipe vos faz, que consiste no novo estatuto geral que seguireis regularmente e fareis que todos os vossos discípulos o sigam em todo o seu conteúdo. Igualmente, ele envia o catecismo de Comandante do Oriente, vós recebereis tudo isso pela via do T. P. M. Du Roy d'Hauterive. Há, ainda, os estatutos para a recepção de mulheres e os quadros para a recepção dos três primeiros graus. Conformer-vos-ei a este respeito, como está dito no último capítulo dos estatutos gerais que vos envio, no aguardo do envio que vos farei dos estatutos secretos que recebereis do T. S. de Porto Príncipe. Eu vos previno que o T. P. M. Soberano Substituto Caignet vos escreveu pela mesma via que o P. M. de Saint-Martin. Sua carta está inclusa na vossa missiva. Escrevei ao P. M. d'Hauterive para que ele vos despache prontamente o que vos mando. Comunico-vos que o T. P. M. Caignet de Lester foi constituído grande M. R +. Ele tem esse direito, como de hábito. Ele está aqui em minha presença e em minha ausência. Eu enviarei em breve a vosso grande templo a ordem de proclamação do P. M. Caignet para que anuncie a todos os membros da Ordem que estão no Grande Oriente da França.

P.S.: Lede com esmero o estatuto geral que vos envio certificado e selado com o timbre da Ordem. Tereis o cuidado de fazer assinar todos os irmãos de vosso G. L. as respectivas folhas do presente estatuto.

OS ADEPTOS DE MARTINES

Iremos agora elaborar, da melhor forma possível, uma lista dos principais personagens que seguiram o rito de Martines. Teremos o cuidado de indicar a data na qual cada pessoa é iniciada pela primeira vez.

Nome	Data da carta na qual o nome é citado pela primeira vez	Observações
Basset	19 de Junho de 1767	
d'Epéron	19 de Setembro de 1767	
Sellon	20 de Junho de 1768	
Du Guers	20 de Junho de 1768	Expulso da Ordem
d'Albenton	20 de Junho de 1768	
C. d'Abzac	20 de Junho de 1768	
de Case	20 de Junho de 1768	
de Bobie	20 de Junho de 1768	
de Julli Tafar	20 de Junho de 1768	
M. de Lescourt	20 de Junho de 1768	
L Claude de Saint-Martin	3 de Agosto de 1768	
de Grainville	3 de Agosto de 1768	
de Balzac	3 de Agosto de 1768	
Willermoz irmão (médico)	13 de Agosto de 1768	
O irmão de M. d'Áubenton	2 de Setembro de 1768	
de la Chevallerie	2 de Outubro de 1768	Substituto
de Champolion	25 de Novembro de 1768	
L e L ^a de Luzignan	19 de Fevereiro de 1769	
Dessingi	8 de Agosto de 1769	
Fournier ou Defournier	20 de Janeiro de 1770 e seguinte	
de Hauterive	16 de Fevereiro de 1770	
Desère	16 de Fevereiro de 1770	Capitão de artilharia, subcomandante de artilharia do castelo de Bordeaux.
Cav. De Calvimont, Cabory	16 de Fevereiro de 1770	
Schild	16 de Fevereiro de 1770	
Marcadi	16 de Fevereiro de 1770	
M. de Ségur	16 de Fevereiro de 1770	
M. de Calvimont	16 de Fevereiro de 1770	
Barbarin	16 de Fevereiro de 1770	
M. de Grivau	16 de Fevereiro de 1770	
Corbis	7 de Abril de 1770	
Abade Rozier	27 de Agosto de 1771	
M. de la Borie	27 de Agosto de 1771	
Caignet de Lester	27 de Agosto de 1771	Sucessor de Martines
Srta. de Chevrier	26 de Novembro de 1771	Mestre Cohen
Orcel	12 de Outubro de 1773	
de Cressac	12 de Outubro de 1773	Suspensão e afastado da Ordem
Timbale	3 de Agosto de 1774	

CONCLUSÃO

OS CRÍTICOS, MARTINES E O PAPEL DOS MARTINISTAS DESDE MARTINES ATÉ NOSSOS DIAS

MARTINES E SEUS BIÓGRAFOS

Tivemos a ocasião, a propósito de Saint-Martin, de voltar aos numerosos erros cometidos, devido à ausência de documentos, pelos críticos que se ocuparam de Martines.

Adolphe Franck, em sua obra sobre a Filosofia Mística na França, sente-se obrigado a informar, sobre a própria pessoa de Pasqually, a obscuridade que cercava sua obra, e causa um leve sorriso ao leitor, que acaba de percorrer os documentos que publicamos, ao ler os extratos seguintes retirados do livro de Adolphe Franck:

"Por exemplo, que sabemos acerca de Martinès Pasqually, esse misterioso personagem, vindo não se sabe de onde, que se encontra em todo lugar mas que não se pode surpreendê-lo em parte alguma, que desaparecia subitamente, da mesma forma como surgiu, indo buscar ao longe um ideal deixado inexplicado, como sua vida, após ter exercido sobre Saint-Martin uma decisiva influência?"

.....

"A névoa, que encobre sua vida, não é completamente dissipada pelo livro de M. Matter, nem mesmo pelos documentos inéditos que M. Matter teve a prodigalidade de pô-los à minha disposição".

"Sabemos que ele era filho de um israelita português, que veio – ignora-se em qual data e por qual motivo – se estabelecer em Grenoble".

.....

"Assim, não posso compartilhar da opinião comum, que faz de Martines Pasqually um israelita convertido ao catolicismo: jamais se citou um só fato que demonstre essa pretensa conversão; nunca ele pronunciou nem escreveu uma só palavra que pudesse se interpretar como uma profissão de fé católica".

Ora, nós pudemos ver que Martines possuía seu certificado de catolicidade, que ele acompanhava os officios religiosos e que fez batizar seu filho.

Isso responde à questão da religião.

Quanto á origem de sua família, somos obrigados a permanecer na dúvida até o dia em que encontrarmos a cópia do ato de matrimônio, ou certidão de casamento, de Martines, que procuramos em vão aqui. Adotemos, então, até nova ordem, a data de 1715, dada por Ad. Franck para o nascimento do mestre, mas rejeitemos redondamente a origem israelita e sejamos prudentes quanto à questão de seus ancestrais portugueses.

O autor da biografia de Martines no dicionário "Michaud" afirma com justa razão: "Os discípulos, mesmo os mais íntimos de Martines jamais souberam de sua pátria. É devido à sua linguagem que se presumiu que ele poderia ser português e mesmo judeu".

Adolphe Franck, sempre muito escrupuloso quando se trata de fixar uma data, admite, para o nascimento de Martines, o ano de 1715: "Nascido por 1715 em Portugal ou em Grenoble, de uma família de israelitas portugueses".

ESTADO DO MARTINISMO DESDE SUA FUNDAÇÃO ATÉ OS NOSSOS DIAS

O que resultou da obra de Martines?

As cartas de Saint-Martin e de Willermoz nos proporcionam todas as informações necessárias a esse respeito.

Foi Willermoz que, sozinho, após a Revolução, continuou a obra de seu iniciador, mesclando o Rito dos Elu Cohens com o Iluminismo do Barão de Hundt para formar o *Rito Eclético*.

Certos graus desse rito eram puramente Martinistas, conforme nos ensina a organização instituída em Lion (ver o *Estado das Sociedades Secretas em Lion em 1772*, cap. III).

M. J. Mounier, em sua obra sobre a *Influência atribuída aos franco-maçons na Revolução francesa*, diz ter conhecido muitos Martinistas espalhados pelas cidades das províncias meridionais.

Enfim, a passagem seguinte de uma carta de Willermoz nos permite acompanhar com segurança a Ordem Martinista até 1810: "Acabo de falar de um Estabelecimento maçônico em 1808 e que se constituí em seguida, em prefeitura provisória. Ele prospera muito sob o título de *Loja do centro dos amigos*. É um canteiro da Ordem, que nos tem prestado grandes serviços. Pois é pelo cuidado dos principais membros dessa loja, que foram junto comigo a Lion para obter e copiar os rituais, instruções e documentos de todos os graus do regime, que devemos a honra e a oportunidade inapreciável de contar agora com um chefe, um protetor e um Grande Mestre nacional do Regime Retificado na França, na pessoa de Ser. Irmão de Cambacérès (*in ordine Eques Joanes Jacobus Regie a legibus*)".

(*carta de Willermoz ao príncipe Charles de Hesse-Cassel*)

A passagem seguinte indica, ademais, que a Ordem havia feito sérios progressos em Libourne:

"Em uma iniciação, o F.: Jean Mathieu, na idade de vinte e três anos, negociante de Libourne, foi chamado a abjurar os erros que lhe foram suscitados em uma falsa Loja, geralmente reprovada e notadamente pelos T.: R.: G.: L.: de F.:, cujos erros eram ditados pelo profano e perturbador Paschallis e sua seita".

(*Historia da Fr.-Maçonaria em Angoulême, por Dents Mamoz, 1888, in-8º*)

Depois dessa época e até 1887, a Ordem Martinista foi transmitida por grupos de iniciadores ramificados sobretudo pela Itália e Alemanha.

A partir de 1887, um grande esforço foi empreendido para a real difusão da Ordem, e quatro anos após (1891), os resultados conquistados permitiram a criação de um Supremo Conselho de vinte e um membros, conservando sob sua obediência diversas lojas, tanto na França quanto na Europa.

Ademais, um grande número de Iniciadores Livres S.: I.: asseguram de forma definitiva a propagação da Ordem.

A escolha feita de nosso centro pelos Mestres do Invisível, para ali serem depositados os arquivos da Ordem, nós proporciona uma grande honra, que procuraremos justificar doravante e de acordo com nosso melhor entendimento, a obra deixada pelo Mestre.

FIM